CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS
Mestrado em Estudos de Linguagens

Jessica Lobato Ferreira

Imprensa e imaginários sociais: um estudo dos jornais *O Radical* e *O Rebate* – Carangola, MG

Belo Horizonte (MG)
2020

Jessica Lobato Ferreira

IMPRENSA E IMAGINÁRIOS SOCIAIS: um estudo dos jornais *O Radical* e *O Rebate* – Carangola, MG

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Estudos de Linguagens (POSLING) do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – CEFET-MG, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre.

Área de Concentração: Linha 4: Edição, linguagem e tecnologia.

Orientador: Prof. Dr. James William Goodwin Jr.

Coorientadora: Profª. Drª Lilian Aparecida Arão

Belo Horizonte (MG)
2020

Ferreira, Jessica Lobato.
F383i Imprensa e imaginários sociais : um estudo sobre os jornais O Radical e O Rebate - Carangola, MG / Jessica Lobato Ferreira. – 2020.
138 f. : il.

Orientador: James William Goodwin Jr.
Coorientadora: Lilian Aparecida Arão

Dissertação (mestrado) – Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, Belo Horizonte, 2020.
Bibliografia.

1. Jornais - Seções, colunas, etc. 2. Imaginário social. 3. Imprensa. 4. Carangola (MG). I. Goodwin Jr., James William. II. Arão, Lilian Aparecida. III. Título.

CDD: 070.172

Ficha elaborada pela Biblioteca - Campus I – CEFET-MG
Bibliotecário: Wagner Oliveira Braga CRB6 - 3261

Jessica Lobato Ferreira

Imprensa e imaginários sociais: um estudo sobre os jornais *O Radical* e *O Rebate* - Carangola, MG

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais - CEFET-MG, em 27 de maio de 2020, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos de Linguagens, aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos professores:

_____

Prof. Dr. James William Goodwin Jr. - CEFET/MG - Orientador

_____

Profª. Drª Lilian Aparecida Arão – CEFET/MG - Coorientadora

_____

Prof. Dr. Cláudio Humberto Lessa – CEFET/MG

_____

Prof. Dr. Irlen Antônio Gonçalves – CEFET/MG

Dedico este trabalho à minha família, aos meus pais (Valesca Izidoro Lobato) e (Tarciso de Almeida Ferreira), aos meus avós (Delizete Izidoro Lobato) e (José Alberto Guimarães Lobato) e em particular, ao meu esposo (Luiz Henrique S. de Oliveira) pelo incentivo a este trabalho, por acreditarem no meu potencial e não me deixarem desistir, apesar das inúmeras dificuldades.

Para Stella Lobato Oliveira.

AGRADECIMENTOS

Nesta trajetória desses anos de estudos, encontrei muitas dificuldades e problemas no caminho que pareciam inviabilizar a realização desta pesquisa. Mesmo assim, várias pessoas me apoiaram, contribuindo de alguma forma para este trabalho. A todos que me incentivaram, acreditaram em mim e não me deixaram desistir, o meu muito obrigada. E em especial:

Ao Prof. Dr. James William Goodwin Jr., por ter orientado, mediado e acompanhado com dedicação e paciência o meu processo de aprendizagem.

À Profª Drª Lilian Aparecida Arão, por ter me coorientado com dedicação, contribuído com novas ideias e novo referencial teórico, possibilitando novos caminhos a esta dissertação.

Ao Arquivo Histórico Geográfico Carangolense e, em especial, ao Me. Eduardo F. Pimentel, por terem possibilitado o meu acesso aos jornais *O Rebate* e *O Radical*, proporcionando condições para o desenvolvimento deste trabalho.

Ao Prof. Dr Bruno Guimarães Martins e ao Prof. Dr. Cláudio Humberto Lessa, por terem participado da qualificação deste trabalho e contribuído para o aperfeiçoamento desta dissertação.

Ao Prof. Dr. Cláudio Humberto Lessa e Prof. Dr. Irlen Antônio Gonçalves, por participarem da banca de defesa e proporcionarem a conclusão desta etapa de pesquisa.

RESUMO

O objetivo desta dissertação é relatar que imagens de cidadãos carangolenses eram construídas pelos jornais *O Radical* (1891) e *O Rebate* (1893) no final do século XIX. Percebemos a necessidade de estudos mais regionalizados, que englobem pesquisas interdisciplinares sobre a imprensa, avaliando os periódicos em suas diferentes possibilidades e contextos de desenvolvimento de análises. Considerando a proeminência econômica, social e cultural da cidade de Carangola, Minas Gerais, como um polo que contava com diversas publicações de periódicos, ainda pouco explorados em pesquisas, avaliamos a importância de um estudo dos jornais citados, publicados na cidade. Compreendemos que os referidos jornais procuravam estabelecer vínculos entre órgãos de notícia e a própria comunidade em que se encontravam. Em alguns relatos, percebemos uma aproximação dos jornais com os seus leitores, onde encontramos informações sobre o comportamento e os eventos ligados a pessoas e famílias tidas como modelares, exemplares. Embora à época ainda não constituíssem o que chamamos "colunas sociais", assim as classificamos devido a seu *corpus* temático e suas características textuais. Nas "colunas sociais" a construção da imagem do cidadão ideal carangolense, pelos jornais, mostra-se mais evidente, uma vez que os personagens que compõem a narrativa são idealizados a partir de seres reais, nomeados e caracterizados. Na segunda sessão, retomamos, em um apanhado histórico, algumas das questões que influenciaram as produções dos jornais citados e discutimos em que cenário econômico, social, político e cultural eles foram desenvolvidos. Na terceira sessão, aprofundamos nosso debate por meio dos seguintes conceitos discutidos por Patrick Charaudeau (2012; 2016; 2017): linguagem, discurso e imaginário social. Definimos, também, o gênero coluna social e suas características. Com isso, foi possível analisar os imaginários sociais e avaliar a imagem de cidadão carangolense que era construída e sustentada por esses periódicos. Concluímos que a imagem construída e representada pelos jornais, de cidadão carangolense ideal, também destinatário ideal da notícia, é caracterizada pela imagem de um homem branco bem sucedido; destacado em sua profissão ou atividade que exerce; poderoso, influente e detentor de grande estima

no meio social em que vive; virtuoso e comprometido com suas obrigações familiares e habituado aos conhecimentos e características ligados aos modelos ideais de atitudes e sofisticações da cultura europeia. As “colunas sociais” funcionam como uma espécie de “vitrine”, onde as personalidades das elites têm seus valores e modelos de conduta ideais exibidos a toda a sociedade.

Palavras-chave: jornais; colunas sociais; imaginários sociais; imprensa; Carangola.

ABSTRACT

The objective of this work is to identify which images of citizens from the city of Carangola were constructed by the newspapers *O Radical* (1891) and *O Rebate* (1893) at the end of the 19th century. We realize the need for more regionalised studies, which involve interdisciplinary research concerning the press, addressing the newspapers in their different possibilities and contexts for analysis development. Given the economic, social and cultural prominence of the city of Carangola, Minas Gerais / Brazil, as a pole that published several journals, still little explored in research, we consider it important to carry out a study of the aforementioned newspapers, published in the city. We understand that these newspapers sought to establish links between news organizations and the community in which they were located. In some reports, we noticed a proximity of the newspapers with their readers, in which we found information about the behavior and events related to people and families considered as models, exemplars. Although at the time these sections did not yet constitute what we now call “social column”, we classified them this way due to their thematic corpus and their textual characteristics. In the “social column”, the construction of the image of the ideal Carangolan citizen, by the newspapers, is more evident, since the characters that make up the narrative are idealized from real beings, named and characterized. In the second session, we return, in a historical overview, to some of the issues that influenced the production of the aforementioned newspapers and discuss in which economic, social, political and cultural scenario they were developed. In the third session, we deepen our debate through the following concepts discussed by Patrick Charaudeau (2012; 2016; 2017): language, discourse and social imaginary. We also define the social column genre and its characteristics. Thus, it was possible to analyze the social imaginary and evaluate the image of Carangolan citizens that was built and supported by these newspapers. We conclude that the image constructed and represented by the newspapers of an ideal Carangolan citizen, also an ideal reader of the news, is characterized by the figure of a successful white man; outstanding in his profession or activity; a powerful, influential and highly esteemed man in the social environment

in which he lives; a virtuous man, committed to his family obligations and used to the knowledge and characteristics linked to the ideal models of attitudes and sophistications from European culture. The "social columns" function as a kind of “showcase”, where the personalities of the elites have their ideal values and models of conduct displayed to the whole society.

Keywords: newspapers; social columns; social imaginary; press; Carangola.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Anúncio de tipografia 41
FIGURA 2 - Companhia Estrada de Ferro Leopoldina 56
FIGURA 3 - Programa da Festa de Santa Luzia 68

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Situação monologal 66
QUADRO 2 - Contrato de comunicação 71
QUADRO 3 - Textos das “colunas sociais” 96

SUMÁRIO

	Introdução.	14
1	**Carangola e a imprensa**	20
1.1	A imprensa e a república	20
1.2	Os Tempos Modernos – Os ideais de progresso e civilização	23
1.3	Os valores da Imprensa.	26
1.4	Minas Gerais e o desenvolvimento da zona da mata mineira	28
1.5	A história de Carangola, Minas Gerais	30
1.5.1	O *Radical* (1891)	36
1.5.2	O *Rebate* (1893)	41
1.6	As relações entre jornais	49
1.6.1	*O Radical* e outros jornais	50
1.6.2	*O Rebate* e outros jornais	52
2	**Linguagem, discurso e informação**	59
2.1	O fenômeno linguageiro.	59
2.1.1	As instâncias do ato de comunicação	60
2.1.2	As circunstâncias do discurso	62
2.1.3	A situação de comunicação	63
2.2	O contrato de comunicação	69
2.2.1	As características do contrato de comunicação.	73
2.2.1.1	A “condição de identidade”	76
2.2.1.2	A “condição de finalidade”	78
2.2.1.3	A “condição de propósito”	80
2.2.1.4	A “condição de dispositivo”	80
2.3	Os “gêneros textuais”	82
2.3.1	O gênero “coluna social”	83

2.4 O imaginário social 86
2.4.1 O analista e o imaginário social 90
3 As “colunas sociais” e o imaginário social. 94
3.1 As “colunas sociais”. 95
3.2 Casamento 96
3.3 Acidente 99
3.4 Comemoração 100
3.5 Educação 103
3.6 Compra/venda de terras. 104
3.7 Mudança para a cidade de Carangola. 106
3.8 Aniversário 108
3.9 Visita à cidade de Carangola 110
3.10 Falecimento 112
3.11 Nascimento 114
Considerações finais 118
Anexos 129

INTRODUÇÃO

O presente trabalho propõe-se a analisar as representações sociais e de poder na imprensa de Carangola na última década século XIX. Para isso, identificaremos que imagens de cidadãos carangolenses eram construídas pelos jornais *O Radical* (1891) e *O Rebate* (1893).

Em um primeiro momento, em uma abordagem exploratória e documental, foi necessária a verificação da existência (circulação e produção) de jornais em Carangola, na virada do século XIX para o XX. Dessa forma, iniciamos nossa pesquisa no acervo do Arquivo Histórico Geográfico Carangolense, onde pudemos encontrar 8 exemplares, de fascículos distintos, de *O Radical* (1891); 39 de O *Rebate* (1893); e 103 de *O Progressista* (1903-1904-1906).

Considerando a hipótese da existência de outros jornais no período e a necessidade de uma pesquisa mais abrangente, em um segundo momento, optamos pela investigação da imprensa de Carangola em variadas fontes bibliográficas, as quais remetiam à história da imprensa e à história local. Foi possível, então, encontrar relatos de outros títulos, evidenciando a existência de uma imprensa muito mais ampla e abrangente, que ia além das referidas edições encontradas. Analisamos as informações apontadas pela *Gazeta de Carangola* (1892), pelo *Anuário Estatístico do Brasil* (1908-1912) e por Rogério Carelli (2002).

Vale destacar que os títulos de jornais localizados no referido Arquivo apresentam uma grande variedade de exemplares com datas diferentes, o que nos possibilitou uma análise mais detalhada de seus conteúdos. Muitos desses exemplares eram inéditos em pesquisas do campo acadêmico.

Como resultado de um aprofundamento inicial nas pesquisas dos jornais levantados, apresentamos, no *XI Encontro Nacional de História da Mídia* (Alcar), que aconteceu na Universidade Presbiteriana Mackenzie-SP, de 8 a 10 de junho de 2017, o artigo “Imprensa e cordialidade em Carangola: uma análise do jornal *O Radical*”. Tal trabalho contou com a coautoria de Luiz Henrique Oliveira,

coordenador do Grupo Interdisciplinar de Estudos do Campo Editorial (GIECE/ CEFET-MG), coletivo acadêmico do qual sou integrante.

Como trataremos de estudos ainda iniciais dos jornais de Carangola, e face às limitações de tempo e espaço inerentes à dissertação proposta, limitaremos o recorte dos jornais às publicações de *O Radical* (1891) e *O Rebate* (1893), no intuito de aprofundar melhor a nossa pesquisa. Frisamos, porém, que as considerações de *O Progressista* (1903, 1904 e 1906) não serão esquecidas. É nossa pretensão estudar os fascículos deste último periódico em pesquisas futuras.

Registramos a existência de muitos e significativos trabalhos referentes à história da imprensa brasileira. Apesar disso, há ainda bastante a ser estudado, principalmente se considerarmos as produções do final do século XIX realizadas no interior do país. A história do jornalismo, em sua maior parte, privilegia os estudos da "grande imprensa"[1] e da imprensa oficial das grandes capitais estaduais e do eixo Rio de Janeiro – São Paulo, deixando às margens os estudos de imprensa local, no interior do país.

Se analisarmos os movimentos recentes de publicações, desde o final do século XX, perceberemos uma tendência de valorização da pesquisa que abrange jornais que não se enquadram nos parâmetros da "grande imprensa". Dessa forma, temos um número crescente, apesar de ainda insuficiente, de produções acadêmicas que pautam o estudo de jornais em suas múltiplas configurações. Cada vez mais, o jornal impresso, em toda parte do país, independentemente da quantidade e periodicidade de sua tiragem, assim como das tecnologias empregadas, tem sido valorizado como fonte histórica, sendo objeto de estudos para pesquisas. Alguns exemplos de pesquisas atuais que também investigam e valorizam a história da imprensa, fora da restrição da "grande imprensa", podem ser observados em Castro e Vaz (1997), Briskievicz (2002), Pinto (2014), entre outros. Podemos citar como exemplo, também, a existência de investigações sobre a história da imprensa no interior de Minas Gerais, especificamente na zona da mata mineira, como os estudos de Goodwin Jr. (2015), que analisam os jornais de Diamantina e Juiz de Fora, no período de 1884 a 1914.

---

[1] Consideramos, aqui, a grande imprensa como constituída sob o modelo empresarial e produtora de jornais de grandes tiragens (CASTRO & VAZ, 1997).

Percebemos, contudo, a necessidade de estudos mais regionalizados, que englobem pesquisas da área de história da imprensa, em suas diferentes possibilidades e contextos de desenvolvimento de análises, em aspectos de linguagem, tecnologia e edição. Conforme afirma o autor Goodwin Jr. (2015, p. 103) “a produção do texto é a produção social do acontecimento, logo a produção da memória. Quem produz a memória, influencia a história e tende a dar a ela sentido”.

O período, do final do século XIX, é marcado por diversas mudanças no cenário urbano. Elementos de modernidade eram desenvolvidos e começavam a configurar-se em uma nova ordem de valores, inclusive influenciando aspectos culturais e relações sociais. Dentre os elementos que configuravam a modernidade salientamos a presença da imprensa como “defensora” e “questionadora” desses valores. Os jornais procuravam ocupar um lugar de destaque social, apresentando-se como divulgadores da realidade e da verdade absoluta (CAPELATO, 1989).

Apesar do pensamento dominante da época em que se concentra esta dissertação, tanto entre os profissionais da imprensa quanto entre os seus leitores, de que a imprensa traduzia a verdade absoluta, devemos compreender que a produção de um jornal era (e é) um processo permeado de escolhas, recortes, subjetividades pessoais e conjunturais. Consideramos que os jornais não apenas propunham uma leitura dos fatos, como atuavam sobre eles. Na maioria das vezes, o que predominava era a configuração intencional do discurso dominante. A imprensa apresentava-se como um espaço político por excelência, estando direta e/ou indiretamente ligada aos órgãos oficiais do poder, sendo, também, uma grande influenciadora do poder público e um espaço de manifestação de vários grupos sociais privados.

Propomos, dessa forma, que a imprensa local era o meio de comunicação que se encontrava mais próximo da realidade espacial da comunidade dos leitores no período, o que também se traduzia na realidade de Carangola. Os jornais procuravam estabelecer vínculos entre órgãos de notícia e a própria comunidade em que se encontravam. Em alguns relatos, foi possível percebermos uma aproximação do jornal com os seus leitores, quando estes foram mencionados e representados em suas páginas, possuindo nomes, endereços, identidades específicas e características próprias. Nestes espaços encontramos informações sobre o

comportamento e os eventos ligados a pessoas e famílias tidas como modelares, exemplares. Encontramos relatos de aniversários, casamentos, batizados, velórios, festas, comemorações locais, viagens e outros acontecimentos.

Pudemos identificar que há textos em *O Radical* e *O Rebate* que, embora à época ainda não constituíssem o que chamamos "colunas sociais", assim os classificamos devido a seu *corpus* temático e às suas características textuais. Agrupamos esses textos dentro de uma mesma finalidade (mais ou menos variável) com o objetivo de informar os leitores sobre os eventos e outros acontecimentos ligados às elites locais.

Nas "colunas sociais", a construção da imagem do cidadão ideal carangolense pelos jornais mostra-se mais evidente, uma vez que os personagens que compõem a narrativa são idealizados a partir de seres reais, nomeados e caracterizados. Observamos que as informações das colunas, divulgadas por *O Rebate* e *O Radical*, contribuem para que seus leitores estabeleçam relações de convívio e de poder com outros leitores, já identificados como integrantes do mesmo grupo social. Elas também servem para estabelecer relações com indivíduos/situações "modelares", "exemplares" daquilo que o jornal pretende afirmar como a "boa sociedade carangolense". Os acontecimentos foram narrados tendo em vista a participação de personagens reais, membros das elites locais. Já os destinatários (leitores do jornal) foram idealizados como participantes dessas mesmas elites. Ao analisarmos os imaginários sociais que configuram o discurso, foi possível identificarmos características e aspectos da construção da imagem do cidadão carangolense ideal, representados pelos jornais como leitores ideais.

Procuramos compreender, a partir de Patrick Charaudeau (2012; 2016; 2017), que imagem de cidadão carangolense era construída e demonstrada nas páginas das colunas sociais.

Foi possível identificar alguns imaginários sociais ligados às representações das elites locais. Percebemos a repetição de imaginários relacionados às comemorações e festividades, às patentes da guarda nacional, à mulher e ao feminino, ao capitalista, ao homem e a masculinidade, à morte e outros assuntos. Identificamos, também, a valorização das características modernas e das culturas europeias, tidas como modelares.

Selecionamos as “colunas sociais” que exemplificam a maior variedade de temas, dentre todo o nosso *corpus* de exemplares, garantindo, assim, um amplo leque de possibilidades interpretativas pelo critério do imaginário social.

Discutimos, na segunda sessão, a implantação do regime republicano no Brasil e seus desdobramentos, assim como os ideais de modernidade, atrelados às noções de progresso e civilização. Tratamos, também, de como se deu o desenvolvimento da imprensa no período aqui estudado e caracterizamos os principais valores concernentes à atividade do profissional de redação. Consideramos o cenário de desenvolvimento social, político, econômico e cultural da região da zona da mata mineira e, mais especificamente, a de Santa Luzia do Carangola, atual Carangola. Com isso, foi possível compreender algumas situações que ocasionaram mudanças no país e impactaram a imprensa, além de situações e particularidades de influência regional e local. Com a apresentação de características diversas (conteúdo, produção, relação com publicações de outros periódicos etc.) dos jornais *O Radical* e *O Rebate,* tivemos um melhor entendimento sobre os aspectos específicos da imprensa local. Para isso, contamos com leituras de diversos autores, como Sodré (1966), Bahia (1990), Mercadante (1990), Carelli (2002), Sevcenko (2003), Barbosa (2010), Goodwin Jr. (2015) e outros.

Posteriormente, na terceira sessão, apresentamos as principais ideias de Patrick Charaudeau sobre linguagem e discurso, a fim criar o embasamento teórico necessário para discutir o que significa informar e como se delineia o contrato do discurso informativo sob a perspectiva da Semiolinguística. Discutimos, também, os gêneros textuais e as características das “colunas sociais” como gênero, além do conceito de imaginários sociais e a sua aplicabilidade, delineando o arcabouço teórico necessário para a análise discursiva de textos dos jornais *O Radical* (1891) e *O Rebate* (1893). Dessa forma, recorremos: às discussões de Charaudeau (2016) e Mari *et al* (2001) sobre o fenômeno linguageiro; às elucidações de Charaudeau (2012; 2017) sobre as instâncias do ato de comunicação; e às propostas de Charaudeau (2016; 2017) sobre as circunstâncias do discurso e a situação de comunicação. Discutimos, também, o contrato de comunicação e as suas características, a partir de Charaudeau (2016; 2017). O conceito de gênero textual foi debatido conforme Marcuschi (2003) e aprofundado na classificação de coluna

social como gênero, de acordo com Silva (2010). Com as elucidações de Mari (2001), Orlandi (2004), Charaudeau (2012; 2016; 2017) e Pessoa (2018), foi possível discutirmos a noção de imaginários sociais e a sua aplicabilidade como ferramenta de análise discursiva.

Em seguida, na quarta sessão, analisamos alguns relatos das “colunas sociais” dos jornais *O Radical* (1891) e *O Rebate* (1893). Foram consideradas quatro “colunas sociais” de *O Radical* e outras seis de *O Rebate*, totalizando 10 “colunas sociais” analisadas. Refletimos sobre o imaginário social concernente a alguns dos termos que circunscrevem os discursos dos relatos selecionadas. Utilizamos a reflexão dos componentes de organização discursiva como instrumento para interrogação sobre os “possíveis interpretativos” (CHARAUDEAU 2017).

Por fim, nas considerações finais, identificamos a repetição de alguns imaginários sociais e de algumas características específicas nos discursos das “colunas”. A reflexão sobre os imaginários sociais nos permitiu a formulação de apontamentos sobre a construção de um perfil ideal de sociedade carangolense. Dessa forma, identificamos a imagem de cidadão/leitor ideal que era construída e divulgada pelos jornais como modelo ideal.

1. CARANGOLA E A IMPRENSA

Autores como Nelson Werneck Sodré (1966), Juarez Bahia (1990), Maria Céres Castro e Paulo Vaz (1997), Nicolau Sevcenko (1998), Marialva Barbosa (2010), James Goodwin Jr. (2015), entre outros, realizaram importantes pesquisas sobre aspectos da imprensa, inclusive abordando características socioeconômicas e culturais do período em estudo. Como apoio para as reflexões sobre os aspectos gerais da imprensa de Carangola, utilizamos algumas discussões dos referidos autores. O objetivo das ponderações é identificarmos, em um panorama geral, primeiramente, características do desenvolvimento da imprensa no país e em Minas Gerais. Abordaremos alguns eventos que ajudam a melhor compreender as grandes mudanças que influenciaram a configuração social do país. Situações que impactaram as caraterísticas de desenvolvimento da imprensa local em Carangola.

1.1 A imprensa e a República

A proclamação da República brasileira, que aconteceu no dia 15 de novembro de 1889, mudou a configuração política de todo o país. Temos na figura do Marechal Deodoro da Fonseca o líder do ato que colocou fim na monarquia e instituiu o primeiro presidente da república, em um governo provisório (1889-1891).

Múltiplas e profundas transformações aconteceram pelo país. São complexos os acontecimentos que levaram à queda do Império no Brasil. Entre eles estão o processo de industrialização e urbanização, o antagonismo entre zonas produtoras de café e a campanha pela federação. O regime monárquico já vinha perdendo apoio político de setores influentes, como os cafeicultores do Vale do Paraíba, descontentes com a abolição da escravatura; os cafeicultores do Oeste paulista, ansiosos por mais modernização e mais autonomia político-econômica; os militares, insatisfeitos desde os acontecimentos da guerra do Paraguai; e a Igreja Católica, que não via seus interesses atendidos de maneira satisfatória. Outro fator importante foi conhecido como a questão dinástica, que consistia na falta de um

herdeiro homem para o Império. A morte do imperador levaria ao trono a princesa Isabel que, assim como o seu marido, o conde d'Eu, não possuía o apoio de parte influente da população[2]. Aliado ao descontentamento das elites com o império, temos também as classes médias urbanas e emergentes, ansiando por um sistema político mais moderno e condizente com as reformas que acreditavam necessitar o país (NEVES, 2003)[3].

A República resultou da aliança entre grupos ativos das classes médias urbanas e representantes dos setores mais dinâmicos da classe senhorial, bem como dos setores mais reacionários, como os escravocratas, que ajudaram a derrubar a monarquia como vingança pela abolição do trabalho forçado. Ainda que oposta à república, a igreja católica também não defendeu abertamente a monarquia, pelos atritos com a ala ultramontana do catolicismo. O exército, identificado com os interesses das classes médias, realizou a mudança do regime que deixara de atender às necessidades de parcelas importantes da sociedade (NEVES, 2003) [4].

A instauração da República não trouxe grandes mudanças para ampla parcela do povo brasileiro. O poder continuou concentrado nas mãos das elites econômicas e políticas. "A República se faria como a Independência se fizera, sem a colaboração das massas" (COSTA, 1999, p. 15).

A mudança de Regime também teve seus reflexos na imprensa, revelando, muitas vezes, as contradições do país e levando propostas à discussão, com discursos eloquentes e sempre trazendo opiniões fortes sobre os ideais que eram defendidos. "Questões e reformas refletiam-se na imprensa, naturalmente, e esta ampliava a sua influência" (SODRÉ, 1966, p. 256). Cabe constatar que os ideais republicanos conquistaram diversos jornais que defendiam os valores do novo regime por todo o país, incluindo publicações interioranas (SODRÉ, 1966, p. 263-264).

---

[2] A impopularidade da princesa Isabel devia-se ao machismo e ao descontentamento por ela ser abolicionista (cf. SILVA, 2003).

[3] Para maiores informações, ver: SILVA, Eduardo. *As camélias do Leblon e a abolição da escravatura*: uma investigação de História Cultural. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

[4] Para maiores informações, indicamos a leitura de: CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados*: o Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

Também em Carangola a imprensa envolveu-se na discussão sobre a mudança de regime. Dois anos depois da instalação da República, um dos jornais locais, *O Radical*, publicou um artigo defendendo o "voto livre":

> Firmes na convicção em que nos achamos de despertar o povo da letargia em que se acha, como que esquecido de sua gloriosa soberania, embora conheçamos as sinuosidades do terreno, sentimo-nos animados da insuperável coragem transmitida pela sublimidade da causa que nos propusemos a defender.
> Não deixa de ser bastante tardia a lembrança da nossa ingente tarefa, pois que o período eleitoral nos bate à porta, mas mesmo assim nos achamos convencidos que, pelo patriotismo de cada um cidadão, muito conseguiremos, a fim de que a eleição que se tem de proceder em dezembro, para a escolha de vereadores e de conselhos distritais, será na realidade a expressão fiel da lei, ficando postergado o sistema carunchoso de ser o cidadão eleitor apenas um automático portador de uma cédula, verdadeira expressão da vontade alheia.
> Não podemos acreditar que o brio e a dignidade do eleitor se tenha desfigurado e enfraquecido por tal maneira que possa sufocar o grito de indignação que naturalmente excita na alma de todo aquele que se diz brasileiro e que se acha, pela revolução, liberto do julgo dos malditos espíritos retrógados.
> Não podemos, por forma alguma, aconselhar abstenção às urnas, se como é de esperar os grandes da terra entenderem que o crime do governo é perder uma eleição e queiram à força sustentar a chapa de ferro.
> Quando mesmo assim aconteça, nós, o povo, não devemos recuar ao primeiro encontro.
> Às urnas, pois, mas para eleger o cidadão, que se distingue por seus merecimentos pessoais, e nunca aqueles que se impõem por uma fanfarrônica posição de verdadeiro parasita espoliadores do erário público (*O Radical*, número 10, 05 nov. 1891)[5].

Apesar da grande movimentação da imprensa em torno do cenário político da época, a mudança do regime não alterou, em grande medida, o cenário de desenvolvimento dos jornais. Em muitas cidades, os grandes jornais continuaram os mesmos, com mais prestígio os republicanos e menos fortes os monarquistas. De imediato, não houve o surgimento de grandes periódicos, apenas os pequenos, de vida efêmera, multiplicaram-se, vindo a desaparecer em pouco tempo. Alguns jornalistas[6] de destaque, com ênfase na defesa dos ideais republicanos, passaram a ocupar funções políticas, como também já ocorria no tempo do Império (SODRÉ, 1966, p. 287).

---

[5] Sempre que mencionarmos os jornais e transcrevermos informações de suas páginas faremos as adequações linguísticas indicadas ao nosso contexto atual.
[6] O termo jornalista, utilizado aqui, refere-se aos profissionais atuantes nos jornais na época.

1.2 Os Tempos Modernos – Os ideais de progresso e civilização

O final do século XIX é marcado por diversas mudanças no cenário urbano. Elementos de modernidade eram desenvolvidos e começavam a configurar-se em uma nova ordem de valores, inclusive influenciando aspectos culturais e relações sociais.

> O século XIX foi um período de avanços científicos prodigiosos, durante o qual campos completamente novos das ciências surgiram [...]. O desenvolvimento tecnológico também foi espetacular – talvez mais ainda do que o científico na mente do grande público. Transporte, eletrificação, indústrias químicas, controle de doenças – a lista é infinita – estavam alterando a sociedade de modo profundo e irreversível. Por volta de 1900 o poder tecnológico estava muito além do que qualquer outro século jamais sonhara. Não havia precedente histórico para o que se passava [...] (TOLSTÓI *apud* SEVECENKO, 1998, p. 514).

O cenário urbano, no período em destaque, sofreu variadas e profundas mudanças, anunciando uma nova configuração cultural. As alterações econômicas e políticas da sociedade brasileira fortaleceram o movimento de urbanização, tornando as áreas urbanas espaço privilegiado de representação dos novos tempos[7].

A imprensa brasileira no período também sofreu grandes modificações. O advento de novas tecnologias e as novas relações de trabalho afetaram diretamente o modo de produção dos periódicos. Foram criadas as máquinas linotipos, que eram capazes de substituir o trabalho de até 12 das antigas composições manuais, constituindo-se em máquinas capazes de produzir de 10 a 20 mil exemplares por hora. As novas máquinas também eram capazes de reproduzir imagens com maior qualidade, visualizando o que antes era descrito em palavras. Também os métodos fotoquímicos permitiram a publicação de clichês em cores (BARBOSA, 2010).

Vale destacar que as novas tecnologias não eram empregadas da mesma forma em todo o território, variando muito entre os periódicos da mesma cidade e, mais ainda, entre as diferentes regiões do país. A imprensa regional não segue o

[7] Para maiores informações sobre o fenômeno da urbanização no período, indicamos a leitura de: AZEVEDO, André Nunes de. *A grande reforma urbana do Rio de Janeiro*: Pereira Passos, Rodrigues Alves e as ideias de civilização e progresso. Rio de Janeiro: Mauad X; PUC-RJ, 2016; CONLIN, Jonathan. *Histórias de duas cidades*: Paris, Londres e o nascimento da cidade moderna. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015; HARVEY, David. *Paris*, capital da modernidade. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015.

mesmo padrão das “grandes cidades”. Cada jornal incorporou e adaptou-se às novas tecnologias de acordo com os seus interesses, a sua condição financeira e a sua percepção frente à necessidade de mudança, o que consiste em um processo longo, amplo e instável. Como seria de se esperar, a imprensa da capital, Rio de Janeiro, foi sem dúvida a primeira a se modernizar e a inspirar mudanças nos jornais de todo o país.

Também em Carangola, é possível perceber mudanças no processo de produção dos seus periódicos. O advento de novas tecnologias na tipografia de *O Rebate* procurava aprimorar a produção e ampliar a distribuição dos seus jornais:

> **MELHORAMENTOS CONSIDERÁVEIS**
> *O Rebate* acaba de passar por uma série de reformas que lhe dão, por assim dizer, um lugar proeminente no jornalismo do Carangola.
> É assim que o Sr. Elias Filgueiras introduziu um melhoramento considerável na sala de impressão demolindo paredes, arrancando certos e determinados obstáculos sérios que impediam a largueza de movimentos e instalando a tipografia num salão vasto, cômodo e confortável, em todo o comprimento da casa.
> É exato que deve a permissão de fazê-lo ao respectivo [trecho ilegível] gentilmente a concedeu, sendo credor por isso da nossa estima e agradecimento.
> Por outro lado, os proprietários mandaram vir várias máquinas indispensáveis ao serviço, tais como um cortador de papel e uma grande máquina de impressão, apta à tiragem d’*O Rebate,* de modo a facilitar o aprontamento rápido de serviços pela máquina aonde atualmente é tirada esta folha.
> Além disso recebeu o mais variado sortimento de cartões, papel para faturas e transações comerciais, escolhido papel para cartas, custando uma resma a módica quantia de 20$; enfim, objetos indispensáveis ao bom gosto e à utilidade em Carangola.
> Vai uma animação desusada entre nós. Cria-se alma nova, por assim dizer, e cabe-nos somente agradecer aos nossos assinantes a aluvião de pedidos de assinaturas e de encomendas a satisfazer.
> Very well![8] (*O Rebate*, número 12, 29 jun. 1893).

A tipografia não funciona apenas como gráfica do jornal. Ela também oferece serviços diversos ao mercado local.

Além do modo de produção, percebemos ainda que, no final do século XIX, o discurso dos periódicos também sofreu modificações. Os jornais passaram a representar, cada vez mais, a modernidade, transmitindo os valores entendidos como adequados ao novo tempo (BARBOSA, 2010, p. 21). A imprensa faz-se

[8] Percebemos aqui o uso de estrangeirismos. A prática de utilizar palavras estrangeiras, empregada frequentemente pelo jornal O *Rebate*, será discutida na quarta sessão.

presente como “defensora” e “questionadora” dos valores relacionados a boa moral e aos bons costumes. Os jornais procuravam ocupar um lugar de destaque social, apresentando-se como divulgadores da realidade e da verdade absoluta (GOODWIN Jr., 2015).

No Brasil, a cidade do Rio de Janeiro reforçava seu papel de metrópole-modelo. Sede do governo, centro cultural, maior porto, maior cidade e cartão de visita do país, atraía os olhares de toda a população e de estrangeiros. A cidade era cada vez mais um dos eixos das grandes transformações modernas, tornando-se um palco de atuação com visibilidade em todo o território nacional e no mundo. O Rio passa a ditar não só as novas modas e comportamentos, mas acima de tudo “o sistema de valores, o modo de vida, a sensibilidade, o estado de espírito e as disposições pulsionais que articulam a modernidade” (SEVCENKO, 2003, p. 522).

Nos jornais de Carangola, a influência do Rio de Janeiro é claramente perceptível. Os valores modernos são superestimados, considerando como modelo ideal a maneira de ser relacionada aos padrões da sociedade carioca. É possível observar, na imprensa local carangolense, a supervalorização do Rio de Janeiro como metrópole-modelo:

> **Consórcio** [sic] - Sábado, 20 do corrente, na casa do nosso particular amigo Hilario Machado, realizaram-se as cerimônias religiosa e civil do enlace do Sr. Francisco de Sales Dias Ribeiro Júnior, filho do digno Dr. Juiz de direito desta comarca e a Exma. Sra. D. Plantila Machado, distintíssima filha do Sr. Hilário. Depois de realizado o casamento sob a sua dupla forma comum, o Sr. Hilario e sua Exma. Sra. ofereceram magnífico serviço de doces aos convidados, expressamente vindo do Castellaes, Rio, aonde o espírito dos obsequiados oscilou hesitante a amabilidade inexcedível da família Machado e a excelência do serviço feito com toda a arte e rigor que o Rio sabe imprimir aos produtos que exporta [...]. Parabéns aos noivos. (*O Rebate*, número 07, 25 mai.1893).

Uma nova concepção de tempo e de história acompanha as múltiplas mudanças. Ser identificado como moderno implicava estar alinhado com a tecnologia e com a atitude individualista. Além disso, o homem moderno era obrigatoriamente associado aos símbolos cosmopolitas, em especial àqueles de origem europeia e estadunidenses; era uma prática e um modo de vida. Como símbolo dos ideais modernos de progresso e civilização, procurando imitar os

valores e modos de viver das culturas europeias e estadunidenses, a cidade do Rio de Janeiro ditava as regras e normas para o restante do país (SEVCENKO, 2003).

Destacamos, desta forma, a importância dos periódicos e do papel do "jornalista" na reformulação da nova configuração de ordem social. Assumindo o papel de guia e condutor da sociedade, o jornal levava ao público o modelo ideal de homem moderno – ilustrado, no Brasil, pelo cidadão carioca – que influenciava leitores de todo o país, sendo por estes copiado.

1.3 Os valores da imprensa

Durante a transição do período Imperial para a República, podemos encontrar no jornalismo do país, segundo Juarez Bahia, o desenvolvimento de ideias de responsabilidade civil:

> Uma consciência dominante então é a de que a imprensa deve situar-se num plano de interesse público, de identificação com os sentimentos de valorização da ordem jurídica, de aperfeiçoamento das instituições e de conquistas sociais voltadas para o indivíduo. Predominam os ideais positivistas, o publicismo assume caráter pedagógico (BAHIA, 1990, p. 108).

Vale lembrar que muitos jornais da época eram declaradamente opinativos e este era um costume da imprensa. O ideal de imparcialidade, atrelado ao fator de não opinar - que na atualidade é valorizado e destacado como um modelo a ser seguido pela imprensa brasileira e mundial - desenvolvia-se gradativamente, convivendo com outras maneiras socialmente aceitáveis de se fazer imprensa.

Sobre os valores da imprensa, que começavam a formar-se e a destacar-se, no período, ressaltamos que as bases para a construção do ideal de objetividade do jornalismo encontravam-se em configuração desde o final do século XIX (BARBOSA, 2010, p. 40). Conforme Marialva Barbosa, "o mito da objetividade deve ser percebido na longa duração, como um simbolismo construído pelas próprias empresas jornalísticas" (BARBOSA, 2010, p. 40).

É nesse período, ainda no século XIX, que surge a primeira metodologia que tentava compreender a configuração da elaboração das notícias. Denominada de "Teoria do Espelho", sua base é a de que o jornalismo reflete a realidade. Nesta

visão, “a imprensa funciona como um espelho do real, apresentando um aspecto claro dos acontecimentos do cotidiano” (PENA, 2012, p. 123).

Apesar do pensamento recorrente na época, tanto entre os profissionais da imprensa quanto entre os seus leitores, de que a imprensa traduzia nos seus jornais a realidade, devemos compreender que a produção de um jornal era (e é) um processo permeado de escolhas, recortes, subjetividades pessoais e conjunturais. Consideramos que os jornais não apenas propõem uma leitura dos fatos, como atuam sobre eles (PENA, 2012, p. 123).

Na época, não existia a figura do jornalista como a identificamos hoje. Conforme afirma Sodré (1966, p. 330), “literatura e imprensa se confundiam”, os profissionais que trabalhavam nos jornais eram, muitas vezes, os mesmos profissionais da literatura, uma vez que o próprio jornal não costumava ser a sua principal fonte de renda. É importante ressaltar que trabalhavam também nos jornais profissionais oriundos das mais diversas ocupações, como funcionários públicos, políticos, homens de negócios – comércio e lavoura etc.

Existia um grupo relativamente coeso, em termos de valores e práticas, no meio urbano, ligado à produção da escrita. Conhecidos como “homens das letras”[9], eles “eram, muitas vezes, mistos de redatores, editores, articulistas e proprietários; os periódicos acompanhavam, explicitamente, posições políticas e posturas pessoais daqueles envolvidos em sua elaboração” (GOODWIN Jr., 2015, p. 122).

Em Carangola, conforme podemos perceber ao analisar a redação de *O Rebate,* o papel do jornalista era também ligado à atividade literária:

> O nosso redator Dr. Alves de Farias edita nesta tipografia atualmente um belo livro, o menor dos que tem escrito, mas com certeza um dos bons.
> Prevenimos aos que detestam versos – que o livro é de prosa e se chamará simplesmente – *Mar.*
> É um apanhado de fatos ligeiros, *d’aprés nature,* da vida errante de pescadores, com as suas tempestades e o seu mar manso, fulgurando ao fundo, aonde o quadro guarda a meia tinta própria das aquarelas, o vulto formosíssimo...
> Não! O diabo que ponha uma palavra adiante. Sei só, meus senhores, que o livro do poeta se chama o *Mar.*
> Antes se chamasse a... *mar!* (*O Rebate*, número 19, 17 ago. 1893).

[9] Utilizamos aqui o conceito definido por Balzac. Para maiores informações, ver: BALZAC, Honoré de. *Os jornalistas*. São Paulo: Ediouro, 1989.

Percebemos a imprensa cada vez mais inserida no espaço público. Engajada socialmente, configurava-se não só como uma defensora dos novos valores, como também uma grande influenciadora do poder público. Escrita por redatores que compunham os setores de elite, o seu público-alvo consistia, principalmente, em membros da própria elite. Na maioria das vezes, o que predominava era a configuração intencional do discurso dominante. A imprensa passava a compor um espaço político por excelência, estando direta e/ou indiretamente ligada aos órgãos oficiais do poder.

1.4 Minas Gerais e o desenvolvimento da Zona da Mata Mineira

A economia de Minas Gerais sofreu profundas transformações no século XIX. A exploração do ouro, que era concentrada na região central da província mineira, entrou em declínio na segunda metade do século XVIII, o que acabou levando, no início do século XIX, à perda relativa de prestígio e poder dos grupos ligados à atividade da mineração. Ao mesmo tempo, principalmente nas regiões da Zona da Mata e Sul, intensificaram-se as atividades ligadas à agricultura e à pecuária, projetando uma nova elite econômica (CASTRO; VAZ, 1997).

A região da Zona da Mata mineira expandiu o seu desenvolvimento na segunda metade do século XIX, ligado à produção cafeeira. Na verdade, ela já era caminho de passagem desde o século XVIII. Os chamados “caminho velho” (Vila Rica a Angra dos Reis) e “caminho novo” (Vila Rica ao Rio de Janeiro) eram as passagens oficiais para o transporte de mercadorias para a região das Minas Gerais e de ouro e pedras preciosas para a Coroa em Portugal[10]. O desenvolvimento econômico da região estava atrelado ao café e à escravidão. O “complexo cafeeiro” envolvia não só a plantação de café, como também o comércio, a indústria, o

[10] Esses caminhos são a base histórica do atual produto turístico “Estrada Real”. Para mais detalhes, ver: <http://www.institutoestradareal.com.br/>.

transporte e a mão-de-obra, influenciando, praticamente, todos os setores da economia (CARVALHO, 2007, p. 46).[11]

O incremento da economia cafeeira contribuiu para o fortalecimento dos grupos de elite voltados a essa atividade, mesmo antes da consolidação de sua hegemonia no plano nacional. O café possibilitou o desenvolvimento e o realce econômico da região, que chegou a se destacar como a mais dinâmica da província (CARVALHO, 2007).

Considerando os estudos sobre a imprensa em Minas Gerais no período, podemos destacar duas pautas principais que configuravam o enredo de seus periódicos. Por um lado, temos os homens de imprensa assumindo a cobrança, frente aos governos municipais, estaduais e federal, de providências relativas às obras de urbanização, abertura de estradas, segurança, higiene, iluminação, controle social e segurança. Por outro, percebemos a imprensa desempenhando o papel de educadora dos novos costumes, implementando regras moralizantes e de civilidade, mais condizentes com o novo cenário moderno e civilizado. O exemplo ideal de conduta, normalmente, estava relacionado à cultura e aos moldes europeus (GOODWIN Jr., 2015, p. 123). Avaliando esse papel doutrinador, podemos ressaltar que a imprensa não visava, apenas, atingir – e convencer – os membros das elites locais. O seu discurso era ampliado, abrangia o maior número possível de pessoas.

Os homens de imprensa de Minas Gerais, assim como em outras partes do país, mantinham, no geral, estreitas relações com o poder oficial, econômico e cultural, sendo eles mesmos egressos, muitas vezes, das elites dominantes do período. Os homens das letras "oriundos de famílias tradicionais e atuantes em várias frentes de domínio das elites, fizeram da imprensa um dos seus campos de atuação, às vezes principal, mas não único" (GOODWIN Jr., 2015, p. 134).

Segundo Goodwin Jr. (2015), existe um sequenciamento "clássico" na história da imprensa em Minas Gerais, que se inicia com o estabelecimento da imprensa oitocentista, destacando os primeiros jornais de Ouro Preto e de outras cidades da região, como Diamantina. Já a passagem para os estudos da "grande

[11] Uma abordagem mais profunda do tema pode ser vista em: ALMICO, Rita C. S. Uma discussão sobre o mercado de crédito em Juiz de Fora na segunda metade do século XIX. *Locus* (UFJF), v. 20, p. 51-76, 2014; ALMICO, Rita C. S.; PIRES, Anderson. Crédito e finanças em uma sociedade cafeeira. *História e Economia*, v. 4, p. 221-247, 2008.

imprensa” acontece com o enfoque centrado na imprensa belo-horizontina. Os estudos que abordam a imprensa na região da zona da mata são escassos, a maioria de origem regional, destacando apenas alguns poucos periódicos. A imprensa do século XX em Minas Gerais é, na maioria das pesquisas, trabalhada a partir dos parâmetros da capital do estado.

A Zona da Mata mineira, principal polo econômico do estado no período aqui abordado, e relevante no cenário nacional, possuía um desenvolvimento cultural ativo, contribuindo significativamente com produções jornalísticas. Publicações de periódicos de diversas regiões da Zona da Mata mineira permanecem pouco exploradas, carecendo de pesquisas.

A principal cidade da zona da mata mineira e maior produtora de café, em grande parte do período em questão, era Juiz de Fora. Constituía-se também o principal polo de desenvolvimento econômico, social e cultural da região; logo, corroborando com a construção e disseminação dos ideais de modernidade da época e apresentando uma cultura letrada de grande expressão, com a produção de variados jornais. O jornal *O Pharol* foi o primeiro em Minas Gerais a introduzir impressoras a vapor, em 1883 (GOODWIN Jr, 2015, p. 136).

Adentrando o interior da região, temos também o desenvolvimento levantado pela economia do café de outras cidades. Como destaca Daniela de Carvalho (1997, p. 43), as cidades mais ricas na plantação de café, dentro da região da zona da mata mineira, eram Muriaé, São Manuel e Carangola, com plantações que rendiam, em média, 40 a 45 arrobas por 1.000 pés. A autora também destaca como o desenvolvimento do café proporcionou o aprimoramento cultural da região e o aparecimento de vários periódicos na cidade de Muriaé, como *O Muriahé*, de 1910, e *O Operário*, de 1920.

1.5 A história de Carangola – MG

O desbravamento do município de Carangola, situado na zona da mata de Minas Gerais, na confluência com os estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro e

Espírito Santo, ocorreu no início do século XIX. A região era ocupada por povos indígenas, os quais foram posteriormente expulsos.

A colonização tardia deve-se ao fato de a região situar-se nas chamadas “áreas proibidas”, uma política que tentava coibir a penetração colonial, visando conter o contrabando de ouro, durante o domínio lusitano. O que não impediu a formação de núcleos ao longo do “caminho velho” e do “caminho novo”, que ligavam as áreas de mineração ao litoral (MERCADANTE, 1990, p. 96).

Durante o século XIX, o território do rio Carangola foi ocupado por fazendas que deram origem à formação de pequenos aglomerados urbanos, às margens do rio. Com o aumento da produção das fazendas, foi necessária a abertura de estradas que dessem vazão aos produtos. As tropas, em pequenos bandos, desciam o rio Carangola e Muriaé, levando a Campos dos Goitacazes (RJ) o que se produzia e, de lá, traziam diferentes mercadorias. Em meados do século XIX, iniciou-se o plantio de café e a nova cultura espalhou-se por toda região (PIMENTEL, 2016, p. 133).

A comunidade de Carangola, na época intitulada Santa Luzia do Carangola, valeu-se do desenvolvimento da economia e da cultura do café e da disponibilidade de terras para aumentar a produção cafeeira, desmatando-as. Com o crescimento urbano, a localidade começou a se destacar como referência regional. Aproveitando o desenvolvimento e o destaque da comunidade, a elite local passou a almejar a sua emancipação política.

A cidade de Santa Luzia do Carangola foi fundada em outubro de 1881 e, em 1882, a cidade foi oficialmente instalada:

> A Lei de n.º 1097 de 07/10/1860 criou um Distrito de Paz em Carangola, como parte integrante do município de São Paulo do Muriaé, desde 1855. A Freguesia (Distrito) foi criada pela Lei Provincial n.º 1273 de 02/01/1866. O município o foi, com território desmembrado de São Paulo do Muriaé, atual Muriaé, por efeito da Lei Provincial n.º 2500 de 12/11/1878. Em virtude da Lei Provincial n.º 2848 de 25/10/1881, foram concedidos foros de cidade à sede do município de Carangola. Em 07 de janeiro de 1882 ocorreu a instalação do primeiro governo municipal, tendo sido escolhido para ser o 1.º Presidente da Câmara Municipal o médico Dr. Manuel Afonso Cardoso e para Vereadores os Srs. Antônio Carlos de Souza, José Luciano de Souza Guimarães (futuro Barão de São Francisco do Glória), Mariano José Soares, Antônio Antunes Vieira, João Marcelino Teixeira e Estêvão Rodrigues Pedrosa (IBGE. *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.*

> Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/carangola/historico> Acesso em: 20 out. 2018).

Com uma área de mais de 2.000 Km², Santa Luzia do Carangola abrangia o território que hoje pertence aos municípios de Alto Caparaó, Caiana, Caparaó, Carangola, Divino, Espera Feliz, Faria Lemos, Fervedouro, Orizânia, Pedra Dourada, São Francisco do Glória e Tombos (PIMENTEL, 2016, p. 134).

Em 1887, a cidade passou a ser ponto final da Estrada de Ferro Alto-Muriaé, o que possibilitou a comunicação direta e diária com o Rio de Janeiro. Sendo ponto final da ferrovia, até o ano de 1914, a cidade teve um grande surto de desenvolvimento propiciado pela produção de café, constituindo o empório de uma área geográfica de 250 km de raio. Grande parte do leste de Minas Gerais convergiu para a cidade. Tropas de muares provenientes de várias regiões dos estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro e Espírito Santo faziam de Carangola o seu ponto de contato com os outros centros urbanos e a capital do país, Rio de Janeiro. A produção econômica de Carangola era tamanha, nesse período, que chegou ao ponto de gerar a segunda arrecadação fiscal do estado de Minas Gerais (IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/carangola/ historico>. Acesso em: 20 out. 2018).

O desenvolvimento comercial proporcionado pela produção cafeeira e o contato com a capital do Império, através da estrada de ferro, possibilitaram grandes transformações. Com a chegada de viajantes e de jornais diários da Capital Federal, pela linha férrea, novos hábitos foram arraigados. A cultura local foi moldada e influenciada pelos ideais modernos.

> No primeiro decênio do século XX, o município apresentaria feições sociais e progressistas. Em verdade procurava-se a imitação do Rio de Janeiro, em cujos jornais e revistas a gente local inspirava-se. É nessa conjuntura de desenvolvimento urbano e social da comunidade local que podemos pontuar algumas iniciativas culturais no município, como a criação de bibliotecas, teatros e um Parque/Jardim botânico, possivelmente influenciada pelos ares do Rio, a Capital Federal, que, cabe lembrar, também estava sob a influência da ideia de modernização e do progresso que ocorriam [sic] no mundo (PIMENTEL, 2016, p. 136).

As três primeiras décadas do século XX formaram uma época de amplo desenvolvimento econômico e social para o município. Carangola apresentava-se como um grande produtor cafeeiro e principal ponto de comércio regional. A significativa participação da cultura cafeeira na balança comercial do país, sendo o município um importante produtor regional, proporcionou um desenvolvimento local expressivo. Inspirado pelos mesmos ideais de progresso e de modernização urbana presentes na Capital Federal e em outras renomadas cidades do país, Carangola iniciou sua estruturação urbana, com a construção de prédios públicos, ampliação das ruas, jardinagem das praças, instalação de eletricidade, construção de pontes e a criação de um Parque Municipal.

Isto pode ser observado, por exemplo, na notícia a seguir, publicada no jornal *O Radical,* sobre a implantação da iluminação pública na cidade e os seus benefícios à população:

> **Iluminação**
> No dia primeiro do corrente fomos despertados pelo troar de uma grossa foguetearia e mimoseados pela banda de música da companhia equestre – Flor da Mocidade – que percorria a rua 15 de Novembro em inauguração da iluminação da referida rua, que se acha hoje com esse grande melhoramento, devido à iniciativa dos beneméritos cidadãos, Costa Guimarães & Comp., Fraga Gomes, Avilino Guimarães, Francisco Leite, Álvaro Pereira, Maciano de Paula e Raymundo de Laperrieri, que, cansados de esperarem pela iluminação pública, resolveram iluminar a rua que residem a custa própria. Custa-nos dizer, porém é certo, que tem sido demasiado a paciência dos Intendentes conservando as ruas da cidade em profundas trevas.
> A Iluminação Pública é um daqueles melhoramentos que deveria ter ocupado os cuidados da intendência, porque é uma necessidade palpitante. Por certo agora teremos a iluminação pública, porque para estímulo basta o procedimento dos cidadãos já referidos que não pouparam sacrifícios a fim para que obtivessem uma iluminação no centro mais populoso e comercial da nossa esperançosa cidade (*O Radical*, número 01, 03 set. 1891).

Considerando que, até o início do século XX, Carangola ocupou posição de destaque do ponto de vista comercial e administrativo no estado de Minas Gerais, levantamos a hipótese da existência de uma imprensa local, ainda no século XIX, onde os debates da vida pública desdobravam-se em matérias de ressignificações diversas.

A fim de verificar se esta hipótese de fato se confirmaria, o primeiro passo foi a realização de pesquisas de campo no Arquivo Histórico-Geográfico Carangolense.

Em nossa primeira investigação, pudemos encontrar exemplares de três títulos diferentes: *O Radical* (1891), *O Rebate* (1893) e *O Progressista* (1903-1904-1906). Foram recuperados, respectivamente, oito, trinta e nove, e centro e três exemplares de fascículos distintos de cada periódico.

Considerando a hipótese da existência de outros jornais no período e a necessidade de uma pesquisa mais abrangente, em um segundo momento optamos pela investigação da imprensa de Carangola em variadas fontes bibliográficas que remetiam à história da imprensa e à história local. Foi possível, então, encontrar relatos de outros títulos, evidenciando a existência de uma imprensa muito mais ampla e abrangente, que ia além das referidas edições encontradas. Analisamos as informações apontadas por Xavier da Veiga, pelo jornal *Gazeta de Carangola* (1982) e pela pesquisa de Rogério Carelli (2002).

Em sua obra, originalmente publicada em 1897, *Efemérides Mineiras*, José Pedro Xavier da Veiga anotou, na data de 10 de setembro de 1896, a seguinte informação:

> Com o título *Gazeta da Mata*, aparece uma nova folha na cidade de Santa Luzia do Carangola, o décimo primeiro periódico até o presente (15 de setembro de 1897) publicado na mesma cidade. Os dez anteriores foram os seguintes: *O Carangolense*, primeira folha local (1883); *O Americano* (1884); *A Transformação* (junho de 1888); *A Lavoura* (1890); *O Carangola* (1891); *A Opinião* (agosto de 1891); *Tentâmen* (outubro de 1891); *O Radical* (1891); *O Rebate* (1892); e *Monitor Mineiro* (julho, 26 de 1894) (VEIGA, 1998, p. 821).

A partir dos registros da *Gazeta de Carangola* (1982), foi possível identificar ainda, a existência de outros jornais, compreendidos no período do século XIX, abordados aqui desde a fundação da cidade:

1882 - O Combate (manuscrito)
1884 - O Carangolense
1884/1887 - O Americano
1887/1889 - A Transformação
1888- O Buscapé (humorístico)
1888/1889 - O Tentâmen
1890 - O Carangola
1890 - A Lavoura
1891 - O Radical
1891 - O Movimento (humorístico)
1891 - O Semidouro (humorístico)
1891/1894 - A Opinião
1894 - O Monitor Mineiro

1894 - O Rebate
1896/1897 - Gazeta da Mata
1898 - A Cantarida N
1899 - A Nova Phase
1900/1903- O Progressista
1900 - Echo do Carangola

Em uma investigação das considerações de Rogério Carelli (2002), em *Efemérides Carangolenses,* podemos perceber a existência dos seguintes jornais, utilizando o mesmo recorte temporal:

1884 a 1888 – O Americano
1883 – O Carangolense
1890, 1891, 1904 – O Carangola
1891 – O Tentâmem
1891 – O Radical
1893 a 1903 – O Rebate
1900 a 1901 – O Echo do Carangola
1901 a 1907 – O Progressista

As discrepâncias entre as listagens sinalizam, por um lado, a precariedade de informações sobre a imprensa local; por outro, a importância de mais estudos que se debrucem sobre esse tema.

Dentre os jornais identificados, *O Radical* propõe uma discussão política voltada para os novos valores republicanos. Já *O Rebate,* a princípio, aprofunda-se menos em questões políticas, disponibilizando mais espaço para conteúdos literários, e, posteriormente, configura-se como oposicionista ao governo do presidente Marechal Floriano Peixoto (1891-1894). *O Progressista* disponibiliza assuntos diversos, propondo uma abordagem mais conservadora e moralista – apesar do seu título sugerir o contrário.

Como trataremos dos estudos iniciais dos jornais de Carangola e considerando as limitações de tempo e espaço inerentes à dissertação proposta, no intuito de aprofundar a nossa pesquisa, limitaremos o recorte dos jornais às publicações de *O Radical* (1891) e *O Rebate* (1893). Frisamos, porém, que *O Progressista* (1903, 1904 e 1906) não será abandonado. Seus exemplares serão considerados para pesquisas futuras.

Trataremos, a seguir, das informações e considerações dos jornais *O Radical* (1891) e *O Rebate* (1893). Delimitaremos os aspectos gerais dos jornais,

assim como estudaremos os seus aspectos editoriais e as condições em que os periódicos foram produzidos.

1.5.1 *O Radical* (1891)

O jornal *O Radical* iniciou sua circulação na cidade de Carangola em 03 de setembro de 1891. O exemplar número 01, publicado nesta data, será analisado aqui, assim como outros fascículos, conforme demonstrado no quadro 01, em anexo. Não foi possível determinar se o exemplar de número 15 foi a sua última publicação, mas não encontramos indícios de publicações posteriores e, de acordo com a nossa pesquisa, *O Radical* findou seus trabalhos no mesmo ano de 1891. Traçaremos, aqui, alguns aspectos gerais da organização das suas edições.

Sob o comando do Diretor Abeilard C. de Castro, o jornal apresentava-se como escrito por "Redatores diversos" e "Propriedade de uma Associação Anônima". Sua assinatura anual custava 5$000[12] e, por seis meses, 3$500. Em seu expediente encontravam-se explicações sobre questões gerais de funcionamento e organização do periódico. Tivemos a declaração de que o número avulso custava 200 réis, o anúncio dos assinantes custava 60 réis por linha e dos não assinantes, 120 réis. O periódico classificava-se como de "Publicações diversas, o que se convencionar" e avisava que os autógrafos dos artigos ou escritos, publicados ou não, não poderiam ser destituídos. Tínhamos o aviso de que as assinaturas, ou qualquer outro tipo de publicação, deveriam ser pagas em adiantado e que todas as pessoas que recebessem o primeiro número da folha e não o devolvessem seriam consideradas como assinantes – à época, uma prática comum a jornais em vários lugares do mundo. As assinaturas deveriam ser feitas via carta registrada endereçada à redação e descontado o porte do correio. Na primeira página do jornal, além das

[12] Lê-se 5 mil réis ou cinco contos de réis. "Já popularmente adotada como unidade monetária brasileira, o mil-réis foi oficializado em 08.10.1833 através da Lei 59, assinada no 2° Império, pela Regência Trina durante a menoridade de D. Pedro II. Essa Lei reorganizou, sob vários aspectos, o Sistema Monetário Brasileiro. Mil-réis passou a designar a unidade monetária e réis, os valores divisionários. Na mesma época ficou conhecido o *conto de réis*, tratando-se do montante equivalente a 1 milhão de réis, ou mil mil-réis. Rs 1:000$000 = 1 conto de réis = 1000 mil-réis = 1 milhão de réis" (MOEDAS DO BRASIL. Disponível em: <http://www.moedasdobrasil.com.br/moedas/reformas.asp>. Acesso em: 29 set. 2019).

informações referidas, havia um texto de caráter opinativo, uma espécie de editorial da época, com o título da sessão grafada de “O Radical”.

Nesse editorial de seu primeiro exemplar, encontramos informações importantes que justificam o seu título e a sua proposta como jornal. Temos uma espécie de apresentação dos objetivos de sua publicação. Conforme Maurice Mouillaud (1997, p. 86), podemos considerar que o nome do jornal torna-se um “envelope” do mesmo: ele define o jornal, firma um pacto implícito com o leitor e assegura a coerência e a continuidade dos enunciados:

> **O Radical**
> Tomamos a responsabilidade d’*O Carangola,* crismando-o com o título acima *O Radical.*
> Incumbindo-nos desta tarefa tomamos a firme resolução de seguir pari passo o anterior programa estabelecido, para o extinto *Carangola.* Conhecemos, e antecipamos em dizer, que não temos os dados necessários para o devido desempenho da grande tarefa, que nos pesa; porém, premunidos da boa vontade e secundados pelos ilustres redatores que, tanto concorreram para o brilhantismo d’*O Carangola,* temos esperança que, pouco nos faltará para preencher as lacunas de que nos sentimos baldios.
> Em todo caso temos como base:
> Louvar a virtude; elevar o mérito, e anatematizar o vício. O que for de César daremos a César; nunca deixaremos em olvido, o merecimento provado de cada um dos representantes do nosso município, porque, principalmente hoje, que entramos em um novo regime e que temos de nos submeter à autonomia municipal, é dever de todos e mais da imprensa local, discutir as coisas e estudar as pessoas, para que assim possa, cada um compenetrar-se de seus deveres e conhecer a importância do lugar que lhes é confiado. Assim procedendo, com toda a imparcialidade, com a calma necessária e maior isenção de espírito, embora muita vez, a verdade tenha de ofender a quem quer que seja, o faremos com a maior franqueza, em vista do programa que temos assinado.
> Se é nosso dever salientar e elevar o merecimento pessoal de cada um cidadão, de cada um dos nossos mandatários, tão bem será ordem do mesmo dever, castigar os erros cometidos por aqueles que têm a seu cargo o destino do município.
> Por um lado protestamos arremete contra as mesquinhas questões pessoais, abandonando ao completo desprezo os ódios particulares.
> Entretanto cumpre-nos fazer público que apartamos unicamente do programa aceito na parte que diz-se [sic] imparcial e desligado de questões políticas; porquanto defendemos com todas as nossas forças o atual regime republicano, comungando *in totum* os dogmas estabelecidos.
> Assim manifestado o nosso programa, esperamos todo o auxílio dos nossos concidadãos, concorrendo assim conosco, para o real engrandecimento da nossa pátria comum e particularmente do nosso município (*O Radical*, número 01, 03 set.1891).

Ainda na abertura do texto, somos informados que o jornal *O Radical* adota, sob novo título e nova direção de redação, uma proposta de continuação das

publicações do extinto *O Carangola.* Além disso, percebemos a presença de alguns valores jornalísticos, como o compromisso com os conceitos de responsabilidade civil. Apesar de apresentar-se como um jornal sem interesses políticos e de valorizar o compromisso com o ideal de imparcialidade, o periódico coloca-se como defensor dos valores republicanos e mostra-se de caráter extremamente opinativo.

Posteriormente, temos a sessão do "noticiário", em alguns exemplares ainda na primeira página; em outros, na segunda. Uma categoria das notícias locais, de interesse da cidade, denominaremos como "colunas sociais", nas quais temos notícias sobre o comportamento e os eventos ligados a pessoas e famílias tidas como modelares, exemplares. Na sessão de "noticiário" encontramos relatos de aniversários, casamentos, batizados, velórios, festas e comemorações locais, viagens etc., como exemplifica o texto a seguir:

> **Dr. Manoel Jose Da Cruz** - Chegou ontem a esta cidade o distinto clínico Dr. Manoel Jose da Cruz nosso conterrâneo, tendo felizmente recuperado a sua saúde.
> Parabéns, pois, do povo carangolense pela feliz aquisição da retorna desse eminente cidadão que tanta prova tem nos dado de seus profundos conhecimentos médicos.
> Saudando ao recém vindo enviamos-lhe os nossos sinceros parabéns pelo feliz êxito de sua feliz viagem (*O Radical*, número 09, 29 out.1891).

Logo, como podemos observar na notícia acima, a sessão "noticiário" do jornal *O Radical* tratava de acontecimentos locais, em sua maioria, referentes às elites da cidade (fazendeiros, comerciantes e profissionais liberais). Os episódios relatados apresentam como objetivos principais não só a narrativa de acontecimentos, como também a descrição e a exaltação das habilidades de seus personagens.

Já na segunda página do jornal encontramos textos opinativos sobre assuntos diversos, com características de persuasão e com direcionamentos moralizantes. Trazemos, como exemplo, trechos do texto intitulado "Vadiação":

> Cidade nova, onde as indústrias e os diferentes ramos de atividade só agora começam a bracejar seus tentáculos que vão extrair do esforço e do trabalho a riqueza e a prosperidade que são condições básicas do bem estar individual e social, se de princípio, enquanto, por assim dizer, se faz a educação do povo e formam-se os costumes, não houver severa repressão contra os vadios e vagabundos, muito embora venham a lançar raízes entre

> nós, os cometimentos mais benéficos e úteis, sob o ponto de vista do desenvolvimento do progresso, existirá sempre, nulificando as vantagens, que de tais cometimentos possam advir, de contínuo a prejudicar-nos a massa enorme de vadios, isto é, a desproporção pavorosa entre as forças reconhecidamente produtoras e úteis, e as que só consomem em detrimento o prejuízo da gente laboriosa.
> Para obviar esse grande mal, que não somente entibia o progresso material, como é um agente de desmoralização e desordem, faz-se necessário, urgentemente, que as autoridades, enérgica e esforçadamente, elevando-se à altura de seu mandato, curem dos meios de por um paradeiro a esse estado de coisas tão deprimente para os costumes locais, quanto é prejudicial ao progresso em geral.
> Quem poupa os vadios e vagabundos, forma os futuros criminosos. O ocioso, cujo moral se relaxa numa vida de moleza e preguiça, é facilmente passado expediente inconfessável ao furto, e ao roubo, escalas ascensionais que conduzem a culminância do crime – o assassinato (*O Radical*, número 15, 10 dez. 1891).

É interessante observar, no trecho acima, que o jornal se porta como órgão de responsabilidade social para chamar a atenção das autoridades e dos cidadãos carangolenses sobre os perigos que estão associados à "vadiação". Também é importante lembrar que essa discussão ocorre no contexto pós-abolição, quando as elites econômicas se ressentiam do fato de não poderem mais contar com o serviço forçado dos antigos escravos. Ressentiam-se, também, de que negros e negras optassem por outras formas de ganhar a vida, que não trabalhando nas fazendas e nas casas, como antes.

A "vadiação" é definida e classificada como sendo completamente contrária aos ideais modernos de progresso e civilização, por estar associada, conforme as palavras do texto, ao ócio, à preguiça e até mesmo à vida no crime, oferecendo um perigo à sociedade. O indivíduo associado aos atos de "vadiagem" é apresentado como uma pessoa perigosa e criminosa, que deve ser monitorada pelas autoridades locais. O texto chama a atenção dos seus leitores sobre os perigos da "vadiação" e cobra das autoridades locais as ações necessárias para combater a "vadiagem"[13].

Na sessão "Diversões", normalmente na terceira página, temos piadas e poemas. Posteriormente, intitulada de "Solicitadas", o jornal apresenta cartas de

[13] Para aprofundar a reflexão de tais questões no Brasil, sugerimos o estudo das obras: CHRISTO, Maraliz de Castro Vieira. *A Europa dos pobres*: a *belle-époque* mineira. Juiz de Fora: EDUJF, 1994; NEEDELL, Jeffrey D. *Belle époque tropical*: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século. São Paulo: Companhia das Letras, 1993; SANTUCCI, Jane. *Cidade rebelde*: as revoltas populares no Rio de Janeiro no início do século XX. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2008; SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças*: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930). São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

leitores à redação com objetivos e assuntos diversos. É possível perceber nessa sessão comentários sobre situações políticas, acontecimentos da cidade, esclarecimentos sobre assuntos particulares etc. Conforme ilustramos com o exemplo abaixo, em que um dentista local presta satisfações sobre sua mudança de cidade e agradece a todos os antigos clientes pela oportunidade que teve de exercer sua profissão:

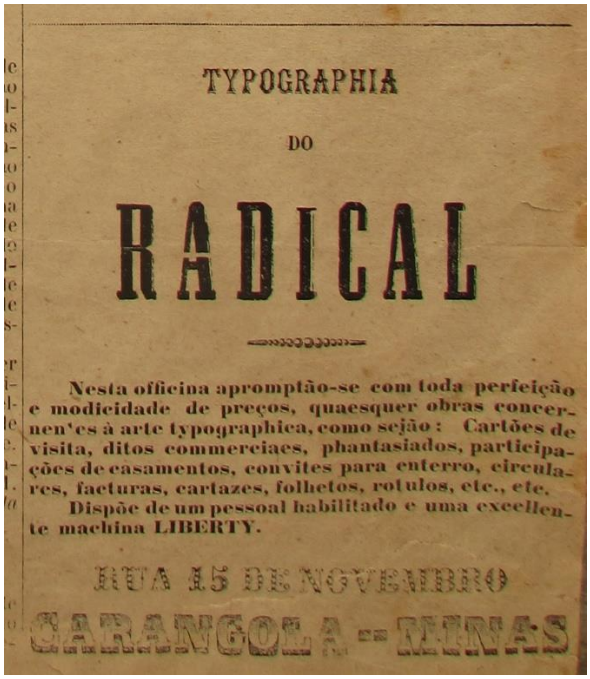
> **Despedida**
> O abaixo-assinado, tendo de retirar-se desta cidade, e não podendo despedir-se pessoalmente de seus clientes e pessoas de sua amizade, vem pela imprensa agradecer a todos, não só aos desta dita cidade, como também das outras desta zona da mata, onde teve a ocasião de exercer sua profissão, pedindo a todos desculpas, por esta falta, visto como teve ocasião de receber as maiores provas de sinceridade dignas de um pessoal ilustrado.
> A gratidão lhe impõe o dever de pôr os seus limitados préstimos à disposição de todos aqueles que o procurarem na cidade de São João D'El Rey, onde reside.
> Cidade de Santa Luzia do Carangola, 10 de novembro de 91.
> *Bernardino Duque Máximo da Rocha,* cirurgião-dentista (*O Radical*, número 11, 12 nov. 1891)[14].

Vale o destaque que, tanto ao chamar a atenção para assuntos pessoais ou da cidade, percebemos o intuito de manter a preservação da boa moral e dos bons costumes nos leitores.

Ainda na terceira página temos o começo dos "Anúncios", que ocupam toda a quarta página e encerram a publicação[15]. Observe o exemplo a seguir:

[14] É um modelo de praxe, encontrado em muitos jornais da época, quando algum profissional deixa a praça.
[15] Para melhor observação, disponibilizamos o exemplar de *O Radical* de número 01, publicado em 03 de setembro de 1891, na sessão de anexos.

Figura 01 – Anúncio de tipografia



TYPOGRAPHIA

DO

RADICAL

Nesta officina apromptão-se com toda perfeição e modicidade de preços, quaesquer obras concernen'es à arte typographica, como sejão: Cartões de visita, ditos commerciaes, phantasiados, participações de casamentos, convites para enterro, circulares, facturas, cartazes, folhetos, rotulos, etc., etc.

Dispõe de um pessoal habilitado e uma excellente machina LIBERTY.

RUA 15 DE NOVEMBRO

CARANGOLA — MINAS

(*O Radical*, número 11, 12 dez. 1891)

Segundo um anúncio recorrente, nas próprias páginas de *O Radical,* obtemos a informação de que a tipografia do jornal era localizada na cidade de Carangola, Minas Gerais, na rua Quinze de Novembro. Dispondo de alguns funcionários, devidamente treinados, e uma máquina *Liberty*, a tipografia oferecia os serviços de confecções de cartões de visita, cartões comerciais, participações de casamento, faturas, convites para *soirées*, *menus*, convites para batizados e enterros, memorandos, folhetos, rótulos, cartazes, títulos, recibos etc. A formatação de suas páginas era de 32cm x 47 cm.

1.5.2. O Rebate (1893)

O exemplar de *O Rebate* mais antigo que será analisado aqui é o de número 07, publicado em 25 de maio de 1893. Apesar de encontrar-se em seu segundo ano de publicação, não localizamos edições do periódico do ano anterior. Nossas pesquisas encontraram exemplares de *O Rebate* na cidade nos anos de 1893, 1894

e 1895. Além da edição já mencionada, outros 38 exemplares encontram-se à nossa disposição para a pesquisa[16].

O jornal era comandado pelo “Redator-chefe: Dr. Alves de Farias”. As assinaturas, por doze meses, custavam o valor de 8$000 para moradores da cidade e de 10$000 para envio para fora da cidade. Já por seis meses, os valores eram de 5$000, para envio dentro da cidade, e de 6$000 para fora. Seu “expediente” trazia as seguintes informações:

> O Rebate é propriedade de Filgueiras & Comp., órgão noticioso, literário, comercial e agrícola. Aparecerá, regularmente, uma vez por semana, às quintas-feiras.
> É gerente da folha o Sr. Elias Gonçalves Filgueiras Junior, a quem deve ser enviada toda a correspondência.
> Os preços de anúncios e outras publicações serão o que se convencionar.
> São nossos correspondentes, no Rio de Janeiro, a COMPANHIA TYPOGRAPHICA DO BRAZIL, à rua dos Inválidos n.93, a quem os nossos assinantes poderão enviar a importância de suas assinaturas, aqueles que acharem mais cômodo para o pagamento.
> No Manhuaçu, o nosso amigo Eloy da Silva Pontes, a quem os nossos assinantes poderão enviar a importância de suas assinaturas, e bem assim as pessoas devedoras de trabalhos avulsos se entenderão com o mesmo. (*O Rebate*, número 07, 25 mai. 1893)

Destacamos o fato de que o jornal circulava em pelo menos outras duas cidades: Rio de Janeiro e Manhuaçu.

Em sua configuração de apresentação, além das informações referidas, podemos observar que o jornal traz, na primeira página, um texto de caráter opinativo. Uma espécie de editorial, conforme podemos observar no excerto abaixo:

> **QUESTIONÁRIO**
> Agora que eu sinto sobre as pálpebras a mão pesada de Morbidus[17], ligeiramente aquecida a ponto de elevar a febre a poucos graus e sob os meus olhos visões estranhas pontuam de sangue toda a paisagem negra que vejo e do que apalpo; agora que na imaginação se me reproduzem trechos de Shakespeare e eu pergunto a Caliban[18] que me atravessa o terraço fantasioso da mente que trabalha – o que faz? Por que me provoca?

[16] Para melhor observação, disponibilizamos o quadro 02, encontrada na sessão de anexos.
[17] Do Latim MORBIDUS, “doentio”, de MORBUS, “doença”.
(<https://origemdapalavra.com.br/palavras/comorbidade/>, acesso em 26 dez. 2019)
[18] Caliban, filho da bruxa Sycorax, é um personagem importante na peça de William Shakespeare, *A tempestade*. Meio humano, meio monstro e com a aparência de um peixe, depois que sua ilha é ocupada por Próspero, Caliban é forçado à escravidão.

E ao suavíssimo de Julieta[19] oferto, beijando-lhe as mãos, um ramo de lírios claros como a neve de Paros[20] ou o mármore de Synada[21]; agora que abro e fecho os olhos com o vagar medido de quem vai cansando e enquanto vacilo adormeço, a imaginação fica de pé e alerta, agora lembra-me de perguntar por imaginação ao governo brasileiro uma coisa muito simples, tão simples que não é preciso a química trabalhosa de um operário da Arte para lhe dar cor e para fazê-la classificar e vem a ser:

Quando pretende o governo por um termo à guerra rio-grandense[22]?

O governo há de encontrar nestas perguntas o mesmo bimbalhar eterno de outras que lhe tem sido feitas.

Deporá o jornal de lado, se o estiver lendo, acenderá um charuto e voltando-se do avesso, adormecerá resguardado de quebrantos e de feitiços. Mas não é isso de que se trata agora.

Precisamos saber se o governo tenciona acabar a guerra que desumanamente encetou contra o Rio Grande e em segundo lugar que nos fixe a data desse termo posto como um grande ponto de admiração no deserto das nossas aspirações.

Qualquer que seja, entretanto, a resposta do Marechal Floriano, por mais armisticiosa que ele se proponha e medidas congêneres que apresente, achamos tudo isso de nenhum efeito.

Haja quem murmure dos federalistas, por se terem rendido há já mesmo quem os acuse...

Para mim, entretanto, há de se reproduzir aqui o mesmo caso de Antheu[23] da fábula e quando o Brasil oficial acordar estará dentro dos braços gigantes do monstro que o apertará, que o apertará...

Não podemos admitir que o vento do desânimo ou da covardia soprasse um momento sobre a cabeça destes bravos soldados que viam a atenção e o interesse brasileiro voltado para si e contam as vitórias, a exceção de certos combates indecisos, pelos dias em que haviam travado de armas na revolta do fraco contra o forte, a revolta da verdade contra o erro, o duelo da treva e do clarão, como diria qualquer poeta baiano da têmpera de Castro Alves. Não! Para mim há coisa muito diversa nessa espécie de fuga do federalista.

Troem os jornais oficiais pelas suas colunas que a revolução está esmagada; [ilegível] que o Anjo da Fama do governo a sua trombeta para transmitir aos seus ouvintes os telegramas congratulatórios do triunfo.

Eu fico de pé, a semelhança das esfinges do deserto da Arábia ouvindo o rumor dos passos viandantes, ouvindo o clamor triunfal dos carros reais que há 300 anos por aí passaram, mas guardando comigo mesmo a confiança do Bem e a confiança do Justo.

Debato-me com a febre. Não sei quem acende ao meu olhar desvairado a chama passageira de um fogo de Bengala[24].

---

[19] Julieta é a protagonista feminina da tragédia romântica de William Shakespeare, *Romeu e Julieta*. Ela é a única filha do patriarca da família Capuleto. Julieta apaixona-se por Romeu, um membro da família dos Montéquios. Os Capuletos e os Montéquios tinham uma rixa antiga, eram famílias inimigas.

[20] Paros é uma ilha grega do Mar Egeu central, uma das maiores ilhas do arquipélago das Cíclades. Foi famosa durante toda a Antiguidade clássica pelo mármore que exportava.

[21] Synada era uma cidade da Frígia. Segundo a tradição, a cidade foi fundada por Akamas, que retornou à Frígia na volta da Guerra de Troia. A cidade era famosa pela extração e processamento de mármore nas províncias imperiais.

[22] A guerra rio-grandense, à qual o texto faz referência, é a Revolução Federalista. Um conflito de caráter político, ocorrido no Rio Grande do Sul, entre os anos de 1893 e 1895, que desencadeou uma revolta armada. A revolta atingiu também o Paraná e Santa Catarina.

[23] Anteu, na mitologia grega e berbere, é um gigante, filho de Poseídon e Gaia. Ele possuía uma força prodigiosa e obrigava a todos que passavam pelo deserto da Líbia, onde residia, a lutarem com ele até a morte.

> Morbidus, estende a tua mão sobre mim.
> Que eu adormeça de novo e que só acorde quando o primeiro troar de artilharia anunciar aos quatro ângulos brasileiros a vitória dos federalistas (O *Rebate*, número 11, 22 jun. 1983).

Esse texto de abertura do jornal, intitulado "Questionário", apresenta-se como extremamente metafórico, subjetivo e erudito. Uma das características da imprensa do período é fortalecer seu argumento pelo peso cultural, pela imagem de conhecimento e autoridade que tais menções desenham para quem lê, conforme ilustrado pelo texto acima. À medida que o texto flui, podemos perceber que se trata de um texto opinativo, com várias críticas ao governo do Marechal Floriano e suas ações políticas. Os personagens, assim como as histórias e os lugares citados, exigem, para a identificação pelo leitor, variados conhecimentos específicos. O autor parte do pressuposto de que as situações e os personagens, bem como pessoas, lugares e obras serão reconhecidos por quem lê o jornal (seja como reconhecimento imediato, seja como reconhecimento de que pertencem ao campo do que se chamava, à época, de "alta cultura"). Constatamos que o jornal se posiciona a favor da revolta, que acontecia na época, no Rio Grande do Sul. O *Rebate* representa os revoltosos como heróis da pátria, questiona as atitudes do Governo Federal e apresenta-se pessimista perante o futuro do povo brasileiro.

Posteriormente, ainda na primeira página, temos, frequentemente, a exposição de um poema, enviado por leitores à redação, e a publicação de um trecho de novela folhetinesca, que, às vezes, aparece na segunda página[25].

Já na segunda página, é recorrente encontrarmos textos opinativos e notícias diversas. Em vários números do jornal observam-se, sob o título "Mala do Rio[26]", diferentes notícias referentes à Capital Federal, conforme exemplificamos abaixo:

---

[24] Bengala é uma região geopolítica, cultural e histórica no sul da Ásia, no ápice do golfo de Bengala. Na Antiguidade, seus reinos eram conhecidos como nações marítimas. Bengala era conhecida pelos gregos pelo poder militar.

[25] Para mais informações sobre os folhetins na imprensa, indicamos a leitura a seguir: MEYER, Marlise. *Folhetim*: uma história. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

[26] O título, provavelmente, faz referência à mala postal, na qual vinham cartas, jornais e outros documentos pelos Correios.

> **Mala do Rio** - O Dr. Idelfonso de C. Lisboa foi removido do lugar de delegado de polícia da 6ª circunscrição suburbana para a quarta urbana, na cidade (*O Rebate*, número 07, 25 mai. 1893).

Na segunda e na terceira páginas do periódico, temos as "notícias locais", com os assuntos de interesse da cidade. Assim como em *O Radical,* classificamos como "colunas sociais" os textos onde encontramos notícias específicas sobre o comportamento e os eventos ligados a pessoas e famílias tidas como modelares, exemplares. Na sessão de "notícias locais", encontramos relatos de aniversários, casamentos, batizados, velórios, festas e comemorações locais, viagens etc. Conforme podemos observar no exemplo a seguir:

> **Banquete –** Sábado passado, à noite, o nosso distintíssimo amigo Manoel Lourenço de Azevedo por um tríplice motivo de alegria e júbilo íntimo, reuniu em sua casa a parte mais escolhida da sociedade carangolense e lhe ofereceu um opíparo banquete, regado a champanhe aonde palpitava todo o prazer espumarada dos que ali estavam e que lá tinham ido render ao Azevedo o culto verdadeiro de uma amizade sincera.
> Dançou-se. E a alegria rumorosa de todos esvoaçou pelo vasto salão no gira doidejante e amoroso das valsas, no compasso ritmado das quadrilhas, enquanto pela boca de cada um escapava a expressão de contentamento que lhe não cabendo dentro irrompia espontaneamente, vindo à tona.
> O Sr. Manoel Lourenço de Azevedo deve ter ficado contente, Carangola lhe provou que o estima como a um dos seus mais dignos associados.
> Parabéns (*O Rebate,* número 18, 10 ago. 1893).

Como parte da sessão de "notícias locais", temos em algumas edições do jornal a publicação de uma lista com o nome de todas as pessoas que estiveram hospedadas no "Grande Hotel" de Carangola. Podemos perceber, evidentemente, a preocupação do jornal - e dos seus leitores - com a boa recepção aos visitantes da cidade. Da mesma forma, o periódico também tem a preocupação de avisar sobre quem está fora da cidade e por qual motivo. É importante ressaltar que a sessão não incluía notícias sobre todos os cidadãos, apenas algumas personalidades, participantes da "alta cultura" e membros da elite local.

É interessante a observação de que os assuntos religiosos estão muito presentes nas páginas de *O Rebate*, na divulgação de comemorações da Igreja Católica e na exaltação das figuras religiosas da cidade. É frequente, também, o aparecimento da sessão intitulada de "Jury", onde obtemos informações sobre os

julgamentos da cidade. É esporádica também a publicação de “Editais”, com informações variadas sobre processos administrativos e legais.

Na terceira e na quarta páginas, temos a publicação dos anúncios. Podemos perceber não só a oferta de variados produtos e serviços, como declarações curiosas, dos mais variados tipos:

> **Mala trocada -** Em viagem de Faria Lemos a Santo Antônio do Carangola, no dia 11 do corrente, um passageiro levou a minha mala deixando a sua, convido-o a vir buscá-la, trazendo a que levou.
> Cidade de Santo Antonio de Padua, 12 de agosto de 1893.
> Rodolpho Cosendey (*O Rebate*, número 22, 07 set. 1893).

Ao observar o anúncio acima, percebemos que o seu remetente é da cidade de Santo Antônio de Pádua, ou seja, mais uma vez, é possível compreender que o jornal circula em outras localidades, além da cidade de Carangola. A utilização do anúncio como forma de tentar encontrar um passageiro específico, mas, desconhecido, nos dá uma ideia sobre a percepção de muitas pessoas sobre o alcance das notícias dos jornais. É possível evidenciar que muitos leitores já compreendem o jornal como um meio de comunicação de amplo alcance.

Também são enviadas cartas à redação com a intenção de esclarecer ou retratar notícias de outros números do próprio jornal *O Rebate.* Como podemos observar na carta enviada pelo “Sr. Dr. João Baptista Martins”, e publicada sob o título de “Retificação”:

> **Retificação**
> O Ilmo. Sr. Dr. João Baptista Martins dirigiu-nos a seguinte carta que gostosamente publicamos:
> “Ilmo. Sr. Redator d’O Rebate – Carangola, 6 de junho de 1893 – Peço a V.S. para declarar carecedora de verdade a notícia que veio publicada no último número d’O Rebate, alusivamente aos fins da minha recente viagem ao Rio de Janeiro. Não fui a essa cidade realizar compras para nenhuma casa comercial, nem resolvi abrir alguma aqui, só ou de sociedade com outrem. V. S. foi, portanto, mal informado; e eu espero de sua reconhecida cortesia a publicação d’esta carta nas colunas de vossa folha, a bem da reintegração da verdade adulterada. De V. S. etc. – JOÃO BAPTISTA MARTINS”. (*O Rebate*, número 08, 01 jun. 1893).

A evidente preocupação do leitor em retratar-se, desmentindo a falsa notícia, sinaliza o papel do jornal *O Rebate*, junto à sociedade local, como uma importante e confiável fonte de informação.

Apesar do jornal ser publicado uma vez por semana, às quintas-feiras, temos algumas publicações extraordinárias. A primeira, número 23, publicada em 10 de setembro de 1893, um domingo, traz apenas 2 páginas de jornal, como podemos observar na notícia abaixo:

> **O Rebate**
> Passa a ser bissemanal *O Rebate.* A Revolução que a armada levanta e impele contra a esfinge fatídica do marechal, levou-o a isso. Publicado sucessivamente duas vezes por semana, aprendeu por esse modo que a simpatia do povo se move na razão do esforço que empregamos para agradá-lo mais.
> Aí está, pois. Ei-lo de novo. E como este, todo o domingo rosado há de vê-lo triunfante, radioso, festivo como uma barricada de guerra em dia de tréguas nacional (*O Rebate*, número 27, 24 set. 1893)[27].

A partir desta data, eram regulares as publicações extraordinárias, aos domingos, e *O Rebate* anuncia-se como bissemanal. Conforme podemos observar na notícia a seguir:

> **O Rebate**
> Correspondendo de novo à curiosidade dos nossos leitores e à gentileza com que tem afluído ao nosso escritório em procura de números passados e de assinaturas, damos hoje novamente *O Rebate* extraordinário, por um esforço de vontade nossa e um dever de civismo a que não nos negamos. Fiquem os leitores certos de que dá-lo-emos enquanto continuar a revolta, aos domingos, extraordinariamente. (*O Rebate*, número 14, 13 jul.1893)

É interessante perceber que *O Rebate,* classificado por seus próprios redatores como um jornal de oposição ao governo do Marechal Floriano, começa a criticar cada vez mais o governo à medida que vai percebendo a queda de popularidade do presidente. Dessa forma, com o descontentamento popular e as tensões referentes ao governo nacional cada vez mais evidentes, o jornal passava a trazer notícias e críticas sobre os desdobramentos políticos na capital federal e contava com um grande crescimento do número de seus assinantes.

---

[27] A comparação de Floriano Peixoto com uma esfinge tornou-se popular por conta de artigos publicados por Euclides da Cunha em *Contrastes e confrontos*, de 1907 (VENTURA, 1996). Os redatores de *O Rebate* utilizam o termo, também, no texto “Questionário”, o que é um indício de que estavam a par do que se dizia nos meios literários e jornalísticos nacionais.

Em sua edição número 32, publicada em 1 de outubro de 1893, passava a constar em sua capa, como redator, além do “Dr. Alves de Faria”, o nome de “Anfrisio Fialho”. Em 9 de novembro de 1893, em seu número 38, temos o anúncio de que as publicações de *O Rebate* estarão suspensas até segunda ordem, devido à prisão dos seus redatores (Dr. Alves de Farias e Anfriso Fialho), no Rio de Janeiro. O motivo da prisão remete à perseguição política, devido às várias críticas que o jornal fazia ao presidente e ao seu governo. Não são dados detalhes da prisão dos redatores pelo jornal:

> **O Rebate**
> A represália violenta já tardava em irromper, imobilizando no silêncio das prisões o patriota arrojado que, dia a dia, golpeava, com arma certeira e terrível, do alto dessas colunas, o governo cruel e opressor do marechal Floriano Peixoto!
> Por toda parte, no vasto território deste infortunado país, a matilha covarde dos mamelucos florianistas tem obrigado os órgãos independentes da imprensa a desertarem a arena gloriosa das lutas da palavra, outrora tão respeitada pelos piores argumentos da monarquia, hoje, abandonada, sem remissão, sob um regime libérrimo, às invasões irreprimíveis da soldadesca desaçamada e brutal. Faltava a nossa vez; faltava soar a hora da imolação dos nossos direitos, da nossa vida, da nossa independência aos caprichos tresloucados e cegos do déspota desnaturado, que moireja, há doze anos, na fraga insana e calamitosa de martelar o esquife da república nascente, desventurada criança que esse tutor libidinoso ensanguenta hoje numa guerra.
> Continuarmos na brecha, levando por diante a oposição irresistível que o Dr. Farias sustentou por muito tempo com verdadeiro heroísmo, em nossas colunas, contra os desvarios do florianismo, seria, em nosso conceito, contribuirmos para amortecer o brilho e diminuir a grandeza dessa resistência duradoura e tenaz às irrupções do arbítrio florianista, que cada número *d’O Rebate* há de perpetuar, impondo à veneração entusiástica dos republicanos sinceros o moço intemerato e leal, o jornalista franco e inteligente de cuja preciosa colaboração o ódio implacável do governo a tudo o que é puro, honesto e são, acaba de privar-nos, com o ato de que vimos de dar notícia aos nossos leitores. Assim, curvando-nos à força das circunstâncias, em honra ao nosso redator, suspendemos, com o presente número, a publicação d'*O Rebate, e* prometemos aos nossos assinantes empregar todo o esforço para indenizá-los, oportunamente, do prejuízo que esta resolução possa determinar-lhes.
> *O Rebate r*eaparecerá, defendendo com firmeza o posto em que se colocou na imprensa mineira, logo que o Dr. Alves de Farias volte a assumir a sua redação ou nos autorize a continuar a publicá-lo sob a bandeira reacionária que ele hasteou no frontispício deste jornal (*O Rebate*, número 27, 24 set. 1983).

O jornal voltou a circular, em sua edição de número 39, em 26 de novembro de 1893. Agora, porém, sob a redação do “tenente Bellarmino Lima”. Até o último

número que temos disponível para consulta (*O Rebate*, número 47, 28 de dez.1893), o jornal continuava sob o comando do tenente, com o mesmo formato, posicionamento político e estrutura de antes[28].

Ao analisar os anúncios e as notícias do próprio jornal, lidamos com a promessa de tratar-se de uma das tipografias "mais bem montadas do interior de Minas Gerais". Temos a informação que a tipografia passou por um grande conjunto de reformas, que foram desde a ampliação do seu espaço físico, até a aquisição de novas máquinas, como um cortador de papel e uma nova máquina de impressão (*O Rebate*, número 12, 29 de jun.1893).

A tipografia do jornal *O Rebate,* assim como a de *O Radical,* era localizada na cidade de Carangola, Minas Gerais, na Rua Quinze de Novembro. Apesar da coincidência de endereço, não foi possível determinar se era a mesma tipografia. Temos a oferta de variados trabalhos a preços reduzidos, como participações de casamento, envelopes comerciais, livros de instrução primária e secundária, letras em branco, papéis de cores, livros em branco e outros. A formatação de suas páginas era de 32cm x 47 cm.

1.6 As relações entre jornais

Os jornais da época se diferenciavam dos jornais de hoje, assim como os profissionais que trabalhavam nas suas redações. Evidenciamos as discussões nas páginas de *O Radical e O Rebate* que mencionam outros periódicos e, com isso, pudemos perceber que os jornais mantinham contato com outras redações. Com a finalidade de compreender melhor a maneira com que os organismos da imprensa se relacionavam, elucidaremos, aqui, algumas questões para discussão.

[28] Para melhor observação sobre a estrutura e configuração do jornal, disponibilizamos o exemplar número 32, de 15 de outubro de 1893, na sessão de anexos.

1.6.1. *O Radical* (1891) e outros jornais

Na primeira edição do jornal *O Radical,* de 03 de novembro de 1891, fomos informados, em seu texto de abertura, que o periódico seguia, sob novo título e nova direção de redação, como uma proposta de continuação das publicações do extinto *O Carangola. O Radical* propunha seguir os mesmos valores de *O Carangola* e elogiava o referido jornal e seus redatores.

Vários jornais também são mencionados ao longo de suas publicações, inclusive outros dois periódicos que também circulavam em Carangola, no ano de 1891, *O Tentamen* e *A Opinião.* Na edição de *O Radical*, de 29 de outubro de 1891, temos a notícia de que a sua redação recebeu o primeiro número da publicação de *O Tentamen,* jornal que começava a circular na cidade, sob a redação do "Sr. Belmiro Braga"[29]. A publicação de *O Tentamen* é muito elogiada, conforme podemos perceber a seguir:

> **O TENTAMEN**
> Recebemos o 1º número deste interessante semanário que acaba de sair à luz de publicidade nesta cidade.
> Confiado à pena do inteligente moço Sr. Belmiro Braga, acreditamos estar o *Tentamen* na altura da aceitação pública.
> É bem escrito e habilmente impresso.
> Permutaremos (*O Radical*, número 09, 29 out.1891).

Já o jornal *A Opinião* é visto como concorrente e mencionado em várias edições; seus textos e publicações são muito criticados por *O Radical*. Podemos usar como exemplo uma edição em que *O Radical* traz uma publicação que repreende comentários feitos em *A Opinião* sobre a falta de seriedade das autoridades policiais. *O* jornal defende a polícia e questiona os argumentos do concorrente *A Opinião* (*O Radical*, número 09, 29 out.1891).

---

[29] Belmiro Ferreira Braga (Belmiro Braga, então Vargem Grande, 7 de janeiro de 1872 - 31 de março de 1937) foi um poeta brasileiro. Membro da Academia Mineira de Letras. Como homenagem ao poeta, o seu local de nascimento recebeu o nome de Belmiro Braga, após ser elevado à categoria de município. Para mais informações, indicamos: Cem trovas de Belmiro Braga. Disponível em <http://falandodetrova.com.br/01belmirobraga>. Acesso em 21 dez.2019. Ver também FREITAS, Marcus Vinícius de. Humor na poesia de Belmiro Braga. *O Eixo e a Roda* - Revista de Literatura Brasileira. n.2, v.22. 2013. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/5381>. Acesso em 21 dez. 2019.

Em outra edição do jornal, *O Radical* publica uma carta enviada à redação por "José Marti"[30], em que o mesmo esclarece, dando a sua versão dos fatos, sobre a acusação feita a ele pelo "Sr. Cintra", nas páginas de *A Opinião* (*O Radical,* número 11, 12 nov.1891).

Já na edição de número 14, *O Radical* critica *A Opinião* por ter publicado uma falsa notícia sobre a deposição do presidente do país da época, o Marechal Manuel Deodoro da Fonseca, conforme destacado abaixo:

> **Mensagem**
> O povo do Carangola, convencido de que interpreta fielmente a unanimidade do Estado, em boa hora confiado à moderação, honestidade, energia, ilustração e patriotismo de V. Exc.ª., vem por meio desta mensagem, fazer saber a V. Exc.ª., que recebeu com profundo desprezo o boletim da *Opinião* que se publica nesta cidade, dando notícia de que V. Exc.ª. seria deposto do alto cargo em que se acha investido e protesta a V. Exc.ª. franca e decidida adesão, repelindo, em qualquer terreno, a pretensão impatriótica de alguns inimigos do estado que a todo transe querem empolgar o poder (*O Radical*, número 14, 03 dez. 1891, p. 1)[31].

Outro jornal que aparece em *O Radical* é o *Movimento* de Ouro Preto[32]. Temos a notícia e a publicação de um agradecimento sobre o fato da redação de O *Radical* receber exemplares de *Movimento* (*O Radical,* número 12, 19 nov. 1891).

Uma prática comum da imprensa na época era reproduzir notícias publicadas em outros jornais, mencionando a origem da informação. A maioria dessas reproduções era procedente de jornais das grandes cidades, principalmente do Rio de Janeiro. A ampliação da rede ferroviária foi fundamental para a circulação das edições impressas entre as diferentes cidades do interior do país. Destacamos, dessa forma, uma notícia originária do *Friburguense,* de Nova Friburgo; O *Diário do Commercio e* a *Gazeta de Notícias,* ambos do Rio de Janeiro; esta última teve ao menos dois artigos publicados, em edições diferentes (*O Radical*, número 10, 05 nov. 1891).

---

[30]José Martí foi o grande mártir da Independência de Cuba, em 1895, além de poeta e pensador. Considerando a data e o teor da carta e o nome assinado, é possível que este seja um pseudônimo.

[31] Deodoro da Fonseca foi obrigado a renunciar em 23 de novembro de 1891, após tentativa fracassada de golpe, fechando o Congresso 20 dias antes. Pela data da publicação, Deodoro já não era mais presidente quando o jornal lhe enviou esta mensagem. Não sabemos se a redação da *Opinião* estava mais bem informada do que a de *O Radical*, ou se este esperava que a notícia fosse falsa ou revertida.

[32] Jornal que circulou na cidade entre 1889 e 1892 (VEIGA, 1998, p. 148).

1.6.2 O Rebate (1893) e outros jornais

Ao analisar as páginas de *O Rebate,* assim como em *O Radical,* foi possível evidenciar a existência de um jornal concorrente, com o título de *A Opinião.* De acordo com nossa pesquisa, no ano de 1893, os jornais *O Rebate* e *A Opinião* não eram os únicos produzidos na cidade de Carangola, apesar de termos encontrado apenas publicações de exemplares de *O Rebate*, na referente data. Assim como acontecia com *O Radical,* o jornal *O Rebate* também recebia cartas de leitores com esclarecimentos ou críticas às matérias publicadas no concorrente *A Opinião,* e as publicava. A carta assinada por "Hilário Augusto Machado" acusa *A Opinião* de promover falsas acusações contra ele, que pede ao *Rebate* a oportunidade de esclarecimentos, conforme o trecho em destaque:

> **2:000$000**
> É com a epígrafe acima que vem o redator da cansada folha *A Opinião,* que se publica neste lugar, com uma série de useiras mentiras dizendo que está em meu poder aquela quantia, a qual, conforme seus termos, gatunei da Câmara.
> Eu não devia estranhar essa acusação, por quanto há seis anos a esta parte, todas as referências que a tal tipo me faz são para classificar-me como gatuno; estranho-a, porém porque supunha que ele tivesse esquecido de mim, assim como eu me esquecera dele, lançando-o ao desprezo. [...] (*O Rebate*, número 08, 01 jun. 1893)

Uma prática comum, em diversos jornais, que percebemos em *O Rebate,* era a transcrição de notícias de outros jornais, mencionando a origem da informação. A maioria dessas notícias era originalmente publicada em jornais de grandes cidades, principalmente do Rio de Janeiro. Destacamos, dessa forma, uma notícia originária de O *Pharol,* de Juiz de Fora (*O Rebate*, número 13, 06 jul. 1893); duas notícias originárias de O *Jornal do Comércio,* do Rio de Janeiro (*O Rebate*, número 16, 27 jul. 1893); e uma notícia da *Folha de Minas,* de Cataguases (*O Rebate,* número 28, 01 out. 1893)[33].

Com frequência, *O Rebate* aparece com uma sessão intitulada "Bibliografia", na qual menciona outras publicações que estão em circulação e que foram mandadas à redação. Em uma de suas edições, o jornal informa ter recebido a revista *Ensaios,* de Ouro Preto. A revista é de publicação mensal, sendo classificada

[33] Fundada naquela cidade em 1884 (SILVA, 1908, p. 935).

como científica e literária. *O Rebate* elogia sua boa redação e boa impressão (*O Rebate*, número 13, 06 jul. 1893)[34].

Também na sessão "Bibliografia", *O Rebate* elogia as publicações do "Dr. Barata Ribeiro", na *Gazeta de Notícias,* do Rio de Janeiro (*O Rebate*, número 13, 06 jul. 1893). Já em outra edição do jornal, *O Rebate* informa que recebeu e elogia o jornal *Minas Acadêmica*, publicado pelos alunos de Direito, de Ouro Preto (*O Rebate*, número 14, 13 jul. 1893).

No *Rebate* de número 15, o jornal afirma ter recebido um exemplar de *A República,* órgão do Partido Republicano Catarinense, de Desterro, atual Florianópolis[35]. Na mesma edição, *O Rebate* anuncia ter recebido e faz elogios ao jornal *Til*, periódico recreativo de um grupo Revolucionário de Coimbra, Minas Gerais (*O Rebate*, número 15, 20 jul. 1893). Em outra edição, *O Rebate* publica na sessão "Bibliografia" que recebeu os números 1 e 2 do jornal *Juiz de Fora,* da cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais:

> **BIBLIOGRAFIA**
> Temos diante dos olhos os números 1 e 2 do *Juiz de Fora,* órgão de publicidade que vê a luz em Juiz de Fora, Minas, e que preenche perfeitamente os fins a que é destinado.
> Diria assim qualquer noticiário comum de jornal provinciano (com licença da república). Nós, porém, que temos pela chapa a mesma birra que pela descoberta de infecundação do Abel Parente, porque ambos esterilizam, lançamos ao fogo inquisitorial que levantamos sob a nossa tenda de jornalismo, todas essas fórmulas bárbaras e convencionais e dizemos apenas – uns rapazes desconhecemos por., [sic] não sabermos quem sejam, reuniram-se e editaram o *Juiz de Fora* que nos trouxe aqui a essa pasmaceira Carangola aonde boato algum abre asas, a mais copiosa soma de boatos políticos e locais, a par de literatura mais ou menos aceitável, porque jornal que não é literário, é como um homem habituado ao fumo e que anda sem charutos.
> Agradecidos e permutaremos (*O Rebate*, número 16, 27 jul. 1893).

---

[34] Em 1890, o poeta Aurélio Neves – então professor de português no Liceu Mineiro, onde o escritor Afonso Arinos passara a reger a cadeira de Geografia e História – publicava a revista *Ensaios*, que propunha inovação formal com ares de *belle époque*. Não se apresentava como periódico literário convencional. Em lugar do artigo-programa "teórico, enluvado, tresandando à modéstia malcheirosa", os editores publicam a crônica leve e desvencilhada do passado, "sem umas linhas lamuriando desculpas, altiva, num grande desprezo pela formalística", e textos em prosa e verso de Luiz Costa, Francisco Amedée Péret, Eduardo Salamode, Zalina Rolim, Raul Pompéia, Coelho Neto, Aluísio de Azevedo e Affonso de Guimarães, mostrando um pequeno panorama da literatura brasileira do fim de século. (SILAMI, DRUMOND, 2008, p. 62)

[35] Com o advento da República (1889), as resistências locais ao novo regime provocaram um distanciamento do governo central e a diminuição dos seus investimentos. "As vitórias das forças comandadas pelo Marechal Floriano Peixoto determinaram, em 1894, a mudança do nome da cidade para Florianópolis, em homenagem a este oficial". Secretaria Municipal de Turismo, Florianópolis, SC.

É interessante observamos, pela análise das palavras de *O Rebate,* os valores que são considerados importantes para a publicação de um jornal na época. Ao mencionarem "[...] uns rapazes desconhecemos por., não sabermos quem sejam, [...]" (*O Rebate*, número 16, 27 jul. 1893), podemos avaliar a importância de ser conhecido dentro do campo dos redatores, conforme o desenvolvimento da profissão que era caracteristicamente exercida pelos "homens das letras", conceito que discutimos no decorrer desta segunda sessão[36].

A troca de jornais era, também, uma prática já instituída e com cerimonial próprio: "permutaremos" (*O Rebate*, número 16, 27 jul. 1893).

Outras publicações da sessão "Bibliografia" podem ser observadas, como, por exemplo, na edição em que o jornal O *Rebate* afirma ter recebido o jornal *A Semana,* do Rio de Janeiro, e faz elogios ao periódico, afirmando do mesmo se tratar de "um esplêndido número" (*O Rebate*, número 18, 10 ago. 1893). *O Rebate* afirma ter recebido em sua redação os jornais *O Itapecerica,* de Itapecerica, MG; o jornal *Vargem-grandense,* de São Caetano da Vargem Grande, MG; e *O Astro do Século,* de São João d'El-Rey, do estado de Minas Gerais (*O Rebate*, número 20, 24 ago. 1893). Na edição seguinte, *O Rebate* agradece o recebimento dos periódicos *Echo da Mocidade,* quinzenal da Bahia; o jornal *A Gazeta de São Fidélis,* "periódico de ombros largos e musculatura regularíssima, apto à luta da imprensa" (*O Rebate*, número 21, 31 ago. 1893, p. 2), da cidade de São Fidélis, do estado do Rio de Janeiro; e o *Correio da Tarde,* do Rio de Janeiro (*O Rebate*, número 21, 31 ago. 1893). Em outro exemplar, *O Rebate* afirma ter recebido o primeiro número de *O Autonomista,* jornal oficial do partido de mesmo nome da cidade de Itaperuna, do estado do Rio de Janeiro (*O Rebate*, número 24, 14 set. 1893).

Também na sessão "Bibliografia", *O Rebate* informa que, provavelmente por problemas de descuido postal, não tem recebido mais o jornal publicado na cidade do Rio de Janeiro, nomeado de *Cidade do Rio* (*O Rebate,* número 28, 01 out. 1893). Em outra edição, *O Rebate* afirma ter recebido um jornal amarelado da Paraíba do Sul, no estado do Rio de Janeiro, *O Parahybano* (*O Rebate,* número 34, 22 out.

[36] Para uma abordagem sobre a importância de ser conhecido como "homem de imprensa", ver *Recordações do escrivão Isaías Caminha* (LIMA BARRETO, 1989).

1893). Posteriormente, o jornal noticia o reaparecimento do jornal *Manhuassú,* da cidade vizinha de Manhuaçu, Minas Gerais (*O Rebate,* número 37, 05 nov. 1893). E *O Rebate a*firma ter recebido, também, os periódicos *O Município,* de São João Nepomuceno, MG e *O Itaperunense,* de Itaperuna, RJ (*O Rebate,* número 39, 30 nov. 1893).

Para uma melhor observação sobre os aspectos geográficos e sobre a acessibilidade referente às cidades mencionadas, disponibilizamos a seguir um mapa da Companhia Estrada de Ferro Leopoldina, de 1898:

Figura 02 – Companhia Estrada de Ferro Leopoldina

Fonte: <http://vfco.brazilia.jor.br/ferrovias/mapas/1898redeEFL.shtml>, acesso em 28 jan. 2020.

A publicação, assim como a produção de jornais, é uma atividade valorizada por *O Rebate*. Da mesma forma, o papel do redator do jornal também é apreciado, o "profissional das letras" é personagem de suas notícias e é incluído nas páginas das "colunas sociais". É o que podemos observar no exemplo a seguir:

> **Falecimento**
> A *Gazeta da Tarde,* no Rio, acaba de perder um dos seus principais redatores, o Dr. Gustavo do Rego Macedo. Se o seu nome fazia em nós a lembrança saudosíssima de Ferreira de Menezes, o moço fundador desse jornal e de José do Patrocínio, seu redator algum tempo, contudo, representava para nós uma porção de sangue vital de jornalismo e causava-nos a agradável impressão de um pulso e uma pena aparada, de mestre.
> Pêsames à Pátria (*O Rebate*, número 16, 27 jul. 1893).

Conforme observado na presente sessão, os redatores de *O Rebate* têm o hábito de acompanhar a publicação de outros órgãos da imprensa. Inclusive, somos informados que uma publicação de *A Gazeta de Pitanguy*, da cidade de Pitangui, MG, atribuiu como sendo original O *Rebate,* é falsa. Sob o título de "Não é conosco", o jornal declara que "O Rebate a que se refere a Gazeta não é o nosso, porque nunca demos tal notícia" (*O Rebate*, número 31, 12 out. 1893).

Discutimos, nessa sessão, a implantação do regime republicano no Brasil e seus desdobramentos, assim como os ideais de modernidade, atrelados às noções de progresso e civilização. Com isso, foi possível compreender algumas das situações que ocasionaram mudanças no país e impactaram a imprensa. Discutimos, também, como se deu o desenvolvimento da imprensa, no período que este estudo contempla. Não menos importante, procuramos abordar os principais valores que caracterizavam a atividade do profissional de redação.

Consideramos, ainda, o cenário de desenvolvimento social, político, econômico e cultural da região da zona da mata mineira e, mais especificamente, a de Santa Luzia do Carangola. Este movimento procurou compreender situações e particularidades de influência regional e local. Foi intuito apresentar características diversas (conteúdo, produção, relação com publicações de outros periódicos etc.) dos jornais *O Radical* e *O Rebate,* o que nos possibilitou melhor entendimento de aspectos específicos da imprensa local e uma comparação com os seus aspectos nos níveis regionais e nacional.

Na próxima sessão, discutiremos, com base em trabalhos de Patrick Charaudeau, elementos decisivos para este estudo, tais como linguagem, discurso, comunicação e mídia, com o intuito de possibilitar um aprofundamento no discurso dos jornais *O Rebate* e *O Radical*.

2. LINGUAGEM, DISCURSO E INFORMAÇÃO

A presente sessão tem como objetivo apresentar as principais ideias de Patrick Charaudeau sobre linguagem e discurso, a fim criar o embasamento teórico necessário para discutir o que significa informar e como se delineia o contrato do discurso informativo sob a perspectiva da Semiolinguística. Discutiremos também o conceito de imaginários sociais, com o propósito de possibilitar a análise discursiva de textos dos jornais *O Radical* (1891) e *O Rebate* (1893).

2.1 O fenômeno linguageiro

A informação é um fenômeno humano e social que depende da linguagem. Para entendermos a respeito da linguagem, é preciso compreender sua definição, não apenas em referência ao sistema de signos internos de uma língua, mas também em circunstâncias de comunicação particulares, sistemas de valores que comandam o uso desses signos. Dessa maneira, definimos a linguagem como "ato de discurso que aponta para a maneira pela qual se organiza a circulação da fala numa comunidade social ao produzir sentido" (CHARAUDEAU, 2016, p. 33).

Já a definição de discurso, conforme propomos aqui, não deve ser compreendida segundo a tradição linguística, como unidade que ultrapassa a frase. Nas palavras de Mari (2001, p. 25), é preciso "uma sequência de frases que corresponda à expectativa da troca linguageira entre parceiros em circunstâncias bem determinadas". O discurso vai além dos códigos da manifestação linguageira e configura-se no lugar da encenação da significação. Notemos, assim, que uma determinada frase, um gesto ou uma palavra podem até ser portadores de discurso, desde que respeitem as condições determinadas pelo discurso.

O "fenômeno linguageiro" é constituído por um duplo movimento, conforme definido por Charaudeau (2016, p. 27), em que o Implícito e o Explícito interagem mutuamente:

> Esse duplo movimento define claramente a linguagem como fenômeno conflitual no qual, de um lado, a atividade serial põe em causa, incessantemente, as tentativas que a atividade estrutural empreende para fixar o signo em um lugar definitivo de reconhecimento do sentido; de outro lado, a atividade estrutural, por sua vez, tenta *fixar, "congelar",* o sentido comandado pela atividade serial (CHARAUDEAU, 2016, p. 27).

O primeiro desses movimentos é o exocêntrico, que consiste numa força centrífuga que obriga todo ato de linguagem, e por consequência todo signo, a se significar em uma intertextualidade formada pela interpelação de variados signos, no âmbito de uma contextualização que ultrapassa, consideravelmente, o seu contexto explícito. Essa atividade serial garante a produção da significação do discurso (CHARAUDEAU, 2016, p. 27).

O segundo movimento é endocêntrico, que consiste em uma força centrípeta que obriga o ato de linguagem e, por consequência, os signos que o compõem, a ter significado. Essa significação ocorre ao mesmo tempo em uma designação de referência e um ato de simbolização, em que o signo se esgota em função de troca e constitui-se como valor de diferença. Essa atividade serial corresponde ao movimento estrutural que garante a construção do sentido de simbolização referencial (CHARAUDEAU, 2016, p. 27).

2.1.1 As instâncias do ato de comunicação

O funcionamento de todo ato de comunicação baseia-se na troca entre as instâncias de produção e de recepção. O sentido resultante do ato comunicativo é determinado pela interação de três variáveis, que consistem: na análise das condições de produção, das instâncias de recepção e do texto como produto (CHARAUDEAU, 2012).

No âmbito do discurso de informação, podemos considerar que, indagar sobre o funcionamento do ato de comunicação, é o mesmo que se interrogar "sobre a mecânica de construção do sentido, sobre a natureza do saber que é transmitido e sobre o efeito de verdade que pode produzir no receptor" (CHARAUDEAU, 2017, p. 40).

A primeira instância, caracterizada como a instância de produção, é representada pelo produtor da informação (o organismo da instituição e seus atores), submetida a certas condições de produção. A segunda instância, denominada como a instância de recepção, é representada pelo consumidor da informação (diferentes públicos, leitores e telespectadores), submetida às condições de interpretação. Já a terceira é a qualificação do texto como produto (artigo de jornal, boletim radiofônico, telejornal etc.), que se apresenta como tal e é submetido a certas condições de construção (CHARAUDEAU, 2012, p. 23).

Conforme Charaudeau (2012, p. 24), podemos caracterizar o lugar de condições de produção como o espaço que compreende as qualidades socioeconômicas da máquina midiática como organização regulamentada, cujos atores possuem *status* e funções relacionadas às suas práticas, mais ou menos institucionalizadas. Seus atores justificam essas práticas pela produção de discursos de representação que circunscrevem uma intencionalidade orientada por interesses próprios. “É o espaço de hierarquização do modo de trabalho de cada organismo midiático, seus modos de funcionamento e de contratação, suas escolhas de produção” (CHARAUDEAU, 2012, p. 24). Esse espaço também compreende as condições semiológicas da produção, constituindo o lugar das práticas, onde os discursos de representação são pensados e justificados tendo em vista um interlocutor almejado. É o local onde o discurso apresenta uma intencionalidade orientada por efeitos de sentidos visados.

É no lugar das condições de recepção que encontramos o destinatário ideal. Temos aqui o lugar dos efeitos esperados. O alvo da comunicação que é imaginado pela instância midiática como suscetível de perceber os efeitos visados por ela. É também no lugar das condições de recepção que encontramos o receptor real, o público que interpreta, segundo suas próprias percepções, as mensagens que lhe são dirigidas. É o local da instância de consumo da informação midiática (CHARAUDEAU, 2012, p. 26).

Já no lugar em que o discurso se configura em texto, podemos considerar que o sentido é o resultado de uma “cointencionalidade”. O sentido depende da estruturação particular feita de uma combinação de formas, cujo reconhecimento pelo receptor é necessário para que se realize efetivamente a troca comunicativa. A

configuração do texto ocorre segundo certa organização semiodiscursiva feita da combinação de formas: umas pertencentes ao sistema verbal, outras, a diferentes sistemas semiológicos - icônico, gráfico, gestual.

A partir da distinção proposta acima por Charaudeau (2012), entre os três lugares de construção de sentido, é possível explicar a informação como algo que não depende apenas da intenção do produtor ou do receptor, mas como “o resultado de uma cointencionalidade que compreende os efeitos visados, os efeitos possíveis, e os efeitos produzidos” (CHARAUDEAU, 2012, p. 28). Dessa forma, cada um desses três lugares é definido a partir da sua relação com os demais. “Como num jogo de espelhos em que as imagens incidem umas sobre as outras” (IDEM).

2.1.2 As circunstâncias do discurso

As “circunstâncias do discurso” são os conhecimentos que comandam o ato material, ou seja, são o conjunto dos saberes supostos que circulam entre os protagonistas da linguagem a respeito do mundo (as práticas sociais partilhadas) e sobre os pontos de vista recíprocos dos protagonistas do ato de linguagem (os filtros construtores de sentido) (CHARAUDEAU, 2017, p. 32).

Podemos afirmar que a significação de um ato de linguagem é uma totalidade não autônoma, já que ela depende dos filtros construtores de sentido, isto é, dos saberes que a constroem, tanto do ponto de vista do enunciador quanto do ponto de vista do interpretante. Da mesma forma, podemos afirmar que o signo não é uma unidade autônoma de sentido, pois ele é preenchido por um saber que depende da expectativa particular de cada ato de linguagem e, portanto, dos filtros de sentido construídos e colocados pelo enunciador e pelo interpretante (CHARAUDEAU, 2017).

“O signo linguageiro apresenta-se, do ponto de vista de seu sentido, sob a dupla face de uma *qualificação referencial* e de uma *funcionalidade”* (CHARAUDEAU, 2016, p. 34). A “qualificação referencial” do signo é formada por um valor de designação que atribui uma carga semântica para uma determinada

parte do mundo físico. Já a “funcionalidade” do signo é referente ao valor de uso do signo, também chamado de “domínio de experiência”.

A montagem do signo, através de sua “qualificação referencial” e de sua “funcionalidade”, determina um Núcleo metadiscursivo referente à atividade de simbolização referencial:

> Desse modo, os elementos do Núcleo metadiscursivo de uma marca linguística são um *estar aí,* como proposição de sentido, como testemunha de um contrato social que fixa o estatuto semântico do significante (CHARAUDEAU, 2017, p. 35).

A significação é uma manifestação linguageira que, em função de uma intertextualidade particular, combina signos, dependendo de “circunstâncias de discurso” particulares. Apesar disso, existem constantes de sentido que são construídas a partir do emprego de palavras em contextos semelhantes (CHARAUDEAU, 2017, p. 34).

2.1.3 A Situação de comunicação

Todo discurso é construído tendo em vista as condições de troca nas quais ele surge. Ele vai além das regras de uso da língua e resulta da combinação das circunstâncias em que se fala ou se escreve, pela maneira pela qual se fala ou escreve. É importante refletir sobre a própria concepção que temos da realidade é construída discursivamente. Consideramos que “a informação implica no processo de produção de discurso em situação de comunicação” (CHARAUDEAU, 2017, p. 34).

Podemos considerar o ato de “comunicar” como um fenômeno complexo em que pensamento e linguagem relacionam-se em uma construção de reciprocidade. O processo de produção da linguagem está intimamente ligado ao fenômeno de concepção e de compreensão do/pelo pensamento. De acordo com Charaudeau (2016, p. 67), podemos representar o ato de comunicação como um “dispositivo cujo

centro é ocupado por um sujeito falante (o locutor ao falar ou escrever), em relação com um outro parceiro (interlocutor)".

Podemos descrever a ação comunicativa como uma encenação, assim como uma encenação teatral. No teatro, o diretor utiliza o espaço cênico (o cenário, a iluminação, o som etc.) para produzir "efeitos de sentido" visando atingir um público imaginado por ele. Dessa mesma forma, no ato de "comunicar", o locutor (seja ao falar ou escrever) utiliza componentes do dispositivo comunicativo em função dos efeitos de sentido que deseja produzir no interlocutor (CHARAUDEAU, 2016, p. 68).

Charaudeau destaca 4 componentes desse dispositivo; são eles:

> – a **Situação de comunicação,** que constitui o enquadre ao mesmo tempo *físico* e *mental* no qual se acham os parceiros da troca linguageira, os quais são determinados por uma *identidade* (PSICOLÓGICA E SOCIAL) e ligados por um *contrato de comunicação.*
> - os **Modos de organização do discurso,** que constituem os *princípios de organização* da matéria linguística, princípios que dependem da finalidade comunicativa do sujeito falante: ENUNCIAR, DESCREVER, CONTAR, ARGUMENTAR.
> - a **Língua,** que constitui o material verbal estruturado em categorias linguísticas que possuem, ao mesmo tempo e de maneira consubstancial, uma *forma* e um *sentido.*
> - o **Texto,** que representa o resultado material do ato de comunicação e que resulta de escolhas conscientes (ou inconscientes) feitas pelo sujeito falante dentre as *categorias de língua* e os *Modos de organização do discurso,* em função das restrições impostas pela *Situação.* (CHARAUDEAU, 2016, p. 68)

Uma "Situação de comunicação" constitui-se em um "espaço de troca" no qual o sujeito falante (locutor) põe-se "em relação" com um parceiro (interlocutor). Essa relação define-se de acordo com as "características físicas", as "características identitárias" dos parceiros e as "características contratuais" (CHARAUDEAU, 2016, p. 70).

As "características físicas" são divididas de acordo com os parceiros (se estão presentes fisicamente um ao outro, se são únicos ou múltiplos, se estão próximos ou afastados um do outro e como estão dispostos um em relação ao outro) e "o canal de transmissão (se é um canal oral ou gráfico, se é direto ou indireto e que outro código semiológico é utilizado)" (CHARAUDEAU, 2016, p. 70).

As “características identitárias” dos parceiros são definidas de acordo com os aspectos sociais (idade, sexo, raça, classe...), socioprofissionais (médico, escritor, publicitário, político...), psicológicos (nervoso, agitado, dócil, amável, carinhoso...) e relacionais (os parceiros entram em contato pela primeira vez ou não; eles se conhecem ou não; têm uma relação de familiaridade, ou não) (CHARAUDEAU, 2016, p. 70).

Já “as características contratuais” são classificadas de acordo com a situação de troca/não troca (se o contrato admite uma troca dialogal – também chamada de interlocutiva – ou não admite a troca), os rituais de abordagem (podem ser saudações, pedidos de desculpas, prefácios, avisos etc.) e os papéis comunicativos (trata-se dos papeis que os parceiros da troca devem assumir) (CHARAUDEAU, 2016, p. 71).

Consideremos uma situação em que o canal de transmissão é gráfico (como no caso de nossa pesquisa, o jornal), caracterizado como monologal; o contrato não permite a troca; os parceiros não estão presentes fisicamente. Nessa situação, o locutor não pode perceber imediatamente as reações do interlocutor. Dessa forma, ele pode organizar o que vai dizer de maneira “lógica e progressiva” em relação ao que ele imagina vir a ser a reação do interlocutor. A configuração verbal, nessa situação, apresenta algumas particularidades: a relação da ordem das palavras, que é dita progressiva; a construção contínua de uma sucessão de termos cujo sentido está hierarquizado; uma explicação necessária, pelo fato do canal ser gráfico, daquilo que poderia ser significado pela entonação ou mímica (CHARAUDEAU, 2016).

Exemplificamos com a apresentação de um quadro informativo com um resumo de suas principais características, referentes à Situação de comunicação monologal, em que o canal de transmissão é o jornal impresso:

QUADRO 1 – Situação monologal

COMPONENTES SITUACIONAIS	CONSEQUÊNCIAS PARA O LOCUTOR	CONFIGURAÇÃO VERBAL
Não temos a presença dos parceiros	Não temos a percepção imediata pelo locutor das reações do interlocutor	Ordem das palavras é "Progressiva"
Não temos contrato de troca	Locutor não está "à mercê" do interlocutor: reflexão e organização lógica	Construção "contínua e hierarquizada" Sucessão de termos com valor semântico progressivo.
Canal gráfico	Não temos a utilização da entonação, de gestos e de mímicas	Não temos a explicitação da entonação ou de gestos.

Fonte: quadro construído pela autora a partir de CHARAUDEAU, 2016, p. 73.

Apesar dos jornais (*O Radical* e *O Rebate*) publicarem cartas enviadas à redação, essas publicações não configuram uma relação dialogal. Por um lado, é reação tardia, não gerando exatamente um diálogo; por outro, é sempre filtrada pela redação, pois não se pode afirmar que todas as cartas são publicadas, nem que todos os recados são impressos. Aliás, como o próprio jornal estabelece alguns critérios para o que irá ou não publicar, entende-se que há um filtro, há uma restrição. Neste caso, os textos publicados funcionam muito mais como apropriações que visam a reforçar o discurso da redação do que como um diálogo. Essa interlocução "forjada" é uma estratégia de captação, uma vez que leva o leitor a ter a sensação de que é ouvido e considerado.

Tomemos como exemplo, abaixo, uma carta enviada ao *Rebate*:

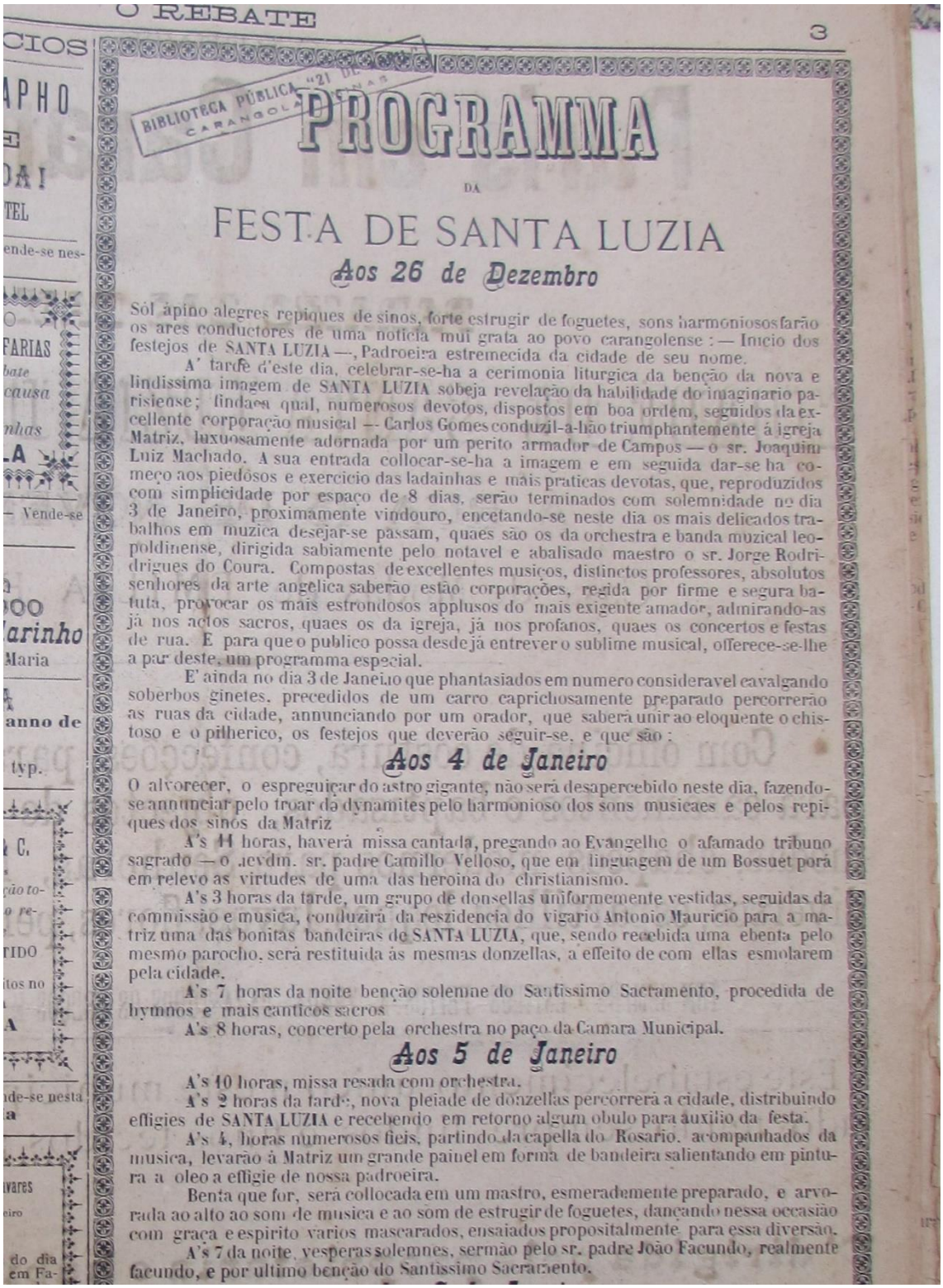
> **Ao povo do Carangola**
> Sem ligar a mínima importância ao ladrar de cães e ao grunhir de porcos que aparecem, aqui ali, na margem do áspero caminho que vou trilhando, declaro ao público que mantenho-me [sic] firmíssimo na execução da ideia que aventei, e que em boa hora foi acolhida por cavalheiros distintos.
> Pela segunda vez digo que conto com o necessário apoio do povo carangolense, cuja dedicação para com sua padroeira jamais deve faltar. – E viva Santa Luzia.
> Padre A. Maurício (*O Rebate*, número 38, 9 nov.1893).

A carta publicada pelo *Rebate* e endereçada aos cidadãos carangolenses pelo padre Maurício diz respeito às festividades em homenagem à padroeira da cidade, Santa Luzia.[37]

Pelo conteúdo da missiva, é possível perceber que há pessoas contrárias à realização da festa, apesar de não sabermos os motivos nem o contexto em que se desenvolvem os conflitos. O pedido de apoio ao povo carangolense e a afirmativa da realização das festividades significam, também, implicitamente, um pedido de apoio ao *Rebate.* Com a publicação da carta, podemos entender que o jornal apoia as festividades e o apelo do padre. Tal afirmação é possível de ser verificada ao observamos a programação das festividades em homenagem à padroeira, conforme ilustração a seguir:

[37] Santa Luzia, protetora dos olhos, é padroeira da cidade que, na época, também levava o seu nome, Santa Luzia do Carangola. O dia dedicado à santa é comemorado pela Igreja Católica em 13 de dezembro.

FIGURA 03 – Programa da festa de Santa Luzia



O REBATE 3

BIBLIOTECA PÚBLICA "21 DE ABRIL" CARANGOLA

PROGRAMMA

DA

FESTA DE SANTA LUZIA

Aos 26 de Dezembro

Sol ápino alegres repiques de sinos, forte estrugir de foguetes, sons harmoniosos farão os ares conductores de uma noticia mui grata ao povo carangolense : — Inicio dos festejos de SANTA LUZIA —, Padroeira estremecida da cidade de seu nome.

A' tarde d'este dia, celebrar-se-ha a cerimonia liturgica da benção da nova e lindissima imagem de SANTA LUZIA sobeja revelação da habilidade do imaginario parisiense; findaes qual, numerosos devotos, dispostos em boa ordem, seguidos da excellente corporação musical — Carlos Gomes conduzil-a-hão triumphantemente á igreja Matriz, luxuosamente adornada por um perito armador de Campos — o sr. Joaquim Luiz Machado. A sua entrada collocar-se-ha a imagem e em seguida dar-se ha começo aos piedosos e exercicio das ladainhas e mais praticas devotas, que, reproduzidos com simplicidade por espaço de 8 dias, serão terminados com solemnidade no dia 3 de Janeiro, proximamente vindouro, encetando-se neste dia os mais delicados trabalhos em muzica desejar-se passam, quaes são os da orchestra e banda muzical leopoldinense, dirigida sabiamente pelo notavel e abalisado maestro o sr. Jorge Rodrigues do Coura. Compostas de excellentes musicos, distinctos professores, absolutos senhores da arte angelica saberão estão corporações, regida por firme e segura batuta, provocar os mais estrondosos applusos do mais exigente amador, admirando-as já nos actos sacros, quaes os da igreja, já nos profanos, quaes os concertos e festas de rua. E para que o publico possa desde já entrever o sublime musical, offerece-se-lhe a par deste, um programma especial.

E' ainda no dia 3 de Janeiro que phantasiados em numero consideravel cavalgando soberbos ginetes, precedidos de um carro caprichosamente preparado percorrerão as ruas da cidade, annunciando por um orador, que saberá unir ao eloquente o chistoso e o pitherico, os festejos que deverão seguir-se, e que são :

Aos 4 de Janeiro

O alvorecer, o espreguiçar do astro gigante, não será desapercebido neste dia, fazendo-se annunciar pelo troar da dynamites pelo harmonioso dos sons musicaes e pelos repiques dos sinos da Matriz

A's 11 horas, haverá missa cantada, pregando ao Evangelho o afamado tribuno sagrado — o revdm. sr. padre Camillo Velloso, que em linguagem de um Bossuet porá em relevo as virtudes de uma das heroina do christianismo.

A's 3 horas da tarde, um grupo de donsellas uniformemente vestidas, seguidas da commissão e musica, conduzirá da reszidencia do vigario Antonio Mauricio para a matriz uma das bonitas bandeiras de SANTA LUZIA, que, sendo recebida uma ebenta pelo mesmo parocho, será restituida ás mesmas donzellas, a effeito de com ellas esmolarem pela cidade.

A's 7 horas da noite benção solemne do Santissimo Sacramento, procedida de hymnos e mais canticos sacros

A's 8 horas, concerto pela orchestra no paço da Camara Municipal.

Aos 5 de Janeiro

A's 10 horas, missa resada com orchestra.

A's 2 horas da tarde, nova pleiade de donzellas percorrerá a cidade, distribuindo effigies de SANTA LUZIA e recebendo em retorno algum obulo para auxilio da festa.

A's 4, horas numerosos fieis, partindo da capella do Rosario, acompanhados da musica, levarão á Matriz um grande painel em forma de bandeira salientando em pintura a oleo a effigie de nossa padroeira.

Benta que for, será collocada em um mastro, esmeradamente preparado, e arvorada ao alto ao som de musica e ao som de estrugir de foguetes, dançando nessa occasião com graça e espirito varios mascarados, ensaiados propositalmente para essa diversão.

A's 7 da noite, vesperas solemnes, sermão pelo sr. padre João Facundo, realmente facundo, e por ultimo benção do Santissimo Sacramento.

Fonte: O *Rebate*, número 45, 17 dez.1893.

O *Rebate* - em suas publicações de número 45, em 17 de dezembro de 1893 e número 46, em 21 de dezembro de 1893 - divulga a programação das festividades em homenagem à padroeira da cidade.

2.2 O contrato de comunicação

O locutor, mais ou menos consciente da margem de manobra e das restrições indicadas pela "Situação de comunicação", utiliza "categorias da língua" ordenadas nos "Modos de organização do discurso" para produzir sentido, por meio da configuração de um "texto". "Melhor dizendo, fala-se (ou escreve-se) organizando o discurso em função de "sua própria identidade, da imagem que se tem de seu interlocutor e do que já foi dito" (CHARAUDEAU, 2016, p. 76). Segundo o autor:

> Para o locutor, falar é, pois, uma questão de estratégia, como se ele perguntasse: "Como é que vou/devo falar (ou escrever), levando em conta o que percebo do interlocutor, o que imagino que ele percebe e espera de mim, do saber que eu e ele temos em comum e dos papéis que eu e ele devemos desempenhar" (CHARAUDEAU, 2016, p. 75).

Durante a "Situação de comunicação" as identidades social e psicológica das pessoas que se comunicam estão imbricadas. Locutor e interlocutor, ao se comunicarem, atribuem-se uma "identidade propriamente linguageira" (CHARAUDEAU, 2016, p. 76). Diferente da sua identidade de natureza psicossocial. Embora, na instância de fala, esses dois tipos de identidade se confundam, é necessário diferenciá-las para compreender a configuração do que está em jogo no ato de comunicação (IDEM).

O ato de linguagem, conforme os estudos de Charaudeau (2016, p. 53), compõe-se de dois circuitos de produção de saber: o "circuito da fala configurada" (espaço interno) e o "circuito externo à fala configurada" (espaço externo). O "circuito da fala configurada", o espaço interno, é o lugar no qual encontram-se os seres de fala que são provenientes de um saber ligado às representações linguageiras das práticas sociais. Temos, dessa forma, a instituição da imagem de sujeito enunciador (EUe) e de sujeito destinatário (TUd). O "circuito externo à fala configurada", o

espaço externo, é o lugar no qual se encontram os seres agentes que são instituídos a partir da determinação de um saber que é ligado ao conhecimento da organização do “real”. Temos, dessa forma, o sujeito comunicante (EUc) e o sujeito interpretante (TUi).

O sujeito destinatário (TUd) é o interlocutor fabricado pelo enunciador como destinatário ideal, adequado ao seu ato de enunciação. O enunciador imagina que sua intencionalidade discursiva vai ser totalmente transparente para o TUd e, por isso, tem domínio total sobre ele. Sempre vai haver a existência de um ou vários TUd em um mesmo ato de linguagem, o que vai depender das “circunstâncias de discurso” e do “contrato de comunicação”. O TUd é um sujeito de fala que depende do EUe e pertence ao ato de produção produzido pelo EUc (CHARAUDEAU, 2016).

O sujeito interpretante (TUi) age fora do ato de enunciação produzido pelo EUe. O TUi está sempre presente em um ato de linguagem. Ele institui-se no momento exato em que acontece um processo de interpretação e é o responsável por esse ato. Podemos dizer que o TUi, em seu ato interpretativo, tem como objetivo recuperar a imagem criada sobre o TUd. O TUi deve aceitar ou recusar o estatuto de TUd fabricado pelo EUe. É interessante destacarmos que o TUi pode detectar uma imagem do TUd que não corresponde à intencionalidade do enunciador (CHARAUDEAU, 2016)[38].

O sujeito enunciador (EUe) é uma imagem de enunciador construída pelo TUi como uma hipótese de como seria a intencionalidade do EUc realizado no ato de produção. O EUe (assim como o TUd) é um ser que existe devido ao ato de produção-interpretação, o que lhe dá um estatuto exclusivamente linguageiro. O EUe é responsável por um certo efeito de discurso produzido sobre o Interpretante. Porém, como esse efeito de discurso depende igualmente do que é o TUi, é o TUi que, em compensação, constrói (para si) uma certa imagem do EUe. O EUe é sempre uma imagem de fala que oculta em maior ou menor grau o EUc. Assim, o EUe é apenas “uma máscara de discurso” usada pelo EUc (CHARAUDEAU, 2016).

[38] É importante destacarmos que essa operação não é pragmática e não é controlada o tempo todo pelos sujeitos.

O sujeito comunicante (EUc) é o iniciador do processo de produção. Ele é testemunha de um determinado real e sofre as restrições impostas pelas circunstâncias do discurso.

É a relação EUc – EUe que produz um certo efeito pragmático sobre o Interpretante. O EUc (assim como o TUi) é um sujeito externo à configuração verbal. O EUc depende do conhecimento que o TUi possui dele e está sempre ocupando o lugar e o espaço de "testemunha do real" (CHARAUDEAU, 2016).

No esquema abaixo, proposto por Charaudeau (2016, p. 52), temos o contrato de comunicação demonstrado a partir da observação do ato de linguagem e dos sujeitos.

QUADRO 02 – Contrato de comunicação

Fonte: CHARAUDEAU, 2016, p. 52.

Partimos da hipótese de que a linguagem faz parte de um conjunto de condutas coerentes internas ao sujeito. Dessa forma, o EUc concebe um projeto global de comunicação que se configura sempre como um ato de linguagem. O EUc organiza o ato de acordo com a sua competência, levando em conta as restrições e possibilidades de ordem relacional de que dispõe. Para obter sucesso, o EUc leva em conta o contrato de comunicação que rege aquele ato e lança mão de diferentes estratégias (CHARAUDEAU, 2016, p. 56).

A noção de “contrato” diz respeito ao fato de que pessoas pertencentes a um mesmo corpo de práticas sociais estão propensas a chegarem a um acordo sobre as representações linguageiras dessas práticas sociais. O EUc pode supor que o outro sujeito possui uma competência linguageira de “reconhecimento” diferente da sua. Dessa forma, o ato de linguagem é uma “proposição” (CHARAUDEAU, 2016, p.56) que o EU faz ao TU e da qual ele espera uma cumplicidade. Para garantir o “reconhecimento” (IDEM), o EU oferece ao TU alguns elementos, “os filtros construtores de sentido” (IDEM) (ou seja, os saberes que o constroem, tanto do ponto de vista do enunciador quanto do ponto de vista do interpretante).

A noção de “estratégia” diz respeito ao fato de que o EUc formula e organiza suas intenções de forma a produzir determinados “efeitos” sobre o TUi, como maneira de aproximá-lo da identificação com o TUd:

> A partir daí, vemos que falar ou, em outras palavras, comunicar é um ato que surge envolvido em uma dupla aposta ou que parte de uma expectativa concebida por aquele que assume tal ato: (i) o “sujeito falante” espera que os contratos que está propondo ao outro, ao sujeito-interpretante, serão por ele bem percebidos e (ii) espera também que as estratégias que empregou na comunicação em pauta irão produzir o efeito desejado (CHARAUDEAU, 2016, p. 57).

Um determinado “contrato de comunicação” orienta o julgamento de outros contratos e estratégias discursivas. Todo contrato de linguagem depende de um “contrato de comunicação” que sobredetermina (em parte, como um fenômeno de legitimação) os protagonistas da linguagem em sua dupla existência de sujeitos de fala (CHARAUDEAU, 2016, p. 61).

A presente pesquisa concentra a análise no espaço interno, no “circuito da fala configurada” (CHARAUDEAU, 2016). Tal ação justifica-se, uma vez que temos como objetivo estudar a imagem do cidadão carangolense tal como construída pelos jornais, o que será realizado por meio da análise dos seres de fala formados pelo EUe e pelo TUd.

Ao analisar o discurso formulado pelos jornais é possível observarmos um saber ligado às representações linguageiras das práticas sociais. Tanto o EUe quanto o TUd são formulados e idealizados a partir da construção de imaginários. O EUe apresenta-se de acordo com a idealização referente à instituição dos jornais –

que contempla tanto as especificações próprias de *O Radical* e *O Rebate* (firmadas com o leitor na apresentação dos editoriais, principalmente), quanto às especificações próprias da atividade (discutidas por nós como características dos "homens das letras"). Já o TUd é construído e idealizado pelo EUe a partir das informações e dos saberes adquiridos sobre os seus leitores.

Nas "colunas sociais", onde os acontecimentos são narrados tendo em vista a participação de personagens reais, membros da elite local, o TUd é idealizado como participante do mesmo grupo social. Dessa forma, ao depreendermos os imaginários sociais que configuram o discurso, é possível identificarmos características e aspectos da construção da imagem do TUd.

2.2.1 As características do contrato de comunicação

Toda troca linguageira realiza-se num quadro de "cointencionalidade", onde o reconhecimento recíproco (por parte do locutor e do destinatário) das restrições da situação de comunicação nos faz concluir que os sujeitos estão ligados por uma espécie de acordo prévio sobre os dados desse quadro de referência: um "contrato de comunicação". Ele é resultante da combinação entre as características próprias à situação de troca (dados externos) e as características discursivas decorrentes da situação (dados internos) (CHARAUDEAU, 2012).

Sobre os dados internos, conforme apresenta o autor:

> Os dados internos são aqueles propriamente discursivos, os que permitem responder à pergunta do "como dizer ?". Uma vez determinados os dados externos, trata-se de saber como devem ser os comportamentos dos parceiros da troca, suas maneiras de falar, os papéis linguageiros que devem assumir, as formas verbais (ou icônicas) que devem empregar, em função das instruções contidas nas restrições situacionais. Esses dados constituem as restrições discursivas de todo ato de comunicação, são o conjunto dos comportamentos linguageiros esperados quando os dados externos da situação de comunicação são percebidos, depreendidos, reconhecidos. Repartem-se em três espaços de comportamento linguageiros, a saber: o espaço de *locução,* o espaço de r*elação* e o espaço de *tematização* (CHARAUDEAU, 2012, p. 70).

“O “espaço de locução” é aquele no qual o sujeito falante deve resolver o problema da tomada de palavra” (CHARAUDEAU, 2012, p. 71). É onde ele deve conquistar o seu direito de comunicação, impondo-se como sujeito falante e explicando por que (ou em nome de quê) tomou a palavra. O sujeito também deve, ao mesmo tempo, identificar o destinatário (ou interlocutor) ao qual se dirige (IDEM).

É possível perceber, nos discursos dos jornais *O Rebate* e *O Radical*, que o EUe justifica-se e impõe-se como portador do direito à tomada de palavra. Tal aspecto torna-se ainda mais evidente nos discursos da primeira página dos jornais, onde o texto apresenta-se como um “editorial” aos moldes da época, conforme o exposto a seguir:

> **Com a câmara**
> O nosso dever de jornalista e a nossa obrigação cívica de membro social, chamam-nos a postos.
> Cumpre que a nossa pena enérgica e civil que se há batido por todas as causas santas que se agitam neste Estado ou na União, que há afrontado todos os perigos e situações, mas ereta sempre, no seu vulto ereto de servidor dos interesses municipais e estaduais, sangre para aqui o jorro mão de um hábito que se vai introduzindo entre nós. (*O Rebate*, número 44, 14 dez. 1893)

Nota-se de início que a tomada da palavra acontece por meio da primeira pessoa do plural: nosso - nossa. Soma-se a isso a ideia de que levar a informação aos leitores é “dever” e “obrigação” do jornalista. O tom formal e sério também cumpre o papel de legitimar o espaço de locução.

O “espaço de relação” é onde o sujeito falante estabelece relações de exclusão ou inclusão, de força ou aliança, de agressão ou conivência com o seu interlocutor. Isso acontece concomitantemente à construção da sua própria identidade e a de seu destinatário (ou interlocutor) (CHARAUDEAU, 2012, p. 71).

Destacamos, dessa forma, os textos que categorizamos como “colunas sociais”, onde é possível perceber o “espaço de relação” do jornal com os seus destinatários, de variadas formas e em diferentes níveis. Nas “colunas sociais” a construção da imagem do sujeito destinatário torna-se mais evidente, uma vez que os personagens que compõem a narrativa são idealizados a partir de seres reais, nomeados e caracterizados, conforme podemos perceber no trecho a seguir:

> **Tenente Cassiano**
> Está melhor dos seus incômodos e quase restabelecido este distintíssimo e particular assinante, um dos homens que mais serviços tem prestado ao meio que vive.
> Nossas felicitações sinceras (*O Rebate*, número 20, 24 ago. 1893).

O “espaço de tematização” é onde organizamos ou tratamos o tema (ou temas) e o domínio (ou domínios) do saber. É o espaço onde o sujeito falante toma posição sobre o tema imposto pelo contrato, escolhendo um “modo de intervenção” (de continuidade, de retomada etc.) e um “modo de organização discursivo (narrativo, descritivo, argumentativo).

Com o intuito de fornecer informações sobre e para a sociedade carangolense, é possível perceber, nas “colunas sociais”, conforme a citação acima, a combinação dos diferentes modos de organização discursivos (narrativo, descritivo e argumentativo) e os variados modos de intervenção.

Já sobre os dados externos, o autor afirma:

> Os dados externos são aqueles que, no campo de uma prática social determinada, são constituídos pelas regularidades comportamentais dos indivíduos que aí efetuam trocas e pelas constantes que caracterizam essas trocas e que permaneceram estáveis por um determinado período; além disso, essas constantes e essas regularidades são confirmadas por discursos de representação que lhes atribuem valores e determinam, assim, o quadro convencional no qual os atos de linguagem fazem sentido. Esses dados não são essencialmente linguageiros (o que os opõem aos dados internos), mas são semiotizados, pois correspondem a índices que, retirados do conjunto dos comportamentos sociais, apresentam uma convergência, configurando-se em constantes (CHARAUDEAU, 2012, p. 68).

É possível reagrupar os dados externos em quatro categorias, em que cada uma delas corresponde a uma diferente enunciação da produção linguageira. São elas: “condição de identidade”; “condição de finalidade”; “condição de propósito” e “condição de dispositivo” (CHARAUDEAU, 2012, p. 68).

É importante lembrar que, apesar do sujeito falante encontrar-se sobredeterminado pelo contrato de comunicação que caracteriza cada situação de troca, ele também dispõe de uma margem de manobra que lhe permite manifestar um ato de individualização e escolher os modos de expressão que correspondem ao seu projeto de fala. “Contrato de comunicação e projeto de fala se completam,

trazendo, um, seu quadro de restrições situacionais e discursivas, outro, desdobrando-se num espaço de estratégias [...]" (CHARAUDEAU, 2012, p. 71).

2.2.1.1 A "condição de identidade"

A "condição de identidade" assinala que todo ato de linguagem depende da identidade dos sujeitos que se acham engajados na situação de troca do discurso. Ela se define a partir de aspectos referentes à natureza social e psicológica, por características como idade, sexo, etnia etc., ou traços que sinalizam o *status* social, econômico e cultural, identificando a natureza ou o estado afetivo dos parceiros. É definida por meio das respostas às perguntas: "quem fala a quem?" ou "quem troca com quem?" ou "quem se dirige a quem?" (CHARAUDEAU, 2012, p. 68-69).

Dessa forma, ressaltamos a importância em entender o contexto da imprensa e os valores que são considerados pelos "homens das letras" na época. Com isso, podemos determinar algumas constantes e supor algumas características sobre quem era o EUc nos jornais *O Radical* e *O Rebate*.

Para entender, porém, o TUd ou o destinatário ideal, é importante saber que a instância de recepção é portadora de um "conjunto impreciso de valores éticos sociais" e "afetivos sociais" que pode abordar os sujeitos de duas maneiras distintas, como "alvo intelectivo" ou como "alvo afetivo" (CHARAUDEAU, 2012, p. 80).

O "alvo intelectivo" é aquele ao qual se atribui a capacidade de pensar. Ele é capaz de avaliar seus interesses pela informação proposta e a credibilidade da mídia; ele possui uma aptidão própria para entender a notícia. A instância alvo interessa-se pela informação quando supõe que ela será útil para orientar sua conduta. O que pode ocorrer no domínio da organização da vida política e econômica do país, no domínio da organização de atividades sociais diversas e no domínio das práticas cotidianas (CHARAUDEAU, 2012, p. 80).

Esse interesse, porém, pode residir em outra hipótese: a de que o sujeito-alvo consome a informação para poder ocupar determinada posição social. Consideramos o "sujeito intelectivo" como apto para utilizar as informações para estabelecer relações (de poder e/ou convívio) com o outro. Dessa forma, aquele que

informa o que outro sujeito ignora, ou tem condições de comentar acontecimentos atuais, exerce certo poder sobre outro sujeito (CHARAUDEAU, 2012, p. 80).

Considerando o referente exposto por Charaudeau (2012), observamos que as informações das “colunas sociais”, divulgadas por *O Rebate* e *O Radical*, contribuem para que seus leitores estabeleçam relações de convívio e de poder com outros leitores, uma vez identificados como integrantes do mesmo grupo social. Também servem para estabelecer relações com indivíduos/situações “modelares”, “exemplares” daquilo que o jornal pretende afirmar como a “boa sociedade carangolense”.

A instância midiática apoia-se em alguns imaginários que circulam na sociedade para passar “credibilidade” ao alvo. Como os do “desempenho” (ser o primeiro a transmitir uma informação), o da confiabilidade (verificar a informação) e o da revelação (descobrir o que está oculto) (CHARAUDEAU, 2012).

O critério da “acessibilidade” baseia-se na hipótese de que o grau de compreensão de um discurso está ligado à clareza e à simplicidade com que ele é constituído. “Na verdade, a acessibilidade depende do imaginário linguístico concebido pela instância de enunciação, o imaginário ideal sobre o modo de escrever, o imaginário atribuído ao receptor segundo seu *status* social” (CHARAUDEAU, 2012, p. 81). O discurso do jornal tem como objetivo atingir um interlocutor ideal, construído a partir de imaginários que lhe são atribuídos pelo enunciador.

O “alvo afetivo” é aquele que avalia tudo de modo inconsciente, através das reações emocionais. A instância midiática constrói hipóteses sobre o que seria mais apropriado para tocar a afetividade do sujeito. Para isso, ela se baseia em categorias de representação das emoções, que são socialmente codificadas, correspondendo às estratégias de dramatização das informações. Temos, dessa forma, o “inesperado” (é o imprevisível que rompe com os hábitos de rotina), o “repetitivo” (mostra a propagação sistemática dos males do mundo), o “insólito” (é a transgressão das normas sociais de comportamento), o “inaudito” (é a comunhão com o sagrado, com o além), o “enorme” (é a demonstração das grandiosidades) e o “trágico” (é o destino cruel dos homens) (CHARAUDEAU, 2012, p. 82).

Exemplo (na categoria de “insólito”):

> Maria de tal, amasia de Joaquim Honorio Perdigão, foi chamada à polícia para assinar termo de bem viver, porque desrespeitava às famílias do bairro em que reside (*O Radical*, número 15, 10 dez. 1891).

Os imaginários sociais, os quais se configuram na análise que aprofundaremos na próxima sessão, são reafirmados e ganham força nos dados externos ao discurso. São as constantes comportamentais confirmadas e valorizadas por discursos de representação. Por isso, faz-se tão importante a contextualização sociocultural, na qual procuramos discutir e compreender as particularidades referentes ao período republicano, aos ideais de modernidade, aos valores da imprensa na época, ao desenvolvimento econômico regional, à história de Carangola, com o objetivo de poder traçar o quadro convencional no qual os atos de linguagem fazem sentido. A partir da observação dessas constantes, embasadas pelos questionamentos contextuais da segunda sessão, poderemos supor características referentes ao EUc e ao TUi, indo além da análise do texto em si.

2.2.1.2 A “condição de finalidade”

A “condição de finalidade” “requer que todo ato de linguagem seja ordenado em função de um objetivo” (CHARAUDEAU, 2012). Considerando que, na comunicação linguageira, o objetivo de cada um consiste em fazer com que o outro seja incorporado à sua própria intencionalidade, temos uma divisão em “visadas” (que podem combinar-se entre si), que são baseadas nas diferenças de suas finalidades operatórias (IDEM).

No contrato de comunicação midiático, encontramos a tensão entre duas lógicas particulares: a visada do “fazer saber” (a visada da informação, que está ligada à verdade e consiste em fazer saber ao cidadão o que está acontecendo no mundo) e a visada do “fazer sentir” (a visada da emoção, que está ligada à sedução e consiste em conquistar o interesse do parceiro em consumir a mensagem) (CHARAUDEAU, 2012).

A visada do “fazer saber”, ou visada da informação, é dividida em dois tipos de atividade linguageira: “a “descrição-narração”, para reportar os fatos do mundo” e “a “explicação”, para esclarecer o destinatário da informação sobre as causas e as consequências do surgimento desses fatos” (CHARAUDEAU, 2012, p. 87).

É importante ressaltar que, no discurso da informação, a verdade não se trata de uma coincidência literal com o real; ela está ligada à maneira de reportar/tratar os fatos e garantir as “condições de veracidade”. Consequentemente, temos também a atividade de “autenticar”, que consiste em fazer crer na coincidência do que é dito e nos fatos descritos (CHARAUDEAU, 2012, p. 88).

Apesar do compromisso com a informação, as instâncias midiáticas também se preocupam com o campo comercial. Considerando-se a disputa para atrair um maior número de consumidores da informação, faz-se necessária a sedução e a persuasão do parceiro. Com isso, as instâncias midiáticas (em destaque aqui, *O Rebate* e *O Radical*) recorrem (cada uma da sua forma e em intensidades próprias) aos recursos da visada do “fazer sentir”.

As visadas do “fazer sentir” são estruturadas pelos “imaginários sociodiscursivos”, conforme exemplificado a seguir:

> Para satisfazer esse princípio da emoção, a instância midiática deve proceder a uma encenação sutil do discurso da informação, baseando-se, ao mesmo tempo, nos apelos emocionais que prevalecem em cada comunidade sociocultural e no conhecimento dos universos de crenças que aí circulam – pois as emoções não são um inefável aleatório. Elas são socializadas, resultam da regulação coletiva das trocas. Essa regulação, por um lado, segue os movimentos da afetividade e, paralelamente, as representações que atribuem valores às condutas e às reações emocionais (CHARAUDEAU, 2012, p. 92).

A princípio, como o nosso objeto de pesquisa constitui-se na análise de textos de jornais (O *Radical* e *O Rebate),* poderíamos supor que a finalidade a que se condicionam seus textos está ligada à visada do “fazer saber”, devido ao objetivo da imprensa de transmitir uma informação. Acontece, porém, que nem sempre a finalidade informativa é a predominante, podendo haver combinação com a finalidade do “fazer sentir”, especialmente nos textos categorizados como “colunas sociais”.

2.2.1.3 A “condição de propósito”

A “condição de propósito” requer que “todo ato de comunicação se construa em torno de um domínio de saber, uma maneira de recortar o mundo em “universos tematizados”. O universo do discurso direciona-se em uma espécie de “macrotema”, que é admitido anteriormente pelos parceiros do discurso. Ele é definido através da resposta à pergunta: “do que se trata?” (CHARAUDEAU, 2012, p. 70-71).

Um acontecimento nunca é transmitido em seu estado bruto. O interlocutor o integra num sistema de pensamentos e de valores, e o faz ser inteligível ao interlocutor. O acontecimento é recortado, de uma maneira mais ou menos racional, através das representações linguageiras e reconstruído em categorias de sentido. Essa ordenação é definida como um ato de “tematização” (CHARAUDEAU, 2012, p. 94).

Ao observar os textos nos jornais, podemos perceber que existe uma tendência em agrupá-los em categorias. Os jornais possuem uma espécie de hierarquia e classificação próprias e tendem a reunir na mesma sessão textos que compreendem uma “tematização” mais ou menos variável. Dessa forma, podemos identificar que há textos em *O Radical* e *O Rebate* que, embora à época ainda não constituíssem o que chamamos “colunas sociais”, assim os classificamos devido a seu *corpus* temático e características textuais. Esses textos podem ser agrupados dentro de uma mesma finalidade (mais ou menos variável), com o objetivo de informar os leitores sobre os eventos e outros acontecimentos ligados às elites locais.

2.2.1.4 A “condição de dispositivo”

A “condição de dispositivo” “requer que o ato de comunicação se construa de uma maneira particular, segundo as circunstâncias materiais em que se desenvolve” (CHARAUDEAU, 2012, p. 70). O dispositivo determina variantes de realização no interior de um mesmo contrato de comunicação. Ele é definido pelas

respostas às perguntas: “em que ambiente se inscreve o ato de comunicação, que lugares físicos são ocupados pelos parceiros, que canal de transmissão é utilizado?” (IDEM).

O dispositivo é um componente essencial que garante a possibilidade de se interpretar informações em um contrato de comunicação. Ele formata a mensagem e, com isso, contribui na configuração de um sentido. No geral, “ele compreende um ou vários tipos de *materiais* e se constitui como *suporte* com o auxílio de uma certa *tecnologia*” (CHARAUDEAU, 2012, p. 105). O sistema significante necessita do aspecto material para tomar forma e manifestar-se. “O *suporte t*ambém é um elemento material e funciona como canal de transmissão” (IDEM):

> A imprensa é essencialmente uma área escritural, feita de palavras, de gráficos, de desenhos e, por vezes, de imagens fixas, sobre um suporte de papel. Esse conjunto inscreve essa mídia numa tradição escrita que se caracteriza essencialmente por: uma relação distanciada entre aquele que escreve e aquele que lê, a ausência física da instância de emissão para com a instância de recepção; uma atividade de conceituação da parte das duas instâncias para representar o mundo, o que produz lógicas de produção e de compreensão específicas; um percurso ocular multiorientado do espaço de escritura que faz com que o que foi escrito permaneça como um traço para o qual se pode sempre retornar: aquele que escreve, para retificar ou apagar, aquele que lê, para rememorar ou recompor sua leitura. (CHARAUDEAU, 2012, p. 113)

O dispositivo em questão, o jornal, possui características próprias que determinam variantes no processo comunicativo.

Discutimos sobre as características das condições de troca que definem o contrato de informação e sobre os dados internos e os dados externos, referentes à organização discursiva. Delimitamos as características concernentes aos dados internos em seus espaços de locução, de relação e de tematização. Trazendo, também, a definição dos dados externos e suas particularidades, determinadas pela: “condição de identidade”, “condição de finalidade”, “condição de propósito” e “condição de dispositivo”.

À seguir, discutiremos sobre os gêneros textuais, a “coluna social” como gênero e suas respectivas características.

2.3 Os gêneros textuais

O texto é a “manifestação material”, em uma determinada situação, da encenação de um ato de comunicação, que serve de projeto de fala de um determinado locutor. Os textos apresentam constantes que nos permitem classificá-los em “gêneros textuais”. “Os gêneros textuais tanto podem coincidir com um modo de discurso, que constitui sua organização dominante, quanto resultar da combinação de vários desses modos” (CHARAUDEAU, 2016, p. 78).

Conforme Marcuschi (2003), consideramos os gêneros textuais como entidades sociodiscursivas, de fenômenos históricos, vinculados à vida cultural e social, que contribuem para estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia. Os gêneros textuais, apesar de apresentarem um alto poder preditivo e interpretativo das ações humanas, caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. Eles aparecem de acordo com as necessidades das atividades socioculturais, relacionadas com as atividades tecnológicas. Os gêneros textuais nascem, situam-se e integram-se funcionalmente nas culturas em que se desenvolvem e, assim como surgem, podem desaparecer. Eles são quase inúmeros em identidades e formas e caracterizam-se, principalmente, a partir de suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais.

Nos últimos dois séculos, as novas tecnologias propiciaram o surgimento de novos gêneros textuais. Na verdade, não são as tecnologias que dão origem aos novos gêneros, e sim a intensidade dos usos dessas tecnologias e suas interferências nas atividades comunicativas diárias. Dessa forma, os grandes suportes tecnológicos da comunicação, como o jornal, a revista, o telégrafo, o telefone, o rádio, o cinema, a televisão e a *internet*, por terem grande centralidade nas atividades comunicativas da realidade social e uma presença marcante, que ajudam a criar, vão por sua vez propiciando e abrigando novos gêneros. Com isso, temos o surgimento de formas discursivas novas, tais como videoconferências, telefonemas, telegramas, editoriais, artigos de fundo, notícias, telemensagens, emails etc. (MARCUSCHI, 2003).

Esses novos gêneros, porém, não são inovações absolutas; eles possuem uma espécie de “ancoragem”, conforme Marcuschi (2003), em outros gêneros já existentes. O autor afirma que:

> a tecnologia favorece o surgimento de formas inovadoras, mas não absolutamente novas. Veja-se o caso do telefonema, que apresenta similaridade com a conversação que lhe preexiste, mas que, pelo canal telefônico, realiza-se com características próprias. Daí a diferença entre uma conversação face a face e um telefonema, com as estratégias que lhe são peculiares. O e-mail (correio eletrônico) gera mensagens eletrônicas que têm nas cartas (pessoais, comerciais etc.) e nos bilhetes os seus antecessores. Contudo, as cartas eletrônicas são gêneros novos com identidades próprias, como se verá no estudo sobre gêneros emergentes na mídia virtual (MARCUSCHI, 2003, p. 42).

Destacamos, desta forma, as “colunas sociais” como integrantes desses novos gêneros textuais. Apesar de, no contexto do final do século XIX, nos jornais *O Rebate* e *O Radical*, ainda não possuírem a forma como conhecemos hoje, é possível identificarmos textos com características e traços em comum, que nos permitem classificá-los como tal.

2.3.1 O gênero “coluna social”

De acordo com Paula Francineti da Silva (2010), o colunismo social consolida-se no jornal impresso na segunda metade do século XIX, na mesma época em que surgiram os grandes órgãos de comunicação de massa, destinados a diferentes públicos. Segundo a autora, a “coluna social” diferencia-se das demais partes do jornal pela autoria, onde “a objetividade do fazer jornalístico quebra-se na proximidade do autor/leitor e dissipa-se a autoridade formal do escrito nos relatos e comentários das atividades da vida mundana (SILVA, 2010, p. 34)”.

Silva destaca (2010, p. 37) que a coluna é um espaço de confirmação que enaltece a vaidade das pessoas e oferece, simultaneamente, modelos de comportamento. Estimulando modismos, a “coluna social” incrementa o consumo e dá esperança aos que pretendem ingressar no paraíso burguês.

É possível observarmos, nas “colunas sociais” de *O Radical* e de *O Rebate*, algumas características padrões que compõem o gênero, conforme elucidados por Silva (2010). Destacamos, a seguir, alguns exemplos[39].

Para a autora, a “coluna social” apresenta-se como o mais subjetivo dos gêneros. Diferente das outras partes dos jornais, a coluna é endereçada ao leitor com proximidade, onde o colunista expõe o seu pensamento, faz interpretações, emite opiniões, sentimentos e atitudes (SILVA, 2010, p. 40). Vejamos um exemplo de nosso *corpus*:

> A Exma. Esposa do Sr. Capitão Olympio Machado, está **felizmente** salva das consequências de seu bom sucesso.
> Sabemos que a recém-nascida, que veio alegrar mais ainda o lar do Sr. Capitão Olympio é **forte e robusta** (*O Radical*, número 15, 10 dez. 1891).

Observamos, a elaboração de um conteúdo informacional passado de forma rápida, visto que estruturas elaboradas prejudicariam o efeito imediatista desejado. A “coluna social” não apresenta estruturas longas, nem períodos com muitas orações (SILVA, 2010, p. 40). Conforme a exemplificação, a seguir:

> **Aniversários** - No dia 22 de setembro fluente faz anos a Exma. Sra. D. Maria Gertrudes Machado e no dia 24 a Exma. Sra. D. Elisa Machado, a primeira esposa e a segunda filha do capitão Americo Machado.
> Parabéns cordialíssimos e os nossos protestos de veneração. (*O Rebate*, número 26, 21 set. 1893).

Ressaltamos também, de acordo com Silva (2010, p. 41), o uso do estrangeirismo, imprimindo às “colunas sociais” uma identificação com outras culturas, que são tomadas como modelos para comportamento social, vestuário, culinária e *status* econômico. O uso de termos estrangeiros é sempre recorrente na coluna, principalmente em francês e inglês, mesmo havendo equivalentes em português:

> **Soirée** - No dia 2 de julho corrente o Sr. Dr. Alvaro Lima reuniu na sua esplendida chácara o ***high-life*** da sociedade carangolense e ali ofereceu-lhe uma chávena de chá, em honra aos seus dois particulares amigos Drs.

[39] As características foram grifadas para melhor observação.

> João Leite de Oliva e Nepomuceno Correia [...] (*O Rebate*, número 14, 13 jul. 1893).

Outras características, afirmadas por Silva (2010, p. 41), são o uso de superlativos e de figuras de linguagem:

> **Falecimento**
> No dia 20 a noite faleceu o menor Octavio de 4 meses de idade, filho do digno advogado deste foro Dr. Olavo de Magalhães, deixando seus **extremosos** pais imersos de dor profunda. Qual deve ser a dor de todo o pai que vê **findar-se o Abril da vida** de um filho.
> Nossos sinceros pêsames (*O Rebate*, número 7, 25 mai. 1893).

A autora destaca o uso das interjeições e esclarece que "valem por toda uma frase, são comentários que têm um papel metalinguístico, pois versam sobre o próprio texto" (SILVA, 2010, p. 41). Propomos como exemplo, o referente relato:

> **Gentilíssimo** – A mulher brasileira coopera também na obra santa que empreendeu na esquadra e que nós acompanhamos modestamente, na proporção da nossa força.
> [...] Honra, pois, a mulher brasileira, que deixando por um momento as preocupações do lar, vem pôr o seu apoio e o seu entusiasmo a favor de uma causa que é justa porque está com a lei que é santa porque tem sobre ela o palio de ouro do amparo dessas custodistas[40] que nos escrevem.
> Hurrah![41]
> (*O Rebate*, número 42, 07 dez. 1893).

Temos também, como características das "colunas sociais" o detalhamento e as minúcias nas descrições, que são elementos referenciais, conforme observamos no exemplo a seguir:

> **Núpcias** – O coronel Edmundo de Moraes e o Sr. Alfredo Cortez tiveram ocasião de, em sua fazenda Santa Margarida, oferecer no dia 28 um banquete lauto por ocasião do casamento do Sr. José Ferreira Caldas e D. Cândida Bandeira Caldas, prima dos mesmos.
> A distinção com que esses dois abastados fazendeiros receberam os convivas que lá foram, a amabilidade com que os trataram, foi, podemos dizê-la, *hors ligne*[42].

---

[40] Custodista é o nome designado aos apoiadores de Custódio de Melo, comandante da esquadra sublevada durante a segunda Revolta da Armada (1893), em um movimento de rebelião contrário ao governo de Floriano Peixoto.
[41] Interjeição, em inglês, utilizada para expressar entusiasmo, prazer ou aprovação. O mesmo que: Viva!
[42] *Hors line,* em francês, expressão que significa "fora de linha".

> Os gentis noivos não pouparam igualmente obséquios e delicadezas.
> O lauto banquete foi servido à noite, regado a champanhe e a profusão de flores.
> Depois as valsas de Strauss[43], tocadas ao piano por mão de mestre, doidamente a maior parte dos convivas, numa *brasserie*[44] íntima e familiar, sem que houvesse, contudo, descabimento para a casaca e o *claque*[45] do estilo.
> Terpsícore[46] prendeu-os ainda no dia seguinte e apostamos que os que partiram, voltaram-se saudosamente, de olhos longos e desejosos.
> Parabéns aos noivos e à distintíssima família (*O Rebate*, número 36, 2 nov. 1893).

Debatemos sobre questões referentes aos gêneros textuais e ao gênero "coluna social". A seguir, discutiremos sobre o conceito de imaginário social e a sua aplicabilidade.

2.4 O imaginário social

Segundo Orlandi (1994, p. 57), todo discurso remete a outro discurso, presente nele mesmo, por sua ausência necessária. Há a memória do dizer, em que os sentidos são sempre referidos a outros discursos, e tiram sua realidade significativa. A interpretação é sempre regida por condições de produção específicas que, no entanto, aparecem como universais. É a ideologia que produz o efeito da evidência, sustentando os sentidos institucionalizados, admitidos como "naturais". Pela ideologia naturaliza-se o que é produzido pela história.

A ideologia é a condição para a relação do mundo com a linguagem. Segundo a autora, "a ideologia é vista como o imaginário que medeia a relação do sujeito com suas condições de existência" (ORLANDI, 1994, p. 56). E acrescenta que:

---

[43] Johann Baptist Strauss, compositor austríaco, conhecido como "Rei da Valsa". Foi, em grande parte, responsável pela popularidade da valsa durante o século XIX.
[44] *Brasserie* é um tipo de restaurante francês, frequentado por homens da alta classe que queriam aproveitar o lado bom da vida.
[45] O *claque* era um tipo de cartola possível de dobrar e desdobrar. No seu interior, havia um sistema de molas e varas que permitiam achatá-la sem que perdesse a forma. Era muito utilizado como vestimenta em eventos ou atos solenes que obrigassem o traje de cerimônia.
[46] Terpsícore era a musa da dança e da música, representada por uma lira.

> no que diz respeito ao ideológico, não se trata de procurar "conteúdos" ideológicos que seriam a ocultação da realidade, mas justamente os processos discursivos em que ideologia e linguagem se constituem de forma a produzir sentidos. Na Análise de Discurso se trabalha com os processos de constituição da linguagem e da ideologia e não com seus "conteúdos". A ideologia não é "x", mas o mecanismo de produzir "x". No espaço que vai da constituição dos sentidos (o interdiscurso) à sua formulação (o intradiscurso) intervêm a ideologia e os efeitos imaginários (ORLANDI, 1994, p. 56).

As formações imaginárias constituem-se a partir das relações sociais que funcionam no discurso. Em toda a língua, segundo Orlandi (1994, p. 56) “há mecanismos de projeção que permitem passar da situação sociologicamente descritível para a posição dos sujeitos discursivamente significativa”. Temos a imagem que se faz de uma mãe, de um presidente, de um médico etc.

A eficácia do imaginário está relacionada à história, capaz de determinar transformações nas relações sociais e de construir práticas. Logo, precisamos atravessar o funcionamento ideológico das palavras para atingir seu “conteúdo”. Não existe relação direta entre linguagem e o mundo. Acontece que essa relação funciona como se fosse direta, por causa do imaginário. A dimensão imaginária de um discurso, nas palavras de Orlandi (1994, p. 57), “é a sua capacidade para a remissão de forma direta à realidade”. Logo, o seu efeito de evidência, a sua ilusão referencial.

As representações de sujeitos ou grupos sociais compõem memórias coletivas, reunindo um conjunto de ideias e conhecimentos, que estão em permanente atualização. É como se, para organizarmos o presente e pensarmos no futuro, não desprezássemos o passado, mas o reinterpretássemos, adotando novas ideias e associando a elas adornos e detalhes que podem escapar ao coletivo, mas compõem a singularidade de cada um (PESSOA, 2018).

Segundo as palavras de Mari *et al* (2001), o discurso pode ser utilizado em dois sentidos. Sua primeira definição está de acordo com a discussão anterior, nesta mesma sessão, mostrando que o discurso vai além dos códigos da manifestação linguageira e configura-se no lugar da encenação da significação. Já o segundo sentido proposto pelos autores:

> pode ser relacionado a um conjunto de saberes partilhados, construído, na maior parte das vezes, de modo inconsciente, pelos indivíduos pertencentes a um determinado grupo social. Os *discursos sociais* (ou *imaginários sociais*) mostram a maneira pela qual as práticas sociais são representadas em um dado contexto sociocultural e como são racionalizadas em termos de valor: sério/descontraído, popular/aristocrático, polido/impolido etc. (MARI *et al*, 2001, p. 26).

O imaginário social "constrói a significação sobre os objetos do mundo, os fenômenos que se produzem, os seres humanos e seus comportamentos, transformando a realidade em real significante" (CHARAUDEAU, 2017, p. 578). É uma dupla função de criação de valores e de justificação da ação. O imaginário é uma forma de apreensão do mundo que resulta de um processo de simbolização de ordem afetivo-racional através da intersubjetividade das relações humanas. Vale lembrar que o imaginário está depositado na memória coletiva dos grupos sociais. Na esteira da formulação de Charaudeau (2017), a noção de imaginário é dada pela Antropologia, que considera as lendas, os mitos e os rituais sociais como discursos que refletem a organização das sociedades humanas.

Podemos qualificar esse imaginário de social quando à atividade de simbolização representacional do mundo acontece no domínio de uma prática social determinada e forma uma relação lógica entre a ordem social e as condutas, cimentando o elo social com a ajuda das instituições, que são aparelhos de regulação. Enfatizamos, porém, que a dimensão do imaginário social é variada de acordo com a extensão do grupo, da memória coletiva que este grupo constrói através da história e da possibilidade de comparação entre os grupos (CHARAUDEAU, 2017, p. 578).

O "imaginário sociodiscursivo" é formado pelo reagrupamento de uma vasta rede de intertextos que circulam na comunidade social e que formam representações sociodiscursivas. Essas representações descrevem seres e cenas de vida, fragmentos narrados, revelando o ponto de vista de um sujeito. Esses intertextos são o sintoma desses universos de crenças compartilhadas que contribuem para construir ao mesmo tempo um *ele* social e um *eu* individual. Como o imaginário da falta, do pecado, do poder etc. (Charaudeau *apud* Pessoa, 2018, p. 76-77).

Segundo Sônia Caldas Pessoa (2018), cada grupo social estrutura seus próprios imaginários de si e dos outros e vai moldando pequenas mudanças ao longo do tempo. Na circulação e na estruturação dos imaginários, a tecnologia sempre teve um papel de destaque. Afinal, por meio dela se desenvolvem formas de comunicação e de circulação dos imaginários sociais e sociodiscursivos. Não se trata de um fenômeno recente; destacamos aqui, as atuações de *O Radical*, em 1891, e de *O Rebate*, em 1893, na propagação de imaginários sobre o cidadão carangolense.

O imaginário é uma proposição de visão do mundo que se baseia nos saberes que constroem os sistemas de pensamento, os quais podem se excluir ou se sobrepor. Ele não é verdadeiro nem falso (CHARAUDEAU, 2017, p. 587). Dependendo do domínio de prática social no qual se insere, um mesmo imaginário pode receber um valor positivo ou negativo. Ele desempenha um papel de filtro axiológico dentro do domínio de determinada prática social (CHARAUDEAU, 2017, p. 579).

Consideramos o imaginário como um resultante da atividade de representação que constrói os universos de pensamento e lugares de instituição de verdades. Essa construção é feita por meio da sedimentação de discursos narrativos e argumentativos, propondo uma descrição e uma explicação dos fenômenos do mundo e dos comportamentos humanos. Ele é também qualificado de sociodiscursivo, na medida em que se cria a hipótese de que o sintoma de um imaginário é a fala. Os imaginários são engendrados pelos discursos que circulam nos grupos sociais. Eles organizam-se em sistemas de pensamento coerentes, criadores de valores, desempenhando o papel de justificação da ação social e se depositando na memória coletiva (CHARAUDEAU, 2017, p. 579).

Cada pessoa percebe e representa o mundo de uma maneira diferente. Ocorre que pertencer a um mesmo grupo social pode trazer à tona algumas coincidências no modo de olhar e de julgar o mundo. As narrativas sobre esse mundo vivido tendem a ser fragmentadas e conduzidas por um recorte singular. Consideramos, dessa forma, que cada sujeito atribui, em suas representações, um conjunto de elementos que pertencem somente a ele, mas que também negociam com a sociedade e toda a sua complexa rede de relações. É difícil - diria que até

mesmo impossível - compreender as múltiplas possibilidades de representações individuais feitas pelos sujeitos interpretantes nas leituras de *O Radical* e de *O Rebate*. Uma parte considerável, porém, funciona a partir de um imaginário coletivo que reúne, também, elementos intraconscientes. É pela caracterização desses imaginários que se torna possível a nossa aproximação dos EUe e dos TUd; possibilitando-nos a análise da construção da imagem do cidadão carangolense, pelos jornais.

Para a análise discursiva de um produto midiático – no caso, o jornal - é necessário um enfoque nos sentidos provenientes da estruturação do texto e dos discursos de representação, tanto aqueles que circulam no lugar de produção quanto os que caracterizam o lugar das condições de recepção. Dessa forma, faz-se necessário analisar os imaginários sociais que alimentam e tornam possível o funcionamento do suporte midiático (CHARAUDEAU, 2012, p. 28).

Iniciaremos, no tópico a seguir, uma discussão mais aprofundada sobre os imaginários sociais.

2.4.1 O analista e o imaginário social

Conforme discutimos no tópico acima, os imaginários sociais mostram a maneira pela qual as práticas sociais são representadas em um dado contexto sociocultural e como são racionalizadas em termos de valor. O imaginário social é uma teoria baseada na construção dos sistemas de pensamento pelos saberes. Ele é resultado da atividade de representação que constrói os universos de pensamento e os lugares de instituição de verdades.

De que maneira eles se apresentam nos textos dos jornais? Como podemos identificá-los? Que valores eles representam? Para responder a estas indagações, devemos, primeiramente, investigar a forma de construção, de representação e de significação dos imaginários sociais no discurso.

Considerando as possibilidades de aprofundamento nas análises discursivas, a partir do conceito de imaginários sociais, expomos os exemplos a seguir, conforme proposto por Charaudeau:

> Ilustremos isso com dois exemplos. Os pássaros, primeiramente, que são percebidos através de diversos imaginários, cujos sintomas são os discursos produzidos a seu respeito, seja para descrevê-los, seja para qualificá-los, seja imaginando suas intenções: imaginário de "morte ou de ameaça", quando são negros (corvos) ou quando se precipitam sobre a carne fresca (urubus); imaginário de "amor" (codornas) ou de "fidelidade" (pombos), mas também de "luxúria" ou de "perversidade" (perdizes), quando não se deixam ser pegos e enganam aqueles que tentam agarrá-los; imaginário de "vigilância" e de "inteligência", como os gansos do Capitólio que evitaram o massacre da população de Roma, mas sem esquecer que os gansos pertencem igualmente ao imaginário da "tolice" ou da "ingenuidade" (tolo como um ganso branco). Outro exemplo: o corpo. O médico, examinando-o, tateando-o, apalpando-o, produz um discurso que o torna um lugar de aparição de sintomas; é o imaginário médico de "traço" ou de "indicialidade" como pesquisa de uma significação escondida sob a manifestação de um signo. Mas o biólogo considera o corpo através de um imaginário "tecidual" e "celular", e o psicanalista o considera como um lugar de "somatização" (CHARAUDEAU, 2017, p. 580).

É importante ressaltar sobre os exemplos acima, que consideram os termos "pássaros" e "corpo", não consistem em uma tentativa de definição das palavras. Trata-se, sobretudo, de uma tentativa de descrever algumas das representações coletivas que uma determinada sociedade (ou um grupo social) constrói para si; através dos discursos produzidos em determinada ocasião e que serão influenciados pelas condições de produção e de recepção. Dessa forma, lidamos com um "conjunto de possíveis interpretativos" (CHARAUDEAU, 2016), que nos são sugeridos pelo contexto discursivo[47].

Observando os aspectos e as condições de produção e de recepção do ato de linguagem, evidenciamos duas questões-chave: a relação que o sujeito enunciador e o sujeito interpretante mantêm face ao propósito linguageiro; e a relação que esses dois mesmos sujeitos mantêm, um diante do outro (CHARAUDEAU, 2016, p. 29).

Considerando a relação que o EUe e o TUi mantêm face ao propósito linguageiro, observamos que, para elucidar a compreensão dos exemplos acima, foi necessário usar um conjunto de representações coletivas. A compreensão dessas representações coletivas não é fornecida por um saber absoluto fixado por um dicionário. Essa compreensão é variada, pois membros de uma mesma comunidade

[47] Ressaltamos, aqui, que os exemplos apresentados acima por Charaudeau, sobre o imaginário, fazem sentido na contextualização do imaginário francês, não coincidindo com o brasileiro.

social partilham experiências de diversos tipos. A separação entre um saber individual e um saber coletivo é móvel. “Assim, saber individual e saber coletivo deslocam-se constantemente em função do deslocamento das relações interindividuais e intercoletivas” (CHARAUDEAU, 2016, p. 30). No que diz respeito às práticas sociais, os protagonistas da linguagem, na condição de sujeitos coletivos, sofrem a interferência na partilha do saber pelas denominadas “Circunstâncias de Discurso” (CHARAUDEAU, 2016).

Outro importante aspecto a ser considerado são os saberes do Enunciador e do Receptor, um a respeito do outro ou o “filtro construtor de sentido” (CHARAUDEAU, 2016) dos protagonistas do ato de linguagem. Esse aspecto considera o fato que nós, colocando-nos em uma posição de TUi, filtramos, num conjunto de saberes sobre determinado termo, um subconjunto de saberes em função do que supomos ser o saber do enunciador. Ou, conforme as palavras de Charaudeau (2017, p. 30), “pode-se pensar que o enunciador produziu seu texto a partir da hipótese de que os interpretantes podem partilhar com ele o mesmo saber comum”. É o que vai permitir que o leitor opere um processo de “filtragem” em seu potencial de saberes possíveis e partilhados em uma determinada comunidade linguageira. Para o sujeito enunciador, falar ou escrever é uma atividade que envolve criação de hipóteses sobre o saber do receptor. Os “filtros construtores de sentido” (CHARAUDEAU 2016) são compostos dos saberes que os sujeitos comunicantes supõem existir entre eles e que constituem-se dos diferentes propósitos contidos nas trocas comunicativas.

Charaudeau (2016, p. 63) alerta para a necessidade de reflexão dos componentes de organização discursiva como instrumento para interrogação sobre os “possíveis interpretativos”:

> Analisar um texto não é nem pretender dar conta apenas do ponto de vista do sujeito comunicante, nem ser obrigado a só poder dar conta do ponto de vista do sujeito interpretante. Deve-se, sim, dar conta dos *possíveis interpretativos* que surgem (ou se cristalizam) no ponto de encontro dos dois processos de produção e de interpretação. O *sujeito analisante* está em uma posição de *coletor* de pontos de vista interpretativos e, por meio da comparação, deve extrair constantes e variáveis do processo analisado (CHARAUDEAU, 2016, p. 63).

O papel do analista do discurso consiste em ver como aparecem os imaginários, qual visão de mundo eles testemunham e em qual situação comunicativa eles se inscrevem (CHARAUDEAU, 2017, p. 587).

Na próxima sessão, iniciaremos a análise discursiva de um produto midiático – o jornal. Para isso, é necessário um enfoque nos sentidos provenientes da estruturação do texto e dos discursos de representação, tanto aqueles que circulam no lugar de produção, quanto os que caracterizam o lugar das condições de recepção. Dessa forma, faz-se necessário analisar os imaginários sociais que alimentam e tornam possível o funcionamento do suporte midiático (CHARAUDEAU, 2012, p. 28).

3.0 AS COLUNAS SOCIAIS E O IMAGINÁRIO SOCIAL

Nessa sessão buscamos depreender alguns imaginários sociais presentes nos periódicos por nós analisados a fim de compreender qual o modelo de sociedade que esses jornais punham em evidência. Isso, por sua vez, nos possibilitará determinar quais imagens de cidadão carangolense são traçadas por esses periódicos. Para isso, analisaremos textos de *O Radical* (1891) e *O Rebate* (1893), publicados nas colunas sociais, nas quais temos informações sobre o comportamento e os eventos ligados a pessoas e famílias tidas como modelares, exemplares. Nas colunas em questão, encontram-se relatos de aniversários, casamentos, batizados, velórios, festas, comemorações locais, viagens, entre outros acontecimentos.

Dentre as matérias publicadas nas páginas dos jornais foi possível perceber que, naquelas categorizadas como "colunas sociais", o público alvo ideal está mais próximo do público real. Dizemos isso porque, nos textos assim designados, as mensagens são endereçadas e/ou têm como participantes as pessoas reais identificadas pelos seus nomes. É o lugar onde a elite que compra e lê o jornal é também protagonista de suas páginas e parece possuir uma relação de afeto com o órgão midiático e seus emissores. Devido a isso, podemos perceber nesses espaços uma relação intimista entre o sujeito enunciador e o sujeito destinatário, com a caracterização de valores e interesses como de ambos. Destacamos, porém, que o jornal constrói essa identidade de valores e interesses, e a apresenta como verdadeira, tanto para a redação, quanto para as elites locais[48].

É importante salientar que selecionamos trechos tidos como "colunas sociais" com maior variedade de temas, dentre todo o nosso *corpus* de exemplares, garantindo, assim, um amplo leque de possibilidades interpretativas pelo critério do imaginário social.

[48] Consideramos, neste trabalho, elites locais como grupos de pessoas destacadas na sociedade carangolense por aspectos econômicos, políticos ou culturais.

3.1 As “colunas sociais”

A partir de alguns dos termos que circunscrevem os discursos das colunas sociais selecionadas, refletiremos sobre os imaginários sociais depreendidos desses componentes de organização discursiva como instrumento para interrogação sobre os “possíveis interpretativos” (CHARAUDEAU, 2016).

Foram selecionados dez (10) conteúdos de colunas sociais, de diferentes fascículos dos referidos periódicos, organizados por ordem de publicação. Temos, dessa forma, a análise de quatro (4) colunas dos jornais de *O Radical* e seis (6) de *O Rebate*[49]. Segue abaixo, um quadro com informações das colunas sociais consideradas:

[49] Optamos por selecionar mais textos do jornal *O Rebate*, considerando que temos um maior número de fascículos, do referido jornal, em um bom estado de conservação.

Quadro 03 – Textos das “colunas sociais”

Jornal	Título	Nº	Data	Tema
O Radical	Consórcio	03	17 de setembro de 1891	Casamento
O Radical	Desastre	10	5 de novembro de 1891	Acidente
O Radical	Dr. Álvaro Lima	10	5 de novembro de 1891	Comemoração
O Radical	Sem título	15	10 de dezembro de 1891	Educação
O Rebate	Fazenda do Papagaio	14	13 de julho de 1893	Compra/venda de terras
O Rebate	Do Manhuaçu	15	20 de julho de 1893	Mudança para a cidade de Carangola
O Rebate	Felicitações	18	10 de agosto de 1893	Aniversário
O Rebate	Dr. Nunes Galvão	19	17 de agosto de 1893	Visita à cidade de Carangola
O Rebate	Olga Gouthier	26	21 de setembro de 1893	Falecimento
O Rebate	Frutos de ouro	31	24 de setembro de 1893	Nascimento

Fonte: quadro elaborado pela autora.

3.2 Casamento

O tema casamento é recorrente nas páginas, tanto de *O Radical*, quanto de *O Rebate*. Ele aparece nas “colunas sociais” com o objetivo de parabenizar o casal pelo matrimônio, destacando as qualidades dos noivos e, mais ainda, suas origens familiares. Em alguns casos, o tema também aparece focalizado na narrativa e na

descrição, minuciosa, da festa, tratada como modelo de celebração. A comemoração das núpcias, muitas vezes, recebe tanta atenção das colunas quanto o ato de enlace dos cônjuges.

Apresentamos uma coluna do jornal *O Radical* que congratula os noivos pela realização do matrimônio:

> **Consórcio -** Realizou-se no dia 5 do corrente, na freguesia do Glória do Muriaé, o casamento do cidadão Marciano Antunes Vieira, dileto filho do abastado fazendeiro e importante capitalista capitão Antonio Antunes Vieira, com a Exma. Sra. D. Rita Reflander, filha do major João Reflander, também capitalista[50].
> Desejamos ao ditoso par as maiores aventuras, e ao simpático Marciano, que, seguindo de seu venerado pai e sogro, torne-se, em pouco tempo, um moderno Creso[51] da zona carangolense (*O Radical*, número 03, 17 set. 1891).

Os leitores de jornal do início do século XXI provavelmente estranharão a linguagem de *O Rebate*, mas vale destacar que, como era costume nos textos dos jornais da época, temos a presença de uma linguagem hermética, bastante rebuscada, muito subjetiva, com presença de diversas inversões frasais e adjetivações. Bem diferente dos parâmetros jornalísticos atuais, que prezam por uma linguagem simples, direta, objetiva e com poucos adjetivos. Apesar dessa diferença de linguagem, podemos observar características pertinentes ao gênero "coluna social", conforme discutimos na sessão anterior.

Relembrando as discussões da terceira sessão sobre o "sujeito intelectivo" - em que ele é o que está apto a utilizar as informações para estabelecer relações (de poder e/ou convívio) com o outro, aquele que informa o que outro sujeito ignora, ou tem condições de comentar acontecimentos atuais, que exerce certo poder sobre outro sujeito (CHARAUDEAU, 2012, p. 80) -, observa-se que a notícia do casamento

---

[50] Capitalista: Pessoa que tem grandes cabedais e dinheiros para suas negociações e meneio, banqueiro. [...] § o que vive de seus rendimentos. § O que empresta dinheiro a juros. § - adj. Diz-se do que entra para uma sociedade com o capital necessário, havendo um ou mais sócios de indústria (SILVA, 1890, p. 405).

[51] Creso foi um rico e poderoso rei da Lídia, que viveu no século IV antes de Cristo. Era comum, à época, entre as pessoas de hábitos letrados, quando alguém era muito rico, dizer que o sujeito era "rico como um Creso".

interessa ao EUe e ao TUd, uma vez que os pais dos noivos possuem grande poderio econômico e são importantes membros da elite da cidade[52].

Destacamos a existência de um imaginário social, compartilhado pelas elites locais e evidenciado pelo jornal, de autoridade e poder relacionado às patentes, de "major" e "capitão", da Guarda Nacional. Os jornais colaboraram na construção e na manutenção do imaginário associado às patentes e, consequentemente, aos grandes proprietários de terras das elites locais[53].

Identificamos, também, a existência do imaginário sobre o capitalista, que "à época, era aquele que negociava com capital; um grande mercador" (SILVA, 1890, p. 405). Consideramos o termo como sinônimo de palavras como homem de negócios, magnata, importante, respeitável, poderoso, prestigioso, admirável, influente etc. Ressaltamos a estima e o prestígio que são relacionados à atividade e, consequentemente, à pessoa que a realiza. Verificamos também, pelo uso da expressão "moderno Creso", a associação do termo capitalista à fortuna e à riqueza.

Pela utilização da expressão "moderno Creso," é possível verificarmos que o EUe investe numa certa erudição para se aproximar de um TUd que domina esse vocabulário específico, um nível cultural mais expressivo. Podemos, assim, depreender qual imaginário social de elite é referendado na "coluna social". Considerando os elogios que o EUe dirige ao capitão Vieira e ao major Reflander, avaliamos que o jornal *O Radical* assume uma postura de enaltecimento e apreciação dos membros da elite da cidade e da região. Notemos que o casamento ocorre na cidade vizinha, Glória do Muriaé.

Ressaltamos que, apesar do EUe informar sobre um casamento que foi realizado entre Marciano Antunes Vieira e Rita Reflander, os noivos são personagens secundários da narrativa. Devido às suas elevadas posições social e econômica, os protagonistas da narrativa são os pais do noivo e da noiva, Antônio Antunes Vieira e João Reflander. Evidenciamos, no discurso, as variadas

[52] Podemos considerar que as informações presentes nas colunas sociais são de interesse do TUd, pois ele está apto a utilizar as informações para estabelecer relações (de poder e/ou convívio) com o outro.

[53] As patentes de Capitão e de Major referem-se à Guarda Nacional, criada no período imperial como uma força armada regional, das províncias, sob o controle das elites regionais. Essa organização sobreviveu na Primeira República até 1922. Para mais informações, ver SALDANHA, 2015; e SILVA, 2018.

qualificações que o “Capitão Antônio Antunes Vieira” e o “major João Reflander” recebem. Destacamos a importância da alta posição social e do poderio econômico, conferida pelas patentes e pela “atividade profissional” ligada à posse de terras para garantir o *status* de estima. Vários adjetivos destacam a questão: “abastado fazendeiro”, “importante capitalista”, “também capitalista”, “major” e “capitão”.

3.3 Acidente

O tema acidente é recorrente nos jornais analisados por nós e, normalmente, é usado para relatar fatos curiosos e acontecimentos calamitosos que envolvem personalidades de destaque, participantes da elite local. Observamos que os jornais evidenciaram os aspectos trágicos do relato, utilizando estratégias de dramatização para explorar o lado emocional dos leitores, a partir de categorias de representação dos sentimentos.

Tomemos o seguinte exemplo de um acidente ocorrido na tipografia de *O Radical*:

> **Desastre** - Ontem, na ocasião em que fazia a impressão desta folha, o menino Antonio Armando, irmão do nosso amigo José de Barros, a quem acompanhara, imprudentemente aproximou-se da máquina em movimento e foi apanhado pela engrenagem que esmagou-lhe dois dedinhos.
> Transportando o menino para a casa de seus pais, logo foram chamados os facultativos, Drs. Cruz e Nepomuceno Corrêa, que fizeram curativo sem ser necessário amputar os dedos da infeliz criança, vítima de sua curiosidade infantil.
> A casa da família Barros, imediatamente, encheu-se de amigos, ansiosos por saberem do estado do pequeno ferido, que assombrou, por sua calma e coragem a quantos o visitaram; durante a operação, o menino não deu um gemido, e conservou-se como se nada tivesse acontecido.
> Lamentando o ocorrido fazemos votos para que o interessante menino logo se restabeleça (*O Radical*, número 10, 05 nov. 1891).

No discurso acima, é possível perceber a narração do ocorrido classificado como um acidente, até por isso o título “desastre”, justificando-o como uma imprudência do garoto que foi “vítima de sua curiosidade infantil”. O jornal exime-se

de responsabilidade ao explicar que a criança acompanhava o irmão e que, imprudentemente, colocou a mão na engrenagem.

O discurso empreendido pelo EUe, além de trazer marcas que indicam o lamento pelo infortúnio do filho da família Barros, também sinaliza uma isenção de responsabilidade pelo ocorrido, uma vez que deixa bem claro que a criança acidentou-se nas dependências do jornal porque o tipógrafo, funcionário do jornal e irmão do acidentado, trouxera-a em sua companhia. Soma-se a isso a evidência que é dada ao atendimento recebido, em casa, por médicos devidamente identificados. Por meio dessas estratégias, aciona-se o imaginário social de empresa responsável e preocupada com o bem-estar de seus funcionários.

Podemos perceber também que o EUe sinaliza proximidade com a família em questão, denominando o funcionário pela insígnia de “amigo”, bem como usando palavras e expressões afetivas como “dedinhos”, “pequeno ferido” e “interessante menino”. Essas marcas servem para passar para a sociedade a seriedade e responsabilidade da empresa.

Consideramos fazer parte do imaginário social das características de uma criança, no texto representada pela figura do menino, atitudes como a imprudência e a curiosidade. Notamos também, como atitudes estranhas a esse imaginário, características como calma e coragem, logo a surpresa evidenciada pelo EUe ao narrar que o garoto “assombrou, por sua calma e coragem a quantos o visitaram; durante a operação, o menino não deu um gemido, e conservou-se como se nada tivesse acontecido”.

3.4 Comemoração

Sob essa temática, identificamos nas colunas não apenas casamentos, mas também comemorações de variados tipos, envolvendo pessoas ou situações tidas como modelares. Temos a descrição de aniversários, batizados, festas religiosas, banquetes, festivais etc.. São inúmeras comemorações locais, sendo representadas, pelos jornais *O Radical* e *O Rebate*, como exuberantes e requintados festejos.

Nossa próxima análise é um exemplo do jornal *O Radical* a respeito de um jantar oferecido em homenagem a um importante advogado e político que retornava à cidade:

> **Dr. Alvaro Lima -** No dia 31 do mês passado, a fim de comemorar condignamente a volta a esta cidade do distinto republicano e hábil advogado Dr. Alvaro Lima, ex-governador do Piauí, uma comissão popular composta dos Srs. Barão de São Francisco, Dr. Olavo de Magalhães, Dr. Luiz Gonzaga, Manoel José Souza, Geminiano das Chagas Menezes, Manoel Caldas Becelar, Ernesto Cruz, Luiz Teixeira Machado, Manoel L. de Azevedo, Francisco Lomba, Avelino Guimarães e Modesto Teixeira de Queiroz, representantes do foro, do comércio, medicina e lavoura, ofereceram ao ex-governador do Piauí um jantar no Hotel dos Estados Unidos.
> A festa começou às 6 da tarde, tomando assento à mesa, artisticamente ornamentada, e disposta em forma triangular, um grande número de candidatos pertencentes à flor da sociedade carangolense.
> O *menu,* que faria honra a Brillat Savarin[54], foi variado e bem escolhido; os vinhos poderiam figurar nas adegas dos mais exigentes conhecedores; em uma palavra, o jantar oferecido ao ex-governador do Piauí, pode ser registrado como uma destas festas que servem para atestar o estado de adiantamento de um povo.
> Entre os diversos brindes que foram levantados, salienta-se o dirigido pelo Dr. Olavo de Magalhães ao manifestado.
> Outros brindes tiveram lugar, sempre tendo por alvo afirmar os serviços valiosos e virtudes cívicas do manifestado, que, com a eloquência que lhe é própria, a todos respondeu brilhantemente.
> Saudando a todos, o ex-governador do Piauí, não esqueceu-se [sic] de relembrar os serviços do Dr. Nepomuceno Correia, seu ex-secretário, e bem assim rendeu homenagens, em eloquente brinde, às virtudes do nosso pároco, Rvdm. Padre Candido de Cerqueira.
> A festa terminou com o brinde de honra levantado ao emérito mineiro Dr. Cesário Alvim (*O Radical*, número 10, 05 nov. 1891).

A narrativa sobre a festa em homenagem ao Dr. Álvaro Lima chama-nos a atenção por seus detalhamentos e minúcias descritivas. Também percebemos a exposição de opiniões do jornal; o uso do estrangeirismo, com o intuito de produzir uma identificação com a alta gastronomia francesa, como em *"menu";* e a recorrência a figuras de linguagem, para aludir aos hábitos modernos e à sofisticação, utilizando expressões como "à flor da sociedade carangolense" etc.

O Dr. Alvaro Lima recebe, do jornal e de personalidades ilustres, inúmeros elogios e grande proeminência. O retorno do político à cidade é celebrado com o oferecimento de um refinado jantar, por diversos representantes das elites locais. É

[54] Jean Anthelme Brillat-Savarin foi um dos mais famosos gastrônomos franceses de todos os tempos.

possível compreender que o Dr. Alvaro Lima possui grande estima e apreciação dentre a sociedade local, o que ocorre devido à sua importância política e social. Dessa forma, reafirmamos que o EUe do jornal *O Radical* adota um discurso de enaltecimento e apreciação dos membros da elite local. São também importantes as informações de que o Dr. Alvaro Lima é republicano e advogado, atividades destacadas e renomadas para o contexto da época, que garantem ao personagem muito prestígio e um lugar de grande destaque no contexto socioeconômico e na elite local.

Constatando a dimensão do poder político, do prestígio social e, consequentemente, da festa de Alvaro Lima - e lembrando que o "sujeito intelectivo" está apto a utilizar as informações para estabelecer relações (de poder e/ou convívio) com o outro -, é curioso observar que o jornal traz o nome completo de todos os organizadores do evento, o que nos leva a concluir que os sujeitos que têm a imagem associada com a do ex-governador (no caso, os promotores da festa) elevam sua estima e apreciação perante a sociedade local. Ou seja, os participantes da festa, ao constarem no relato, têm o seu conceito elevado perante os leitores do jornal. Logo, a informação sobre os participantes e os detalhes são de interesse das elites.

Podemos afirmar, também, que o TUd projetado é a elite, pela escolha do vocabulário, pelo estilo da escrita e pelas temáticas selecionadas para comporem o gênero coluna social.

O EUe caracteriza a comemoração como "uma destas festas que servem para atestar o estado de adiantamento de um povo", o que nos faz identificar a presença de um imaginário social de ideais de modernidade. Nesse exemplo observamos, também, o uso do estrangeirismo, *"menu",* a comparação à culinária de Brillat Savarin e a minúcia nas descrições das decorações, o que nos remete à preocupação em relacionar o jantar à alta gastronomia, à sofisticação e ao bom gosto associados à cultura francesa, tida, naquele momento, como um dos parâmetros de civilização e modernidade. Dessa forma, é possível observar a preocupação, construída pelos jornais e projetada aos TUd, de enquadramento nos referidos parâmetros.

Como parte do imaginário social do que seria esperado em uma festa dedicada por e para membros das elites carangolenses, destacamos a preocupação com a associação aos ideais de modernidade e à cultura francesa, especialmente à sua gastronomia e sofisticação. Relacionamos a este imaginário termos como honrosa, bela, luxuosa, distinta, eloquente, estima, farto, exuberante, abundante, generoso, luxuoso, divertido, deslumbrante, imponente, contagiante etc.

É interessante notarmos como as características relacionadas ao político podem exemplificar as próprias qualidades referentes ao imaginário social de cidadão ideal, como membro de destaque da elite local. Encontramos no texto os adjetivos relacionados ao político - "distinto republicano", "hábil advogado" (ou hábil profissional, no geral), "virtudes cívicas", "brilhantemente" etc. - que serviriam, também, para classificar o imaginário de cidadão ideal.

3.5 Educação

Podemos considerar que a educação passa a ser, de alguma maneira, discutida e valorizada dentro dos novos parâmetros de civilização e modernidade. O tema educação é frequente nos jornais, que apresentam discursos sobre a importância da alfabetização, informam sobre a abertura de escolas, valorizam a formação no ensino superior etc. Segue no exemplo abaixo, sem título[55], o relato da matrícula de um rapaz no colégio naval:

> Consta-nos que vai matricular-se no colégio naval o inteligente menino Alonço Machado, filho do Sr. Capitão Olympio Machado.
> Talentoso como é, saberá honrar, no futuro, o seu nome de família e a briosa terra mineira (*O Radical*, número 15, 10 dez. 1891).

A valorização que os jornais reservam ao tema e a observação do relato acima são indícios da existência de um imaginário social relacionado à educação. Adjetivos como "talentoso" e a afirmativa que o menino "saberá honrar, no futuro, o seu nome de família, e à briosa terra mineira" fazem-nos confirmar a importância

[55] Alguns textos identificados como "colunas sociais" dos jornais *O Radical* e *O Rebate* não possuíam título. Eram separados apenas por sinais gráficos.

com que o jornal trata a educação, os estudos e a formação acadêmica, considerada como uma forma de ascensão intelectual, econômica e social.

A evidência dada ao menino pelo jornal está ligada ao apreço que é destinado ao pai dele, Olympio Machado, destacado por sua patente de Capitão. É interessante observarmos como este mesmo Capitão Olympio aparece na terceira sessão, em relato sobre a recuperação de sua esposa (*O Radical*, 10 dez. 1891). Ambas as publicações, em uma mesma edição do jornal, indicam a importância que essa figura tinha para a "agenda" da coluna social do jornal.

A expectativa depositada no futuro de Alonço está intimamente relacionada à grande estima anunciada à família e ao pai dele, tal como pode ser confirmado pelos trechos "filho do Sr. Capitão Olympio Machado" e "o seu nome de família". Destacamos, também, o enaltecimento e apreciação dos membros da elite local.

Podemos perceber a existência do imaginário social de poder e estima relacionados à patente da Guarda Nacional, conforme discutido em nossa primeira análise, sobre o tema casamento. Percebemos, também, que características como talento e inteligência, são consideradas como hereditárias. O imaginário social dessas características é defendido pelos jornais como inerentes a todos os membros da família.

3.6 Compra/venda de terras

Considerando a importância do café como atividade econômica na região, destacamos que a posse de terras era um importante indicador de destaque social e econômico. Logo, as transações de compra e venda eram noticiadas pelos jornais e as personalidades envolvidas eram enaltecidas e elogiadas nas suas "colunas sociais".

Devido à importância relacionada ao tema, nossa próxima análise destaca um trecho do jornal *O Rebate*, que comenta sobre uma transação de compra e venda de terras em Carangola:

> **Fazenda do Papagaio –** Acaba de fazer aquisição das terras do Papagaio ao Exmo. Sr. Barão de S. Francisco do Glória, por compra, e passa a residir aqui em Carangola o Sr. João Baptista de Castro, digno e honrado capitalista de Tombos.
> É o caso de felicitar a Carangola sinceramente, cordialmente, por essa aquisição feliz de um homem que traz para o meio do Carangola a influência e a alta posição que ocupa e que vem preencher de novo (*O Rebate*, número 14, 13 jul. 1893).

Considerando os elogios ao Sr. João Baptista de Castro ("digno e honrado") presentes no texto, percebemos a existência de enaltecimento e apreciação aos membros da elite, caracterizada, aqui, pela personificação do homem de negócios.

Analisando as circunstâncias do discurso, devemos discutir o significado da relação contratual presente no trecho citado, o contrato de compra e venda de terras. Afirmamos que a compra de uma fazenda é uma transação que envolve muito dinheiro, só podendo ser feita por pessoas com alto poder econômico. Considerando, porém, o contexto histórico, socioeconômico e regional, discutidos na segunda sessão, podemos aprofundar nossa análise e afirmar que tal ação (comprar uma fazenda) significa não só que o negociante possui muito dinheiro, mas configura uma característica primordial de pertencimento à elite local (ser possuidor de terras). Destacamos, então, a existência de um imaginário social ligado à riqueza e ao poder, sobre a posse de terras. O jornal afirma e endossa o poder atribuído aos grandes proprietários rurais, contribuindo para a valorização e a perpetuação deste imaginário, perante os seus leitores.

Seguindo a mesma lógica de argumentação, podemos constatar que o Sr. João Baptista de Castro possuía um alto poder aquisitivo, podendo ser considerado, de acordo com os ideais da modernidade, como um homem de negócios, o que é confirmado pela utilização do imaginário social de "capitalista". O poder e a influência do fazendeiro são ainda destacados, conforme a afirmação: "um homem que traz para o meio do Carangola a influência e a alta posição que ocupa". Ou seja, conforme evidencia-se no discurso, é a cidade que ganha, por possuir morador tão ilustre e de tão alta estirpe.

Dessa forma, consideramos como pertencente ao imaginário social do termo capitalista (adjetivo principal das características do Sr. João Baptista de Castro e termo que representa um imaginário social partilhado por determinada comunidade,

na época), palavras como homem de negócios, magnata, importante, respeitável, poderoso, prestigioso, admirável, influente etc. Ressaltamos a estima e o prestígio que são relacionados à atividade e, consequentemente, à pessoa que a realiza.

Cabe relembrar que *O Rebate* (em 13 de julho 1893) apresenta o mesmo imaginário social que analisamos na coluna social de *O Radical* (em 17 de setembro 1891) sobre o tema casamento. Tanto no relato de *O Radical* quanto no relato de *O Rebate*, quase dois anos depois e escrito por outro redator, os jornais compactuam pelos mesmos valores, sendo responsáveis pela valorização de um mesmo imaginário social perante seus leitores, qual seja as ideias de estima e prestígio relacionados ao imaginário capitalista.

3.7 Mudança para a cidade de Carangola

Uma preocupação recorrente da população, na época, e que podemos perceber como registrada, frequentemente, nas páginas de *O Radical* e *O Rebate*, é a de conhecer moradores recém-chegados de Carangola. Considerando isso, nossa próxima análise aborda um relato do jornal *O Rebate* que comenta sobre a mudança de um Promotor de Justiça, da cidade vizinha de Manhuaçu:

> **Do Manhuaçu -** Acha-se entre nós, aonde pretende fixar residência, o Sr. Alfredo Netto, vindo de Manhuaçu onde desempenhava o honroso lugar de Promotor de Justiça e redigia valentemente um periódico – *O Manhuassú.*
> Ligado por laços de parentesco à família Godoy nesta cidade, auguramos-lhe desde já os mais prósperos momentos de existência neste desenvolvido meio.
> Cumprimentamo-lo (*O Rebate*, 20 jul. 1893).

É interessante ressaltar que a mudança de cidade do senhor Alfredo Netto só se configura em notícia de jornal devido ao seu destaque social. Isso fica evidente pelas informações dadas, que o senhor Alfredo Netto era Promotor de Justiça, era redator de um jornal e que pertencia a uma importante família de Carangola, o que pode ser confirmado pelos trechos: “onde desempenhava o honroso lugar de Promotor de Justiça”, “redigia valentemente um periódico – *O Manhuassú*” e “Ligado por laços de parentesco à família Godoy nesta cidade”. É

evidente, aqui, como a ocupação do cargo de Promotor de Justiça, ligado ao fato de desenvolver a atividade de redator e pertencer a uma determinada família de prestígio social são determinantes para agregar valores e *status* perante membros da sociedade local. O advérbio “valentemente” pressupõe que seus textos eram combativos, polêmicos, que poderiam fazer oposição a alguns ideais ou dizer suas verdades e, ao mesmo tempo, servir como elogio indireto à própria redação do jornal que publica a matéria.

Dessa forma, podemos considerar que há um imaginário social próprio para o cargo de Promotor de Justiça, característico da época e do contexto social no qual se situa o discurso, proveniente da elite local. A própria adjetivação “honroso” nos dá dicas sobre o imaginário social que é pertinente ao cargo e que podemos considerar como sinônimo dos termos: nobre, promulgador da lei, promotor de direito, promovedor da razão etc. Ressaltamos a importância do jornal como uma forma de valorização e perpetuação desse imaginário.

Considerando os elogios apresentados ao Sr. Alfredo Netto (“honroso”, “valente”), percebemos novamente que o jornal assume uma postura de enaltecimento e apreciação dos membros da elite, caracterizada no texto acima pela figura do Promotor de Justiça. Consequentemente, os TUd são representados no discurso por membros dessa elite local, uma vez que os leitores recebem o papel de integrantes desse “desenvolvido meio”. É interessante observar que, ao assumir essa postura, o jornal, destaca-se, também, como pertencente ao mesmo meio de realce social (“acha-se entre nós”).

De acordo com o contexto da época, trabalhado na segunda sessão, o trecho acima e as análises feitas até agora, podemos considerar que o imaginário social da atividade de redator também possuía características próprias, que podem ser assimiladas como pertencentes a um imaginário relacionado às qualidades de instrução, inteligência e coragem. Percebemos que a atividade é caracterizada pelo jornal por valores como prestígio e admiração.

3.8 Aniversário

Vimos, anteriormente, no tema casamento, que os jornais possuíam o hábito de parabenizar os noivos, quando integrantes das elites, por ocasião de matrimônio. Eram também frequentes as felicitações às personalidades de destaque social, quando em ocasião de aniversário, por ambos os periódicos. Dessa forma, nossa próxima análise traz como exemplo uma "coluna social" de *O Rebate,* que parabeniza uma aniversariante:

> **Felicitações –** No dia 12 do corrente mês faz anos a Exma. Sra. D. Alzira de Aguiar Vallim, enteada de Sr. Capitão Americo Machado.
> Rosas tivéssemos nós e delas faríamos um primaveril *bouquet* aonde houvesse o rosado gracioso dos nossos bons desejos, o azul fugitivo da nossa esperança de felicitá-la por isso e ainda muitas vezes e o [sic] pérola vivo dos nossos parabéns ao capitão Americo, sua Sra., e a Exma. D. Alzira (*O Rebate*, número 18, 10 ago. 1893).

Destacamos, primeiramente, que o texto é endereçado ao leitor com proximidade, pois temos a expressão de opiniões e sentimentos, como nos trechos "Rosas tivéssemos nós", "nossos bons desejos", "o pérola vivo dos nossos parabéns".

Observamos, também, o uso de estrangeirismo, responsável por imprimir requinte ao texto, como também identificação com outras culturas que são tomadas como modelos. Nesse exemplo, destacamos o termo "*bouquet"*[56], do francês, usado com o objetivo de remeter às características modelares de comportamento social e sofisticação, atribuídos à cultura francesa.

No discurso acima, o EUe parabeniza a Sra. D. Alzira Aguiar Vallim pela ocasião do seu aniversário. Apesar de a aniversariante ser a D. Alzira, temos como protagonista do discurso o Sr. Capitão Américo Machado, o seu padrasto. É interessante observar que a temática "aniversário da senhora D. Alzira" só se torna matéria de jornal sob a forma de "coluna social" devido à importância atribuída à patente, de Capitão, que ocupa o seu padrasto. Conforme discutido no primeiro exemplo, sobre o tema casamento, observamos a existência de um imaginário

[56] *Bouquet*: do francês, o mesmo que buquê.

social, compartilhado pelas elites locais e evidenciado pelo jornal, de autoridade e poder relacionado à patente, de “Capitão”, da Guarda Nacional.

Somamos a isto a informação de que o Capitão Americo já havia aparecido em outro relato – na terceira sessão, em uma “coluna social” sobre o aniversário da filha e da esposa, publicado em *O Rebate*, de 21 set. de 1893. Essa repetição é um indício da existência de um círculo de pessoas que constam sempre da “agenda” desse jornal, além de reforçar o fato, também revelado pela patente, que o Sr. Capitão Americo Machado e a sua família eram membros da elite local, em uma posição de destaque e prestígio social.

Os elogios feitos pelo EUe à D. Alzira podem ser entendidos como elogios ao próprio capitão e à valorização pela posição que ocupa. Considerando o discurso que o EUe apresenta sobre a personagem, D. Alzira, percebemos que o jornal assume uma relação de enaltecimento e apreciação dos membros das elites, contribuindo para a perpetuação de imaginários pertencentes ao grupo local. O EUe acionado no discurso e a projeção do TUd, depreendida desse discurso, levam-nos a dizer que o projeto de fala da “coluna social” é enaltecer os valores das elites carangolenses.

Considerando as condições de produção do discurso e o contexto sociocultural de uma sociedade patriarcal, avaliamos que existe um imaginário social compartilhado pela comunidade sobre a patente de Capitão e as “supostas” características inerentes à personalidade de quem a detém. Dessa forma, consideramos que fazem parte das características integrantes ao termo qualidades como honroso, forte, viril, líder etc.

Podemos considerar, também, a existência de um imaginário social compartilhado pelas elites locais sobre o rito simbólico de comemoração de aniversário, destinado a uma senhora (no caso, D. Alzira). Dessa forma, a comemoração de aniversário é característica de um imaginário social representado pelos termos felicitações, bons desejos, parabéns, esperança, saudações etc.

Além disso, podemos perceber, pela utilização de figuras de linguagem referentes a cores (“rosado”, “azul fugitivo”, “pérola”), a flores (“rosas”, “primaveril”, “*bouquet”),* a emoções (“esperança”, “desejos”), a identificação de um imaginário social de mulher, graciosa, frágil, carinhosa e submissa. Ressaltamos - considerando

o contexto patriarcal existente, na época, de representação da mulher como subalterna ao homem - que o próprio imaginário social feminino é relegado ao segundo plano. O imaginário das características do Capitão é destacado perante o das características da D. Alzira, revelando como o jornal constrói um discurso que valoriza a figura do homem e os atributos masculinos.

As características, aqui expostas, também evidenciam a existência de um imaginário social sobre modos de conduta e sofisticação feminina, simbolizados pela cultura francesa e, evidenciado no texto, pelo estrangeirismo *"bouquet*". Esse estrangeirismo reforça o imaginário de sociedade, representada pelo jornal e discutida até aqui, ligada à sofisticação.

3.9 Visita à cidade de Carangola

Os jornais noticiam com frequência a chegada de pessoas em visita à cidade de Carangola. Acontece que, quando a cidade recebe personalidades que possuem um determinado destaque social, o relato é feito nas "colunas sociais", onde o assunto é narrado em maiores detalhes e as características e/ou qualidades do visitante são apresentadas aos leitores. Considerando o exposto, apresentamos no próximo exemplo, sobre o tema visita à cidade, uma "coluna social" do jornal *O Rebate,* que comenta a visita de um médico:

> **Dr. Nunes Galvão** – Carangola hospedou, há dias, esse distintíssimo médico e operador, residente em Itaperuna, que aqui veio a serviço profissional.
> Correto, elegante, *v'lan*[57] mesmo, o Dr. Nunes Galvão é um dos moços da atual geração que mais orgulhosamente se pode considerar um cavalheiro perfeito, de amigos.
> Tendo percorrido a Europa em estudos médicos e trazendo de ali a vasta soma de conhecimentos cirúrgicos de que dispõe, o Dr. Galvão é hoje um dos nossos médicos moços e que mais honra faz à classe a que pertence e a que gostosamente se filiou.
> Nossas respeitosas saudações (*O Rebate*, número 19, 17 ago. 1893).

É interessante enfatizarmos que as várias qualidades de que desfruta o senhor Galvão são evidenciadas pela profissão que ele exerce. Ele é qualificado

[57] V'lan, o mesmo que vivaz. Gíria francesa, corrente na época. Que rouba a cena.

pelo discurso como “distintíssimo médico e operador*”.* Ressaltamos também que o médico tem seus conhecimentos ainda mais valorizados pelo fato dele ter estudado na Europa. O Dr. Galvão “mais honra faz à classe a que pertence”: ter percorrido a Europa em estudos coloca-o em um lugar de superioridade em relação aos outros médicos. Considerando as condições de produção do discurso, o imaginário social que circunscreve a profissão de médico é caracterizado por referências de valor e respeito, em que a atividade é qualificada por ser exercida por homens que são dedicados e estudiosos. Temos acionado, pois, o imaginário social que a formação médica exige empenho e dedicação[58].

Aprofundando um pouco mais a nossa análise, devemos considerar o alto custo de uma formação médica, exercida em uma sociedade tradicional. Temos como característica do imaginário social da profissão de médico, na época, a imagem de um homem branco, pertencente à elevada classe social e portador da boa moral e dos bons costumes. Ou, nas palavras no jornal, a perfeita categorização de um “cavalheiro”. Tal característica fica ainda mais evidente ao percebermos a exaltação representada pelo EUe sobre o fato de o médico ter estudado na Europa e a utilização do estrangeirismo “*v’lan*”, que o caracteriza como um homem vivaz, exalta sua juventude e educação, relacionando-o à cultura francesa.

Consideramos, assim, retomando discussões da segunda sessão, que o modelo ideal de modernidade e as características idealizadas que configuram o imaginário social do homem moderno e o imaginário social de “cavalheiro perfeito” são ligadas aos moldes europeus burgueses e ao homem europeu burguês. Afirmamos a existência de um imaginário social de conhecimento, sofisticação e modernidade ligados à cultura francesa e à cultura europeia, em geral. O senhor Galvão é um cavalheiro perfeito e um médico excepcional (melhor que os outros médicos), na visão do jornal, pois seus costumes e sua educação foram adquiridos na Europa.

Dessa forma, consideramos que, a partir do discurso acima, é possível perceber a coexistência de alguns imaginários sociais relacionados à imagem do Dr. Nunes Galvão e compartilhados pela elite local. Temos o imaginário de um

[58] Para o imaginário sobre o lugar social do médico, ver COELHO (1999).

“cavalheiro perfeito”, o imaginário social associado à profissão de médico e o imaginário social sobre a educação e cultura europeias.

O EUe utiliza vários adjetivos para caracterizar o Dr. Nunes Galvão. Percebemos a utilização do estrangeirismo “*v’lan*”, para caracterizá-lo como cavalheiro educado e vivaz e relacioná-lo à cultura europeia. Considerando a recorrência do uso de estrangeirismos, destacamos que somente um TUd letrado e culto poderia entender o que é dito nas colunas sociais, criando, portanto, essa imagem de elegância e sofisticação, tanto do jornal quanto da sociedade.

3.10 Falecimento

A morte de um ente querido, na nossa sociedade, é encarada como um acontecimento trágico e difícil para a família. Tal situação, porém, não deixa de ser interessante às “colunas sociais”, principalmente quando se trata do falecimento de personalidades que possuem prestígio social ou de seus familiares.

Os jornais relatam, frequentemente, o óbito de pessoas pertencentes às elites locais, quando prestam homenagens a quem faleceu e se solidarizam com os familiares da vítima. Algumas vezes esses relatos podem apresentar, também, informações sobre a realização de velórios e/ou missas. Logo, nossa próxima análise é a de uma “coluna social” do jornal *O Rebate* sobre a morte da menina Olga Gouthier:

> **Olga Gouthier -** Faleceu em S. Paulo do Muriaé[59] esta inocente filhinha do nosso amigo Francisco Gouthier, vítima de uma bronquite sufocante.
> Dar pêsames... Mas não! Não encontraríamos frases que traduzissem para um pai a expressão dolorosa do nosso sentimento do nosso pesar, da nossa dor.
> O amigo que nos aceite um aperto de mão silencioso, mudo, mas eloquente nessa mudez falando mais do que tudo nesse silêncio (*O Rebate*, número 26, 21 set. 1893).

A palavra “inocente”, por exemplo, fora da análise textual e sem as informações sobre as condições de produção do discurso, poderia ter várias

[59] Atual Muriaé, MG.

significações. Observemos a definição do *Diccionario da Lingua Portugueza*, de Antonio de Moraes Silva, em sua edição de 1878:

> **Inocente**, adj. 2 g. (do Lat. *Innocens*, *entis*) Que não é culpado, que não cometeu culpa, crime: *v. g. foi absolvido, e reconhecido* – : i. é, sem culpa. § Isento de malicia, vicio; puro: *v. g. coração, alma* –. Diz-se no mesmo sentido da conduta, ações, palavras, etc. *v. g. costumes, pensamentos, vida* –. § Que não fez, ou não faz mal: *v. g. alimentos, bebidas* –: *ares* –. *Vieira*. § Ignorante. *Lobo:* "sendo eu *inocente* deste costume" § Idiota, simples; singelo, sem malícia. *Vieir.* e *Cam. Canç.* II. § *Inocente*, s. 2 g. Criança, ou menino, menina enquanto não tem malicia: *não aflija esse* (SILVA, 1878, p. 172).

Diante das definições acima e da constatação prévia do conteúdo da mensagem, podemos compreender melhor o imaginário social que circunda o termo. A palavra "inocente", aqui empregada, tem como sentido "criança, ou menino, menina enquanto não tem malícia". O que pode ser mais bem examinado ao observar o emprego da palavra "filhinha", que nos faz supor que a pessoa morta seja uma criança pequena. O termo "vítima", empregado no texto, enfatiza ainda mais os aspectos de inocência, que fazem parte do imaginário social das características da jovem Olga.

No exemplo acima, podemos perceber que o EUe assume um discurso de proximidade. Ao observarmos o trecho "o amigo que nos aceite um aperto de mão silencioso, mudo, mas eloquente nessa mudez falando mais do que tudo nesse silêncio", podemos perceber a utilização de estratégias discursivas para promover a comoção não só do pai, como dos leitores em geral.

O sentimento de solidariedade fica mais evidente pela utilização das palavras "pêsames", "sentimento", "pesar" e "dor", as quais evidenciam as características de tragédia, injustiça e sofrimento, que fazem parte do imaginário social da morte, na cultura ocidental.

Consideramos que o jornal dá destaque à morte da menina pelo fato de o pai dela ser um membro da elite local. Acontece que, ao refletir sobre a análise do imaginário social do discurso, temos que considerar o fato de a personagem pertencer à alta sociedade tradicional da cidade, ser do sexo feminino e ser uma criança. Propomos, então, que o imaginário das características da jovem Olga

pertence, também, a um universo patriarcal e religioso. O cristianismo católico era a religião predominante e praticada por grande parte das famílias, em todo o país. Podemos ressaltar um contexto que engloba o sentido de imaginário social relacionado a inocência das crianças à pureza dos anjos. Dessa forma, pela distinção da palavra "inocente", podemos considerar como termos caracterizantes do imaginário social dos atributos da personagem Olga palavras como inocente, singela, pura, ingênua e casta.

Da mesma forma, podemos expandir nossas reflexões sobre o imaginário social da morte, contido no relato. Considerando o contexto cultural e social, podemos supor que Olga vivia em uma família tradicional cristã. Para o cristianismo do final do século XIX, a morte é encarada como tabu, principalmente quando tratamos da morte de uma pessoa jovem. Podemos supor que para o pai de Olga a morte pode ser considerada como sinônimo de sentimento, pesar, dor, tragédia, injustiça e sofrimento e, também, de lástima, castigo, amargura, agonia, desgosto e punição.

3.11 Nascimento

Assim como a morte é, frequentemente, assunto nas "colunas sociais" dos jornais, o nascimento de crianças, filhos de membros das elites locais, é um tema recorrente nas colunas. O nascimento é representado como um evento maravilhoso e sublime em que o pai da criança é parabenizado pelo acontecimento. Dessa forma, finalizamos a sessão com a análise de uma "coluna social" do jornal *O Rebate* que parabeniza os pais pelo nascimento de uma criança:

> **Frutos de ouro -** O nosso distintíssimo amigo e correligionário[60] Dr. João Baptista Martins, advogado notável deste foro, acaba de ter a alegria feliz e venturosa com que na vida a boa fada do sonho amoroso nos surpreende de vez em quando, com o nascimento de um filho.

[60] Correligionário, o que participa de um mesmo partido político.

> É o fruto de ouro da lenda da Princesa Árabe[61], colhido na seara madura da realidade, sob o olhar claro do sol esplêndido do amor.
> Parabéns ao Baptista, como tratamos em linguagem familiar e íntima. Parabéns a Exma. Sra. (*O Rebate*, número 31, 24 set.1893).

Neste exemplo, a proximidade com o leitor torna-se ainda mais evidente, ao observarmos os trechos "parabéns ao Baptista, como tratamos em linguagem familiar e íntima" e "O nosso distintíssimo amigo e correligionário". A linguagem utilizada produz um efeito intimista entre os interlocutores.

Ao observamos o uso de superlativos ("distintíssimo amigo") e de figuras de linguagem ("é o fruto de ouro da lenda da Princesa Árabe, colhido na seara madura da realidade, sob o olhar claro do sol esplendido do amor"), encontramos pistas que sinalizam quem são os sujeitos desse contrato de comunicação. O superlativo, aqui, reforça o imaginário social construído sobre as elites, além de ser uma estratégia de captação desse TUd, que é a imagem idealizada da própria elite. Já a alusão à lenda, marca, na materialidade linguística, quem é o TUd pelo projeto de fala do EUc, uma vez que somente uma parcela letrada e culta da cidade entenderia o que foi dito. Já o EUe acionado passa a ideia de culto, de refinado. O projeto de fala da coluna social é todo voltado para elite e sua vida recheada de festas, comemorações e glamour. Logo, a linguagem acompanha esse imaginário e, por isso, é também rebuscada, floreada.

Podemos afirmar que o sujeito enunciador apresenta uma linguagem romântica e hermética. Ao usar a metáfora, o jornal refere-se aos pais como um casal apaixonado e abençoado, personagens reais de uma história de amor verdadeira que se concretizou. A criança é retratada como uma feliz e bem aventurada consequência, símbolo da concretização de um romance real.

É importante enfatizarmos que o nascimento da referida criança só é tematizado pelo jornal por se tratar, o seu pai, o Dr. João Baptista Martins, de um membro da elite da cidade. Tal referência torna a informação sobre o nascimento

[61] A lenda da Princesa Árabe refere-se à princesa Ardínia, famosa por sua beleza. Conta a lenda que, um dia, o cavaleiro cristão, dom Tedom, veio disfarçado a Lamego, tendo-se logo apaixonado. Depois de alguns encontros no laranjal do castelo, ao luar, resolveram casar-se. Mas como o rei mouro, pai da princesa, não consentia o casamento da sua filha muçulmana com um cristão, a princesa fugiu com o seu amado para longe. Disponível em: <https://www.outrostempos.com/lenda-da-princesa-ardinia>, acesso em 02 fev. 2020.

interessante para o TUd, uma vez que integrantes de um mesmo grupo social estão aptos a utilizar informações para estabelecer relações de convívio. Podemos constatar que o pai é um membro da elite, ao observarmos, pelo discurso, a sua profissão (advogado) e o uso de adjetivos ("distintíssimo amigo" e "advogado notável"). O Dr. João Baptista Martins é muito elogiado e tratado com intimidade e proximidade pelo EUe. Percebemos também que o jornal assume novamente uma postura de enaltecimento e apreciação dos membros das elites locais.

O nascimento de uma criança é circundado por um imaginário social farto de simbologia e idealizado como um momento mágico e sublime pela nossa sociedade. O que pode ser observado pelo uso de figuras de linguagem, como: "colhido na seara madura", "sob o olhar claro do sol esplêndido do amor" e "a boa fada do sonho amoroso nos surpreende". Dessa forma, caracterizamos o discurso do imaginário social do nascimento por termos como alegria, felicidade, ventura, sonho, amor, esplêndido, surpreendente.

Destacamos, também, a existência de um imaginário social ligado à figura do recém-nascido, que o caracteriza como uma benção, um presente de Deus, ligado à representação da imagem de pureza e inocência do amor.

Apesar de o imaginário social do nascimento e do recém-nascido estarem presentes no discurso, é importante enfatizarmos que o imaginário social em destaque está centralizado na figura de Baptista. Ele aparece no discurso sob a imagem de "amigo", "advogado", "pai" e "esposo" e, em todos esses papeis, recebe também caracterizações positivas. O nome da sua esposa e do seu filho nem mesmo aparecem no relato. Temos, dessa forma, presentes no discurso imaginários sociais atrelados a papeis ideais, referentes à figura masculina, como a do "bom pai", "esposo apaixonado", "amigo leal" e "profissional bem-sucedido". Notamos, também, que todos esses imaginários sociais estão atrelados a um imaginário social central, a do homem viril e reprodutor, pertencente à sociedade patriarcal e ainda evidente no período histórico em questão.

Os imaginários sociais, analisados na presente sessão, apontam-nos sobre a imagem de cidadão carangolense que é representada pelos periódicos. Foi possível constatar que o sujeito destinatário é construído pelos jornais a partir da idealização do homem burguês, no contexto social, político e cultural da região.

Avaliaremos, na próxima seção de nosso trabalho, as características mais recorrentes nos imaginários sociais depreendidos dos exemplos analisados. Sintetizaremos, dessa forma, os principais aspectos presentes na representação do cidadão modelo carangolense pelos jornais *O Radical* e *O Rebate*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciando nossas reflexões finais, consideramos que, em um primeiro momento, retomamos, em um apanhado histórico, algumas das questões que influenciaram as produções dos jornais *O Radical* (1891) e *O Rebate* (1893), em Carangola, Minas Gerais, e discutimos em que cenário econômico, social, político e cultural eles foram desenvolvidos. Posteriormente, debatemos sobre os conceitos de linguagem, discurso e imaginários, caracterizando o conceito de imaginário social e definindo, também, o gênero "coluna social" e suas características, quando pudemos perceber nos jornais uma relação intimista entre leitor e público. A partir desses elementos, criamos o embasamento teórico necessário para a análise discursiva de textos de *O Radical* (1891) e de *O Rebate* (1893). Com isso, foi possível analisar os imaginários sociais e avaliar a imagem de cidadão carangolense que era construída e sustentada por esses periódicos.

Cabe recordar que, nas matérias categorizadas como "colunas sociais", o público alvo ideal está mais próximo do público real, pois as publicações são endereçadas, e/ou têm como participantes, as pessoas reais. Concluímos, por meio de nossas análises, que, nas "colunas sociais", as elites que compram e leem o jornal são também protagonistas de suas páginas, produzindo uma relação de proximidade entre as pessoas que fazem parte dessas elites e os periódicos. Destacamos, dessa forma, que os jornais são responsáveis pela construção de uma identidade de valores voltados aos interesses das elites locais. Foi possível identificarmos alguns desses valores, a partir da análise dos possíveis interpretativos, pela reflexão dos imaginários sociais referentes às temáticas selecionadas. Dentre as "colunas sociais", selecionamos as que exemplificam a maior variedade de assuntos, dentre todo o nosso *corpus* de exemplares.

Foram selecionadas 10 colunas, de diferentes fascículos, dos periódicos escolhidos. Temos, dessa forma, a análise de 4 "colunas sociais" dos jornais de *O Radical* com os temas "Casamento", "Acidente", "Comemoração" e "Educação". E 6 colunas de *O Rebate*, com os temas "Compra/venda de terras", "Mudança para a cidade de Carangola", "Aniversário", "Visita à cidade de Carangola", "Falecimento" e "Nascimento".

Ao analisarmos a primeira “coluna social” selecionada, intitulada “Consórcio”, publicada pelo jornal *O Radical*, em 17 de setembro de 1891, foi possível perceber a existência de um imaginário social de poder, prestígio e autoridade, relacionado às patentes da Guarda Nacional. A contribuição dos periódicos para a manutenção e a perpetuação desse imaginário é frequente, sendo observada, também, em outras colunas analisadas.

Relembramos que os títulos de oficial da Guarda Nacional, na República, funcionavam tanto para dar prestígio a quem os detinha, quanto para referendar o poder que essa pessoa possuía. Dessa forma, destacamos que tanto *O Radical* quanto *O Rebate*, desempenharam um importante papel como garantidores da ordem e do poder delegados à Guarda Nacional e, consequentemente, aos grandes proprietários de terras, das elites locais, na cidade de Carangola e suas imediações. Os jornais colaboraram na construção e na manutenção desse imaginário de autoridade e do poder associado às patentes. Esse imaginário está presente, também, na “coluna social” de *O Radical*, de 10 de dezembro de 1891, sobre o tema educação, e na coluna de *O Rebate*, de 10 de agosto de 1893, sobre o tema de aniversário. Convém lembrar que, apesar do destaque dado aos detentores de patentes da Guarda Nacional, outros grupos sociais tinham interesses relacionados à instituição e funcionavam como garantidores da ordem social: comerciantes, empresários, profissionais liberais e mesmo os membros das redações de periódicos.

Na mesma “coluna social”, nomeada “Consórcio”, é possível perceber a existência de outro imaginário social também relacionado às elites locais. Analisamos a existência de um imaginário social, compartilhado pelas mesmas elites e endossado pelo jornal, para o termo capitalista, como um importante magnata, bem-sucedido, influente e poderoso, estando também associado aos imaginários de fortuna e de riqueza. Lembramos que, à época, era considerado um grande mercador que negociava com capital. Ressaltamos a estima e o prestígio que são relacionados à atividade e, consequentemente, à pessoa que a realiza, o que pode ser verificado ao observarmos o uso do termo em outras matérias, como em “Fazenda do Papagaio”, sobre o tema compra/venda de terras, publicado no jornal *O Rebate*, número 14, em 13 de julho de 1893.

Evidenciamos em outra coluna analisada - “Frutos de ouro”, publicada no jornal *O Rebate*, número 31, 24 de setembro de 1893, sobre o tema nascimento - a existência de um imaginário social masculino estereotipado, atrelado a papeis ideais, referentes ao homem, como a do “bom pai”, “esposo apaixonado”, “amigo leal” e “profissional bem-sucedido”.

Notamos que todos esses imaginários estão atrelados a um imaginário social central, o do homem viril e reprodutor, pertencente à sociedade patriarcal, ainda evidente no período histórico em questão. A figura masculina, sempre destacada pelos jornais, é superestimada em suas qualidades e características. O leitor/cidadão ideal é representado pelos jornais a partir de figuras masculinas idealizadas, como o honrado capitalista, o político influente, o hábil advogado, o distintíssimo médico, o cavalheiro perfeito, o grande comerciante, o menino inteligente etc. Podemos afirmar que tanto *O Radical* quanto *O Rebate* contribuem para a manutenção e a perpetuação de um imaginário social de leitor/cidadão/homem ideal, associado à imagem idealizada de masculinidade perpetuada pelo jornal.

Percebemos, também, a existência de um imaginário social, compartilhado pelas elites e pelos jornais, das características que representavam a mulher. Temos a construção de uma imagem de mulher frágil e carinhosa, relacionada aos modos de conduta e aos ideais de sofisticação cultural francesa. A representação da mulher é frequentemente associada a uma imagem masculina superior: sempre que ela é destacada nas notícias, isso acontece devido ao parentesco com um homem/cidadão ilustre. Concluímos, desse modo, que a mulher nunca é considerada pelos jornais como cidadã ou como destinatária ideal.

Percebemos existência de um imaginário social para a representação do rito simbólico do aniversário e para as características ideais para a celebração de festas e comemorações em geral. Como parte do imaginário social do que seria esperado em uma festa dedicada por e para membros da elite carangolense, encontramos a associação aos ideais de modernidade e à cultura francesa, especialmente à sua gastronomia e sofisticação. Localizamos a existência de um imaginário social de conhecimento, sofisticação e modernidade ligados à cultura francesa e à cultura europeia, em geral.

Percebemos, também, a representação do imaginário social do nascimento de uma criança, que é idealizado como um momento mágico e sublime. O imaginário ligado à figura do recém-nascido, caracterizado como um presente de Deus, associado à representação da imagem de pureza e inocência, o imaginário social da criança, representada como inocente, pura e ingênua e o imaginário social de empresa responsável e preocupada com o bem-estar de seus funcionários, difundida por *O Radical*. Compreendemos, dessa forma, que não há espaço, nas "colunas sociais", para questões como a falta de segurança e as condições de trabalho (ainda mais no próprio jornal). Lembramos - conforme mostrado no relato intitulado "desastre", sobre o tema acidente, publicado em 05 de novembro de 1891, por *O Radical* -, como mesmo um acidente pode ser transformado num discurso de proximidade, emotividade e exaltação da imprensa e dos bons valores (e pessoas) da sociedade carangolense.

Foi possível, também, perceber a existência de um imaginário social da morte, ligado às sensações de tristeza, pesar, dor, injustiça e sofrimento. Os jornais representam a morte como tabu, principalmente quando tratamos do falecimento de uma pessoa jovem, conforme podemos observar na coluna social "Olga Gouthier", do jornal *O Rebate*, publicado em 21 de setembro de 1893. A morte de um membro da elite local é notícia a ser lastimada pelos jornais, sendo evidenciada aos leitores em seus aspectos trágicos.

A partir da aplicação dos princípios de Charaudeau, identificamos as características do contrato de informação, com a especificação dos sujeitos interpretantes e destinatários, relacionadas aos discursos dos jornais *O Radical* e *O Rebate*. Conseguimos traçar, pela concepção de sujeito destinatário, proposta por Charaudeau, e a interpretação dos imaginários sociais, alguns aspectos que assinalam a imagem de cidadão carangolense ideal.

Concluímos essa dissertação, afirmando que a imagem construída e representada pelos jornais, de cidadão carangolense ideal, também destinatário ideal da notícia, é caracterizada pela imagem de: homem branco bem sucedido; destacado em sua profissão ou atividade que exerce; poderoso, influente e detentor de grande estima no meio social em que vive; virtuoso e comprometido com suas "obrigações" familiares; e habituado aos conhecimentos e características ligados aos

modelos ideais de atitudes e sofisticações da cultura europeia. Consideramos esta construção de cidadão ideal como amplamente difundida pelos jornais, que defendem tais valores como modelos a serem seguidos por toda a sociedade. As “colunas sociais” funcionam como uma espécie de “vitrine”, onde as personalidades das elites exibem seus valores e modelos de conduta ideais a toda a sociedade.

Existem poucos estudos sobre a história da imprensa no final do século XIX: mais escassos ainda são os que abordam a imprensa no interior do país. Ressaltamos, porém, que nossos resultados consistem apenas em observações iniciais. Existem várias possibilidades de pesquisa, ainda inexploradas, utilizando os periódicos em questão, *O Radical* (1891), com seus 9 fascículos, e O Rebate (1893), com 39 fascículos. Além, é claro, das inúmeras possibilidades de pesquisa considerando o jornal *O Progressista* (1903–1904, 1906) e seus 103 fascículos, que permanecem ainda inexplorados, mas que serão considerados para pesquisas futuras. E sempre há a possibilidade de que novos exemplares venham à tona.

Referências

1. Fontes Documentais

Gazeta de Carangola - edição comemorativa do centenário do município de Carangola. Carangola-MG, [*s. n.*], 1982.

O Radical. Carangola-MG, [*s. n.*], 1891.

O Rebate. Carangola-MG, [*s. n.*], 1893.

2. Referências Bibliográficas

ALMICO, Rita C. S. Uma discussão sobre o mercado de crédito em Juiz de Fora na segunda metade do século XIX. **Locus** (UFJF), v. 20, n. 2, p. 51-76, 2014.

ALMICO, Rita C. S.; PIRES, Anderson. Crédito e finanças em uma sociedade cafeeira. **História e Economia**, v. 4, n. 2, p. 221-247, 2008.

AZEVEDO, André Nunes de. **A grande reforma urbana do Rio de Janeiro**: Pereira Passos, Rodrigues Alves e as ideias de civilização e progresso. Rio de Janeiro: Mauad X / Editora PUC-RJ, 2016.

BAHIA, Juarez. **Jornal, história e técnica**: história da imprensa brasileira. São Paulo: Editora Ática, 1990.

BALZAC, Honoré de. **Os jornalistas**. Trad. João Domenech. São Paulo: Ediouro, 1989.

BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa***:* Brasil 1800-1900**.** Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

BRAGA, Belmiro. **Cem trovas de Belmiro Braga***.* Disponível em: <http://falandodetrova.com.br/01belmirobraga>. Acesso em: 21 dez. 2019.

BRAGA, José Luiz. Questões metodológicas na leitura de um jornal. In: MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell (Orgs.). **O jornal***:* da forma ao sentido. Brasília: Paralelo 15, 1997. p. 321- 334.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo: Contexto / EDUSP, 1988. (Coleção Repensando a História).

CARELLI, Rogério. **Efemérides carangolenses**: 1827-1959. Viçosa-MG: Editora Folha de Viçosa, 2002.

CARVALHO, Daniela Corrêa e Castro de. **Ordem e progresso**: a imprensa na zona da mata mineira na década de 1920. Dissertação (Mestrado em História Social das Relações Políticas). Vitória: Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, 2007.

CARVALHO, José Murilo de. **Os bestializados**: o Rio de Janeiro e a república que não foi. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CASTRO, Maria Céres; VAZ, Paulo Bernardo (Orgs.). **Folhas do tempo**: imprensa e cotidiano em Belo Horizonte (1895-1926). Belo Horizonte: Editora da UFMG / Associação Mineira de Imprensa / Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, 1997.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. Trad. Ângela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2012.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso**: modos de organização. São Paulo: Contexto, 2016.

CHARAUDEAU, Patrick. Os estereótipos, muito bem. Os imaginários, ainda melhor. Trad. André Luiz Silva e Rafael Magalhães Angrisano. **Entrepalavras**. Fortaleza, v.7. p. 571 - 591, jan./jun. 2017.

CHRISTO, Maraliz de Castro Vieira. **A Europa dos pobres**: a *belle-époque* mineira. Juiz de Fora: EDUJF, 1994.

COELHO, Edmundo. **As profissões imperiais**: medicina, engenharia e advocacia no Rio de Janeiro (1822-1930). Rio de Janeiro: Record, 1999.

CONLIN, Jonathan. **Histórias de Duas Cidades**: Paris, Londres e o nascimento da cidade moderna. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

COSTA, Emília Viotti da. **Da monarquia à república**: momentos decisivos. 7. ed. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

CUNHA, Euclides da. A Esfinge. In: **Contrastes e Confrontos**. Rio de Janeiro, Record, 1975. Disponível em <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/_documents/0042-01172.html>. Acesso em 22 mar. 2020.

ESTRADA REAL. Disponível em: <http://www.institutoestradareal.com.br/>. Acesso em 14 fev. 2020.

FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (Orgs.). **O Brasil Republicano**: o tempo do liberalismo excludente – da proclamação da República à Revolução de 1930. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2003.

FERROVIAS DA LEOPOLDINA. **Mapas ferroviários de 1898**. Disponível em: <http://vfco.brazilia.jor.br/ferrovias/mapas/1898redeEFL.shtml>. Acesso em 28 jan. 2020.

FREITAS, Marcus Vinícius de. Humor na poesia de Belmiro Braga. **O Eixo e a Roda** - Revista de Literatura Brasileira, v. 22, n. 2, 2013. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/5381>. Acesso em: 21 dez. 2019.

GOODWIN Jr.., James William. **Cidades de papel***:* imprensa, progresso e tradição - Diamantina e Juiz de Fora (1884-1914). Belo Horizonte: Fino Traço, 2015.

HARVEY, David. **Paris, capital da modernidade**. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/carangola/historico>. Acesso em: 20 out. 2018.
LENDA DA PRINCESA ARDINIA. Disponível em: <https://www.outrostempos.com/lenda-da-princesa-ardinia>. Acesso em: 02 fev. 2020.

LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. **Recordações do escrivão Isaías Caminha**. Rio de Janeiro; Belo Horizonte: Livraria Garnier, 1989.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela P.; MACHADO, Anna R.; BEZERRA, Maria A. (Orgs.) **Gêneros textuais e ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

MARI, Hugo; MACHADO, Ida Lucia; MELLO, Renato de. **Análise do discurso**: fundamentos e práticas. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso - Fale/UFMG, 2001.

MERCADANTE, Paulo. **Crônica de uma comunidade cafeeira***:* Carangola - o vale e o rio. Belo Horizonte: Itatiaia, 1990.

MEYER, Marlise. **Folhetim**: uma história. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MOEDAS DO BRASIL. Disponível em: <http://www.moedasdobrasil.com.br/moedas/reformas.asp>. Acesso em: 29 set. 2019.

MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell (Orgs.). **O jornal**: da forma ao sentido. Brasília: Paralelo 15, 1997.

NEEDELL, Jeffrey D.. ***Belle époque* tropical**: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

NEVES, Margarida de Souza. Os cenários da república: o Brasil na virada do século XIX para o século XX. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Org.). **O Brasil republicano***:* o tempo do liberalismo excludente – da proclamação da república à revolução de 1930. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2003.

OLIVEIRA, Mônica Ribeiro de. **Negócios de família**: mercado, terra e poder na formação da cafeicultura mineira (1710-1870). Bauru-SP: EDUSC, 2005.
ORIGEM DA PALAVRA. Disponível em: <https://origemdapalavra.com.br/palavras/comorbidade/>, acesso em: 26 dez. 2019.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Discurso, imaginário social e conhecimento. **Em Aberto**, Brasília, ano 14, V. 1, n. 61, jan./mar.1994.

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo***.* 3. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

PESSOA, Sônia Caldas**. Imaginários sociodiscursivos sobre a deficiência**: experiências e partilhas. 1. ed. Belo Horizonte: Selo PPGCOM / O Lutador, 2018.

PIMENTEL, Eduardo Francisco. **Museu Municipal***:* memória, história e identidade - o museu municipal de Carangola – MG. 2016. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio), Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

PIRES, Anderson. Crédito e finanças em uma sociedade cafeeira. **História e economia**, v. 4, n. 2, p. 221-247, 2008.

SALDANHA, Flávio Henrique Dias. Vigiar, proteger e defender a nação: guarda nacional, exército e a formação do Estado imperial brasileiro. In: **Anais do XVIII Simpósio Nacional de História**. Florianópolis: ANPUH, 2015. Disponível em: <http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1434210233_ARQUIVO_ComunicacaoAnpuhSCFlavioSaldanha.pdf>. Acesso em: 31 dez. 2019.

SANTUCCI, Jane. **Cidade rebelde**: as revoltas populares no Rio de Janeiro no início do século XX. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2008.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930). São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SECRETARIA MUNICIPAL DE TURISMO. Florianópolis-SC. Disponível em: <http://www.pmf.sc.gov.br/entidades/turismo/index.php?cms=historia&menu=5>. Acesso em: 12 fev. 2020.

SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: SEVCENKO, Nicolau (Org.). **História da vida privada no Brasil**: república: da *belle époque* à era do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. (História da Vida Privada no Brasil, v. 3). p. 513-619.

SILAMI, Maria Francelina; DRUMOND, Ibrahim. Primeiras luzes nas letras. In: **Revista do Arquivo Público Mineiro**. Belo Horizonte: Arquivo Público Mineiro, v. 44, faz, 1, jan./jun. 2008, p. 56-71. Disponível em: <http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/rapm/brtacervo.php?cid=1045&op=1>. Acesso em 28 nov. 2019.

SILVA, Antonio de Moraes. **Diccionario da Lingua Portugueza**. 7. ed. (melhorada e muito acrescentada, tomo II: F-Z). Lisboa: Typographia de Joaquim Germano de Souza Neves, 1878. Disponível em <http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=bibobpub&pagfis=12881>. Acesso em 30 dez. 2019.

SILVA, Antonio de Moraes. **Diccionario da Lingua Portugueza**. 8. ed. (rev. e melhor. Vol. I: A-E). Rio de Janeiro: Empr. Litteraria Fluminense; Lisboa: Adolpho Modesto, 1890. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/242523>. Acesso em 30 dez. 2019.

SILVA, Arthur Vieira de Resende e. O município de Cataguazes: esboço histórico. In: **Revista do Arquivo Público Mineiro**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais, v.13, 1908, p. 641-1028. Disponível em: <http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/rapm/brtacervo.php?cid=542&op=1>. Acesso em 19 dez. 2019.

SILVA, Douglas Pereira da. Guarda Nacional e sua importância histórica: das origens ao surgimento e crescimento das Polícias Militares. In: **Jusmilitaris**, 2018. Disponível em: <http://jusmilitaris.com.br/sistema/arquivos/doutrinas/guarda_nacional_.pdf>. Acesso em 31 dez. 2019.

SILVA, Eduardo. **As camélias do Leblon e a abolição da escravatura**: uma investigação de História Cultural. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SILVA, Paula Francineti da. **A coluna social como gênero de fofoca**. Tese (Doutorado em Literatura). Brasília: Universidade de Brasília, 2010.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

VEIGA, José Pedro Xavier da. **Efemérides Mineiras**: 1664-1897. 2 v. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1998.

VENTURA, Roberto. Euclides da Cunha e a república. **Estudos avançados**, São Paulo, v.10, n.26, p.275-291, Abr. 1996. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010340141996000100024&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 22 mar.2020.

ZILBERMAN, Regina. Leitura literária e outras leituras. In: BATISTA, Antônio Augusto Gomes; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira (Orgs.). **Leitura**: práticas, impressos, letramentos. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

Anexos

TABELA 01 – Exemplares de *O Radical*

Nº 01	03 de setembro de 1891
Nº 03	17 de setembro de 1891
Nº 09	29 de outubro de 1891
Nº 10	05 de novembro de 1891
Nº 11	12 de novembro de 1891
Nº 12	19 de novembro de 1891
Nº 14	03 de dezembro de 1891
Nº 15	10 de dezembro de 1891

TABELA 02 – Exemplares de *O Rebate*

Nº 07	25 de maio de 1893
Nº 08	01 de junho de 1893
Nº 09	08 de junho de 1893
Nº 11	22 de junho de 1893
Nº 12	29 de junho de 1893
Nº 13	06 de julho de 1893
Nº 14	13 de julho de 1893
Nº 15	20 de julho de 1893
Nº 16	27 de julho de 1893
Nº 17	03 de agosto de 1893
Nº 18	10 de agosto de 1893
Nº 19	17 de agosto de 1893
Nº 20	24 de agosto de 1893
Nº 21	31 de agosto de 1893
Nº 22	07 de setembro de 1893
Nº 23	10 de setembro de 1893
Nº 24	14 de setembro de 1893

Nº 25	17 de setembro de 1893
Nº 26	21 de setembro de 1893
Nº 27	24 de setembro de 1893
Nº 28	01 de outubro de 1893
Nº 29	05 de outubro de 1893
Nº 31	12 de outubro de 1893
Nº 32	15 de outubro de 1893
Nº 33	19 de outubro de 1893
Nº 34	22 de outubro de 1893
Nº 35	29 de outubro de 1893
Nº 36	02 de novembro de 1893
Nº 37	05 de novembro de 1893
Nº 38	09 de novembro de 1893
Nº 39	26 de novembro de 1893
Nº 40	30 de novembro de 1893
Nº 41	03 de dezembro de 1893
Nº 42	07 de dezembro de 1893
Nº 43	10 de dezembro de 1893
Nº 44	14 de dezembro de 1893
Nº 45	17 de dezembro de 1893
Nº 46	21 de dezembro de 1893
Nº 47	28 de dezembro de 1893

Imagem 1 – *O Radical*, nº1, p.1. 3 de setembro de 1891

O RADICAL

REDACTORES DIVERSOS

PROPRIEDADE DE UMA ASSOCIAÇÃO ANONYMA

. Anno I | Assignaturas ANNO ..... 3$000 SEIS MEZES ..... 2$000 | Carangola, 3 de Setembro de 1891 | DIRECTOR ABEILARD G. DE CASTRO | N. 1

BIBLIOTECA PUBLICA "21 DE ABRIL" CARANGOLA - MG

EXPEDIENTE

Numero avulso 200 reis.

Annuncios dos assignantes, 60 reis por linha, dos não assignantes, 120.

Publicações diversas o que se convencionar.

Não se restituem autographos de artigos ou escriptos, quer sejão ou não publicados.

Assignaturas, bem como quasquer outras publicações, serão pagas adiantadas.

Ficão considerados nossos assignantes, todas as pessoas que receberem o primeiro numero desta folha e não devolverem logo.

A importancia das assignaturas podem ser remettidas por carta registrada a esta Redacção, já decontando o porte do correio.

O RADICAL

Tomamos a responsabilidade d' *O Carangola*, chrismando-o como titulo acima — *O Radical*.

Incumbindo-nos dessa tarefa tomamos a firme resolução de seguir pari passo o anterior programma estabellecido, para o extincto *Carangola*. Conhecemos, e antecipamos em dizer, que não temos os dados necessarios para o devido desempenho da grande tarefa, que nos pezar; porem premunidos da boa vontade e secundados pelos illustres redatores que, tanto concorrerão para o brilhantismo d' *O Carangola*, temos esperança que, pouco nos faltará para preencher as lacunas de que nos sentimos baldos.

Em todo caso temos como base: Louvar a virtude; elevar o merito, e anathematisar o vicio. O que fôr de Cezar daremos a Cezar; nunca deixaremos em olvido, o merecimento provado de cada um dos representantes do nosso municipio, porque, principalmente hoje, que entramos em um novo regimem e que temos de nos submeter a autonomia municipal, é dever de todos e mais da imprensa local, discutir as cousas e estudar as pessôas, para que assim possa, cada um compenetrar-se de seos deveres e conhecer a importancia do lugar que lhes é confiado. Assim procedendo, com toda a imparcialidade, com a calma necessaria e maior isempção de espirito, embora muita vez, a verdade tenha de offender a quem quer que seja, o faremos com a maior franqueza, em vista do programma que temos assignado.

Se é nosso dever salientar e elevar o merecimento pessoal de cada um cidadão, de cada um dos nossos mandatarios, tão bem será ordem do mesmo dever, castigar os erros commettidos por aquelles que tem a seu cargo, o destino do municipio.

Por outro lado protestamos acrecmente contra as mesquinhas questões pessoaes, abandonando ao completo desprezo os odios particulares.

Entretanto cumpre-nos fazer publico que apartamos unicamente do programma acceito na parte que diz-se imparcial e desligado de questões politicas; porquanto defendemos com todas as nossas forças o actual regimem republicano, commungando in totum os dogmas estabelecidos.

Assim manifestado o nosso programma, esperamos todo auxilio dos nossos concidadaes, concorrendo assim comnosco, para o real engrandecimento da nossa patria commum e particularmente do nosso municipio.

NOTICIARIO

Sorteio para a terceira secção do Jury deste anno

CIDADE

José Lucindo de Assis, Hilario Augusto Machado, Antonio Avelino Ferra, Francisco da Costa Carvalho, Do'. Alvaro M. B. O. Lima, Joaquim Honorio Perdigão, José Bernardes Silva Roza, Saint-Edme Pereira de Souza, Antonio Gomes de Carvalho, Jeronymo Simões Coimbra, Do'. Antonio José Vieira Machado, Vicente Ferreira Gomes.

TOMBOS

José de Souza Romano, João José Pereira Damaceno, João M. da Silva Carvalho, Emilio S. C. de Goveia, Theophilo Gonçalves Ferreira, Matheus Texeira de Siqueira, Augusto Miz. de Oliveira, Joaquim Affonco Vieira Marques.

S. FRANCISCO

José Manoel da Silva, Sebastião Carlos Pereira.

DIVINO

José Ferreira Abreu, Francisco Lino Frossard, Israel Dornellas Costa, Sebastião José de Assis, Joaquim Nunes de Oliveira, Antonio Miz. de Moura.

F. LEMOS

Honorio Dias Ferraz, Joaquim José de Souza, José Pinheiro Amorim, Francisco José Maria, Pedro Pinheiro de Lacerda, Domiciano Texeira de Siqueira, Pedro José de Souza.

S. SEBASTIÃO

João Gomes de Oliveira, Antonio Peixoto Lacerda Maia, Francisco Vargas Correa Filho, Antonio de Paula Dutra, Andre Avelino Araujo Lima.

« A Opinião »

Esta é a denominação do contrado que appareceu na nossa feliz terra; o apparecimento desse orgão, muito concorrerá para os destinos da patria, por isso mesmo que a sua frente se achamcollocados os illustrados cidadaos Revm'. Padre Candido de Cerqueira e o advogado Salermo F. Barboza que alem de serem dotados de uma força de vontade invejavel, a par de assiduidade ao trabalho, são possuidores de inteligencia lucida e clara; de sorte que a priori podemos afirmar, como o fazemos, que *A Opinião* será um grande athleta na arena das lettras.

Saudando, portanto a esse nosso companheiro de trabalho, desejamos-lhe longa vida e merecidas felicidades.

Chegada

Acha-se entre nos o nosso amigo e distincto medico o Dr. Joao Nepomoceno Corrêa, vindo da Capital Federal.

Comprimentamos ao recenvindo e damos parabens ao nosso co-municipes pela feliz acquisição do retorno do Dr. Corrêa porque alem de possuir-mos entre nos um cavalheiro de fino trato, muito importa para todos o seu grande conhecimento profissional, que sem duvida é mais uma garantia aos que necessitarem de seus serviços.

Outro

Consta-nos que brevemente estará entre nos o nosso amigo o Dr. Alvaro M. de Barros Oliveira Lima, ex-governador do Piauhy, e que com sua Exma. familia se acha na Capital Federal.

Anciozos esperamos o momento em que nos será restituido esse nosso distincto concidadao.

Variola

Tendo-se manifestado o caso de variola em um enfermo da casa do Capitao Americo Bento Machado, grande commerciante da nossa praça, extinguio-se essa cruel epidimia com a morte do enfermo, devendo-se a extincção do mesmo em primeiro lugaras providenciasto madas pelo Cp'e. Americo e depois pela Intendencia Municipal, de sorte que com segurança podemos noticiar que felizmente acha-se extincta a epidemia, porque são decorridos mais de 15 dias do fallecimento do unico que se achava atacado.

Constra-nos que a bem do serviço publico foi demettido Manoel Fulgensio de Lemo, o 3°. Supplente de Sobdelegado do Divino deste termo e em seu lugar foi nomeado o cidadão Antonio Gomes Pereira Geraldo.

Parabens pela acertada escolha.

De volta

Da capital do estado voltaram o Dr. Promotor Publico o illustrado cidadao Luiz Gonzaga da Silva; e o provecto intendente Capitão Lucas Evangelista de Salles que foi raquella cidade afim de receber a importancia destinada pelo ex-ministro do interior para o saneamento desta cidade, que, com certeza, essa quantia applicada de maneira a extinguir-se as causas que podem traser o mal aos habitantes desta tão prospera cidade.

Illuminação

No dia primeiro do corrente fomos dispertados pelo troar de uma grossa foguetaria e mimosiados pela banda de musica da companhia e questtre--Flor da Mocidade--que percorria a rua 15 de Novembro em inauguração da illuminação da referida rua, e se acha hoje com esse grande melhoramento, devido a enciativa dos benemeritos cidadãos, Costa Guimarães & Comp. Fraga Gomes, Avilino Guimarães, Francisco Leite, Alvaro Pereira, Maciano de Paula e Raymundo de Laperriere, que cançados de esperarem pela illuminação publica resolveraõ illuminar a rua que reside acusta propria. Custa-los fazer porem é certo, que tem sido demasiado a paciencia dos Intendentes conservando as ruas da cidade em profundas trevas.

A illuminação publica é um daquelles melhoramentos que deveria ter occupado os cuidados da intendencia, porque é uma necessidade palpitante. Por certo agora teremos a illuminação publica, porque para estimulo bastão o procedimento dos cidadaos já referidos que não pouparão sacrificios afim para que obtivessem uma illuminação no centro mais populoso e commercial da nossa esperançosa cidade.

Senhores intendentes, por nossa vez cumpri-nos lembrar-vos que deveis procurar vencer energia para que possais bem administrar aos nossos contribuintes.

Luz, Luz, e Luz.—

E' Muito boa

Consta o *Paiz* que um professor publico e subdelegado da villa de Santa Theresa do Matto Dentro, no estado de Minas, apoz a revolução de 15 de Novembro de 89 mudou o seu nome de Feliciano Cordeiro da Graça do Imperador para Feliciano Felecissimo Deodoro da Fonseca Republicano dos Quatros Costados Parataclins Toqueohymno.

Si não é grossa pilheria é caso para se exclamar; « Adhemar » deveras, caramba.

O corpete

Esse corpete maldito,
De veludo e de setim,
E' um formento infinito,
E' uma supplicio p'ra mim.

I. 2 – *O Radical*, nº1, p.2

Nada vejo infelizmente,
Mas advinho, comtudo,
Quanto por traz do veludo
Rijos lutam, fortemente,

Dous bellos encarcerados,
Que o negro panno comprime,
Como sendo acaso um crime
O serem tão cubiçados.

E' tal o esforço que fazem
Esses dous presos mimosos,
E contra o panno, raivosos,
Com tanta furia reagem.

Que a compaixão me prendeu
A [illegible] feiticeiros
[illegible] desses dous prisioneiros
[illegible] prisioneiro sou eu.

Tres por vez

O Radical—*Uma queixa—Um parenthese por 15 dias*—

É este o primeiro numero d'*O Radical* que vem encher uma grande lacuna aberta em nossa sociedade com o desapparecimento d'*O Carangola*. Oxalá que a sua vida seja mais longa do que a de seu antecessor, e que um futuro não menos risonho, seja a melhor recompença as fadigas e decepções que porventura possam surgir nessa estrada tão cheia de flores e de urzes tão crivada!

* * *

Uma queixa, alias interessante; faz-me deixar outros assumptos, e encaichal-a aqui—Queixam os moradores da rua de Cima (uso deste termo para melhor comprehenção) das injustiças constantes de que são victimas—«Dizem elles, nós que tambem somos carangolenses, que tambem pagamos direitos e que, como os outros, respeitamos as authoridades da Comarca, não sermos contemplados com certas cousinhas boas que só teem direito os lá de Baixo, os previlegiados, é uma enjustiça ainda maior do que o nosso Fiscal!—Luz—só tem luz os felizardos do Hotel Fraga ao Largo da Matriz! — Musica, só tem musica os magnãos da rua do Commercio, n' uma rua onde os Pleyel são contadas as duzias! Veem — violinistas — prá rua do Commercio; chegam saxophonas e guitarras p'ra rua do Commercio; desembarca o grupo do Domingos, o grupo dos maviosos, como já disse um discipulo de Minerva, pro Commercio da rua! Quanta injustiça!... Reunamo-nos e uma queixa, já, incontinente, neste momento—O não má Ventura incumbe-se de aranjar assignaturas e o Vinho bom seguirá pelo primeiro nocturno do dia e irá a Mariana apresental-a... ao bispo».

Assim, sim.

* * *

Comquanto moroso bastante, já está se tornando limpido o horisonte que por tão longos dias pairou por sobre a nossa aprazivel Carangola. Esta phase não foi mais do que um parenthese na sua vida de reboliço, de risos e de agitações—Aquelle *charivari* quotodiano, de sua propriedade unica e exclucivamente, a chegada do trem, a que estavamos tão habituados, começa de novo, e parece-me que mais crescente, e mais confuso do que antes dessa parcisia que tão fundo abalou a nossa sociedade—um caso de variola em seu seio, que, graças as providencias tomadas pela Intendencia e distiuctos cidadaos —não passou, felizmente, d'ali.

Os espiritos acalmão-se e animação recrudece—As palestras familiares e os passeios campestes interrompidos, começam a entrar no seu premitivo costume; das ruas, tão pouco transitadas, foi se aquelle aspecto [illegible]—A Carangola enfeita-se de novo, e de novo torna a sua vida de reboliço, de risos e de agitações.

Romel.

Deus e pôvo

O autor dos *Direitos e Deveres dos Homens*, Mazine, não viveu bastante para ver realizado o seu ideal politico, no Brazil.

No dia 15 de Novembro de 89, por obra de poucos homens mas verdadeiros amigos desta liberdade baseada sobre o principio *Deus e povo*, faz se a Republica!

Persistira ella?

O povo ainda inexperiente deixar-se-ha outra vez mystificar pelos inimigos da liberdade e da sua grandeza?

Catholicismo e Monarchia era o motte de outr'ora; *Deus e povo* é o motte de agora.

Mas quem é o povo?

O povo é aquelle que do trabalho tha a sua subsistencia, e forte por ter cumprido os seus deveres para coma sociedade, sente-se indomito para exigir os direitos de liberdade e independencia.

Quem não trabalha é parasita. Para este não ha ideal politico, só lhe serve a mentira, os abusos de toda as qualidades, quando estes lhe rendem para sustentar sua falsa e *não justificada existencia*.

Os reis trabalham? Não!! Entretanto não produzem. Planta parasita!

Os padres trabalham? Sim. Pregam principios em nome de uma religião que Deus não autorizou nunca e agem em seu nome.

Nunca os povos se esquecão que os *preconceitos e as superstições* são a vanguarda dos previlegios.

Deus assim o quer (dizem elles) *seja feita a sua vontade*. Mentira!

Deus nunca quiz o mal dos homens; então não seria Deus.

O povo não deve esquecer que os homens constituem uma só familia.

Religiões, governos, nacionilidades, raças, etc, não passam de invenções dos inimigos da liberdade.

Os trabalhadores e productores da riqueza publica são todos irmãos, e filhos da mesma mãe a—Egualdade social.

As divisões só servem para fazer a humanidade infeliz!

Divide e impera—eis o motte dos reis e dos amigos de Roma.

Deus e povo, portanto, é o emblema do estandarte, que a liberdade faz fluctuar por cima da cabeça dos povos.

Ao seu redor estejam os intrepidos soldados da democracia para fazerem frente aquelles que acham-se ao serviço do obscurantismo e do privilegio.

Um homem livre vale por cem escravos.

Os soldados pouco não se contão; o valor vale mais que o numero; e o valor é filho da convicção do homem das proprias acções retas e honestas.

Enfim, o povo não esqueça que a *liberdade* e a mãe da *egualdade* social; *valor* e *abnegação* são as virtudes que as alimentem.

Conquista-se com o *valor* e aspira-se com a *abnegação*.

Tiradentes, Badaró, o mil outros, glorificaram a vida sobre o cadahalso; Christo deixou-se morrer na cruz.

Deixaremos nós matar as nossas liberdades e insultar os nossos martyres?

Teremos medo da lucto? *Não! Deus e povo* é o nosso lemma.

Avante!!!

Trabalhemos pela liberdade!

(Ex)

Alimentação

Dois são os fins que se devem procurar attingir na alimentação humana:

O conforto e a satisfação.

Ambos podem ser grangeados pelos mesmos meios; uma escolha sufficiente das materias primas, e uma preparação ajuizada destas materias.

Se as donas de casas comprehendessem bem a importancia que tem na vida familiar esta parte de seu ninio, cuidarião com o maior zelo na alimentação caseira, não deixarião a pretendidos cozinheiros que nem sempre tem pelo menos o asseio necessario á tão importante trabalho, o encargo de tão delicado assumpto.

E, na verdade, a mór parte das senhoras contentão-se em dizer á cosinheira: vá comprar batatas, hortaliças, etc. etc., a cosinheira obedece, dirigi-se ao acougue, e, guitanda, pede o que quer, não olha para o que lhe serve e volta para a casa.

Abi cosinha, bem ou mal, o mais das vezes mal, o que comprou e quando chega a hora do jantar o senhor queixa-se que a carne é dura como um couro de boi, as batatas que estavão geladas tem um sabor acre que se estendeu a todo o ensopado, as hortaliças murchas e mal avadas tem um gosto de poder e nêné queixa-se que as bananas maçãs estão cheias de pedras.

Finalisa o jantar por uma discussão, a senhora está zangada, ralha com a cosinheira, que descarrega-se das culpas sobre o carniceiro, o vendeiro, etc., e jura que não irá mais comprar naquella casa; o senhor que jantou mal, peca no chapeo, e sahe aborrecido, dirige-se ao club, onde, si a occasião se apresentar, aceitará uma boa ceia que lhe fará esquecer o jantar.

Nêné choraminga toda a tarde, pedindo café antes de se deitar, e a mamãi aniuada ralha com todos.

E portanto, todos esses desgostos que desligam as familias, desapparecerian si a dona da casa tivesse ido em pessoa, como se pratica da Europa, a fazer suas compras e voltado para a casa tivesse cuidado de seu jantar, não exigindo da criada que sua pouca habilidade e intelligencia não lhe permittem fazer, e servindo-se unicamente della para os serviços mais grosseiros, como carregar a cesta das compras, accender e vigiar o fogo, limpar a cosinha, etc.

Vereis então, minha senhora, com que prazer vosso marido, depois de ter tomado um refeição simples talvez, porém certamente reconfortante e agradavel, ficará em casa a fazer brincar o vosso filho, alegre tambem, e vos pedirá uma das arias que sabeis tocar ou cantar tão suavemente.

Assim passarão tardes agradaveis e quando vos recolherdes á noite, com que prazer podereis dizer:

—Empreguei bem o dia, fiz a felicidade dos que me são caros.

Mangericão

O mangericão é uma planta da familia das labiadas, cujas folhas são muito aromaticas. Ha algumas variedades:

Mangericão de Ceylão (*ocimum gratissimum*) mangericão maior anizado (*ocimum brazilicum anezatum*); mangericão menor ou ordinario (*ocimum minimum*).

Receitas

SALGA DE CARNE

A melhor mistura para salgar carne é a seguinte:

Sal quatro libras; nitro uma onça; assucar seis onços; tudo muito bem preparado; esta mistura dá a carne um gosto agradavel, e faz que cozinhe melhor do que sendo guardada com sal.

CONSERVAÇÃO DA COLLA

Acontece ás vezes que a colla liquida se corrompe nos climas quentes como o nosso.

Basta para remediar este mal, misturar com ella pequena porção de alcool de 36 ou 40 graos.

LEITE PURGATIVO

Leite de vacca bom 120 grammas, assucar 15 grammas, agua de louro-cereja 3 grammas, scammonea de Alepo 20 centigrammas.

Mistura-se bem e faça-se tomar a criança em uma ou duas doses, com pequeno intervallo.

VINHO FALSIFICADO

Deite-se n'um copo pequeno porção do vinho suspeito, ao qual se junta dobrada porção de agua de sal.

Os liquidos assim misturados tomam a côr e a verdade se o vinho não contem fuchina nem outras côres extrahidas do carvão; no caso contrario, isto é, se o vinho contem fuchsina, a côr vermelha conserva-se por algum tempo e tanto mais forte quanto maior for a materia corante que o vinho contiver.

DIVERSÕES

De perfeito acordo, meu futuro sogro; mas disse-me o senhor que sua filha tem um defeitinho physico?

—E' exacto; cousa insignificante!

—Diga-me o que é?

—Está gravida.

Entre advogados:

—A razão está do meu lado; veja. Olhe que estou a cavallo no codigo.

—Pois faz muito mal em montar a cavalgadura que não conhece.

Numa agencia de criados de servir.

Apresentam a um sujeito uma rapariga do campo, um pouco ingenua, para os seus dezesseis annos.

—Que sabes fazer? perguntam-lhe.

Posso tratar de creanças, ser cosinheira, ama.

—Ama? Então já é mãe.

—Ainda não, mas posso aprender.

I. 3 – *O Radical*, nº1, p.3

O RADICAL

Entre sogra e genro:
—Eu te prometo, e tenho fé, que ainda ei-de ver-te nas grades de uma cadêa!
O genro, muito fleugmatico responde:—depois que eu te cortar a cabeça.

—

Peculio da pratica

.·.

A conta, o peso a medida,
sejam primo em tua vida.

.·.

Educa teos filhos com preceito
Que a dosgostos não estarás sugeito.

.·.

Guarda a ourina do teo gado,
Que ella é bom auxilio do arado.

.·.

Escolhe bem o reproductor,
Se desejas producto de valor.

.·.

Prende teos filhos ao serão
Da moral e do dever da-lhes licão.

.·.

Quem se apressa no colher
Terá que chorar e perder.

.·.

Pouca uva e muita parra,
Si fizeres como a cigarra.

Mosaico

.·.

A decomposição das materias organicas tem por principal producto o acido carbonico.

.·.

Ubá ou canna brava é uma graminea do gedero *Gynericum*, da qual os fogueteiros se utilisam, tirando-lhe as flechas.

.·.

O capim pé de gallinha (*cynodon dactylon, Pers*) é excellente forragem, resistentente, exigindo, porém, bastante trato.

.·.

Um acre de terreno plantado com coqueiros da India (coco da Bahia) produz na média 6000 por anno.

.·.

As estacas obtidas de lenho leve, e que sejam leitosas, reproduzem-se mais facilmente que quaesquer outras.

.·.

No decennio de 1880 a 1889 entraram nos diversos portos do Brazil 424,535 immigrantes de varias nacionaridades.

ALFORGE DA MORAL

Quem nada merece contenta-se com pouco.

—

Bemdize a Deus pelo que tem e confia em Deus pelo que falta.

—

Se não podemos conformar nosso estado com os nossos desejos, procuremos conformar os nossos desejos com o nosso estado.

—

Se um homem não se conforma com seu estado actual, tão pouco fará com o estado que anhela.

—

Reprehender pequenas faltas com excessiva vehemencia é tao absurdo como sacudir um martello na cara de um amigo para espantar uma mosca.

Se golpeiares a casca das arvores novas, facilitarás seu desenvolvimento.

.·.

A publicação da *Flora Brazileiensis* foi iniciada pelo contracto feito a 17 de Setembro de 1868, entre o Dr. Martins e o governo imperial do Brazil.

.·.

As raças de gado vaccum que mais se distinguem pela producção lactifera são as Bern, Simmenthal, Algovia, Limpurg e Hollanda.

.·.

O maior centro productor da resina de pinho em França, é o departamento dos Landes.

.·.

No cavallo a *corysa* toma algumas vezes o caracter gangrenoso.

.·.

No estado do Rio de Janeiro e na da Bahia brota expontaneamente a preciosa graminea, conhecida no primeiro pelos nomes de *grammiha* e *gramma miuda* e no segundo pelo de *mate-me embora*.

DIAS DA SILVA JUNIOR.

SOLICITADAS

Autoridade modelo

Em Tombos do Carangola, foi dada uma queixa, por crime de damno, ao Subdelegado de Policia, que promoveo o summario de culpa e pronunciou o réo nas penas do art. 330 do Cod. Crim. isto é impondo a pena de um mez de prizão e multa de 20,/" sobre o damno cauzado, e para dar cumprimento e execução a sua sentença mandou logo intimar o réo, que abysmado de tal monstruosidade correo a esta cidade e requereo e obteve o recurso de abeas corpus.

Pelo que acabamos de expor podemos asseverar que essa autoridade não tem ao menos senso commum, porque si o tivesse deveria ao menos imaginar que esse procedimento iria de encontro ao que se passa no trato da vida material; por isso mesmo que poderia essa autoridade ver que não assistio ao menos a execução de uma sentença de tal ordem de outra autoridade de geral cathegoria.

Ou tal aconteceo, querendo esse Subdelegado tornar-se mais saliente do que os seos antecessores por e observar que elles nunca chegarão a pronunciarem por desidio atirando esse trabalho para os juizes municipaes.

Seja como fôr, parece que esse Subdelegado não está na altura do cargo que occupa por faltar com franqueza o senso commum. Em todo caso esperamos pelo procedimentos das autoridades superiores.

De um assignante.

Snr. Redactor

Por mais imparcial que seja qualquer cidadão não pode deixar de levar a luz da publicidade certos e determinados acontecimentos, quando interessão a garantia social e individual de cada um dos membros da sociedade.

Assim é que nos suburbios desta cidade deu-se o importantissimo facto de tentativa de morte contra Jeronymo de tal, e segundo consta, [illegible]-se esse acontecimento nas tres [illegible] que tivesse havido provocação alguma para punição do seu [illegible].

[illegible] certo que o paciente é um individuo proletario, sem educação [illegible] merecimento pessoal, mas [illegible] a Lei deve existir a igualdade [illegible] consagrada pela nossa constituição; trata-se da punição de um [illegible] crime, e um agente perigoso, e não se deve procurar saber [illegible] seja a victima.

O celebre [illegible] José Alves, bem conhecido por suas acostumadas façanhas, reo de policia nesta cidade, não pode ficar impune, mormente por um facto que teve lugar a vista de todas as autoridades locaes.

Si esse estado de couzas não melhorar, caminhamos para um inevitavel abysmo. Por certo que o cidadão pacifico e obdiente as leis deve temer-se de viver entre uma sociedade, onde existem homens que não trepidão tirar a vida do seu semilhante, levando a certeza da impunidade de seus actos.

Peço Sr. Redactor, para enserir esta reclamação em seu conceituado jornal, pois que se promove a punição de tão grave attentado.

Carangola, 27 de Agosto de 1891.

O Imparcial.

Commercio

O abaixo assignado representante da importante Companhia Agricola e Industrial Fluminense, da qual é gerente o cidadão José João Torres; Presidente Visconde de Lima Duarte; Vice-presidente, Commendador A. Eloy da Camara Doutor Joaquim Francisco Simões Corrêa.

Doutor José Maria Moreira e Honorio Lima; vem por meio desta annunciar ao Respeitavel Publico especialmente aos agricultores que esta Companhia tem a competencia para bem servir a todas as pessôas que se dignarem a protegêl-a com suas freguezias, assim pois tudo quanto fizerem a esta Companhia, fazo abaixo assignado elevados serviços. Esta Companhia é montada na Capital Federal a Rua 1º. de Março 117. Onde tem o capital necessario para as tranzações de café e mais generos do Paiz.

Santa Luzia do Carangola, 8 de Julhode 1891.

DOMICIANO TEIXEIRA DE SIQUEIRA.

Ao Commercio

Fraga & Moreira, communicam ás pessoas a quem possa interessar que a partir desta data deixaram de continuar com negocio d'hotel que tinham nesta Cidade e pedem a seus devedores para auxilial-os com a importancia de seu debito declarando ao mesmo tempo que o cargo do socio José Fraga Gomes ficam os compromissos do Passivo e direitos sobre o Activo.

Minas

Santa Luzia do Carangola

— A Praça —

Fraga & Moreira, proprietarios do Grande Hotel Estados Unidos do Brazil, nesta cidade, participam a esta praça e a do Rio de Janeiro, que a contar do dia 1º. do vigente, deixou de fazer parte de sua firma commercial, o socio Francisco José Moreira Sabido, pago e satisfeito de todos os seus haveres, ficando o socio José da Fraga Gomes, responsaval por todo o activo e passivo da referida firma.

Santa Luzia do Carangola, 10 de Junho de 1891.

José da Fraga Gomes

Francisco José Moreira Sabido

Carangola

Francisco José Moreira Sabido tendo de retirar-se para a Capital Federal no proximo dia 6 do corrente, por motivos de doença em sua familia, approveita o ensejo de agradecer as attenções, que em geral lhe tem dispensado todas as pessoas desta cidade e despede-se penhorado de todos especialmente de seus amigos que o descongrão de não ir pessoalmente apresentar seus respeitos e offerecer seus serviços.

Por feliz se dará podendo ser util às pessoas de sua amizade na Capital ao Largo do Rozario n. 10 ou Quitanda 112 onde pretende ir residir.

Com sua ausencia fica encarregado de seus negocios o seu cunhado e amigo José Fraga Gomes com quem se entenderá qualquer pessoa que se julgue seu credor.

Santa Luzia, Julho de 1891.

SOICKONNY

COLLEGIO

PARA MENINAS

Em Tombos do Carangola

Regido por

D. Maria Honorata da Conceição

PREÇOS

Externas leitura e trabalhos 4:000
Internas leitura e trabalhos 15:000
Internas leitura trabalhos, roupa lavada e engommada.....20:000

TIJOLOS

Vende-se tijolos bem fabricados a 18$000 o milheiro na grande fabrica

DE TIJOLOS A VAPOR

DE

Orozimbo Pereira de Souza.

Mariani, Ramos & C.

commissarios de generos nacionaes

Rua Municipal 12

CAIXA DO CORREIO 995

RIO DE JANEIRO

REPRESENTANTE

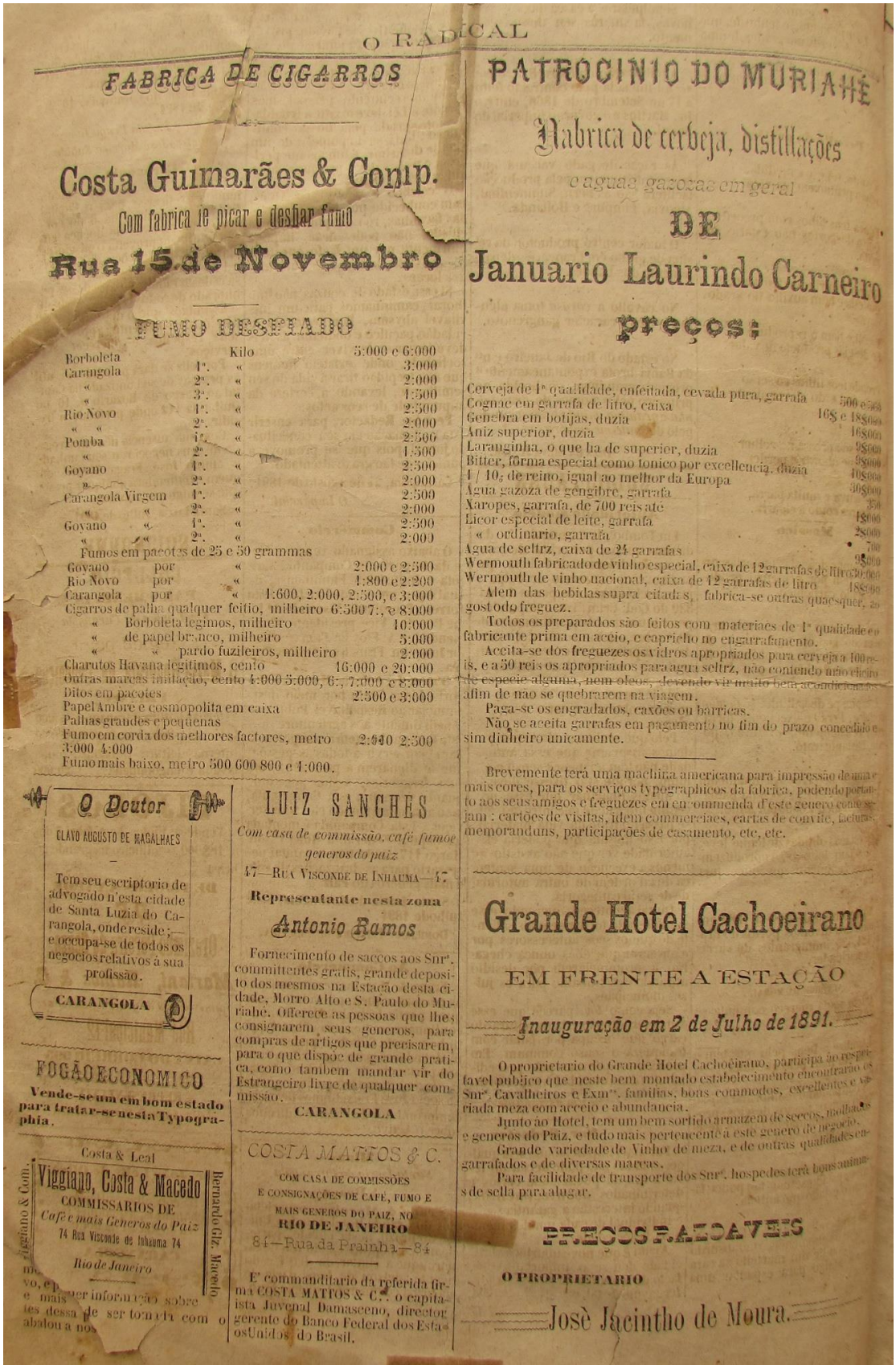
Luiz Antonio Pereira Bravo

Dr. João Leite de Oliva

Dá consultas e attende a chamados, a qualquer hora do dia ou da noite.

CARANGOLA

I. 4 – *O Radical*, nº1, p.4



O RADICAL

FABRICA DE CIGARROS

Costa Guimarães & Comp.

Com fabrica de picar e desfiar fumo

Rua 15 de Novembro

FUMO DESFIADO

Borboleta		Kilo	5:000 e 6:000
Carangola	1ª.	«	3:000
«	2ª.	«	2:000
«	3ª.	«	1:500
Rio Novo	1ª.	«	2:500
« «	2ª.	«	2:000
Pomba	1ª.	«	2:500
«	2ª.	«	1:500
Goyano	1ª.	«	2:500
»	2ª.	«	2:000
Carangola Virgem	1ª.	«	2:500
« «	2ª.	«	2:000
Goyano «	1ª.	«	2:500
« «	2ª.	«	2:000

Fumos em pacotes de 25 e 50 grammas

Goyano	por	«	2:000 e 2:500
Rio Novo	por	«	1:800 e 2:200
Carangola	por	«	1:600, 2:000, 2:500, e 3:000

Cigarros de palha qualquer feitio, milheiro 6:500 7:, e 8:000
« Borboleta legimos, milheiro 10:000
« de papel branco, milheiro 5:000
« « pardo fuzileiros, milheiro 2:000
Charutos Havana legitimos, cento 16:000 e 20:000
Outras marcas imitação, cento 4:000 5:000, 6:, 7:000 e 8:000
Ditos em pacotes 2:500 e 3:000
Papel Ambre e cosmopolita em caixa
Palhas grandes e pequenas
Fumo em corda dos melhores factores, metro 2:000 2:500 3:000 4:000
Fumo mais baixo, metro 500 600 800 e 1:000.

O Doutor

CLAVO AUGUSTO DE MAGALHAES

Tem seu escriptorio de advogado n'esta cidade de Santa Luzia do Carangola, onde reside; — e occupa-se de todos os negocios relativos á sua profissão.

CARANGOLA

FOGÃO ECONOMICO

Vende-se um em bom estado para tratar-se nesta Typographia.

Costa & Leal

Viggiano, Costa & Macedo

COMMISSARIOS DE

Café e mais Generos do Paiz

74 Rua Visconde de Inhauma 74

Rio de Janeiro

Viggiano & Com. — Bernardo Glz. Macedo

LUIZ SANCHES

Com casa de commissão, café fumo e generos do paiz

47—Rua Visconde de Inhauma—47

Representante nesta zona

Antonio Ramos

Fornecimento de saccos aos Snrs. committentes gratis, grande deposito dos mesmos na Estação desta cidade, Morro Alto e S. Paulo do Muriahé. Offerece as pessoas que lhes consignarem seus generos, para compras de artigos que precisarem, para o que dispõe de grande pratica, como tambem mandar vir do Estrangeiro livre de qualquer commissão.

CARANGOLA

COSTA MATTOS & C.

COM CASA DE COMMISSÕES E CONSIGNAÇÕES DE CAFÉ, FUMO E MAIS GENEROS DO PAIZ, NO RIO DE JANEIRO

84—Rua da Prainha—84

E' commanditario da referida firma COSTA MATTOS & C.ª o capitalista Juvenal Damasceno, director gerente do Banco Federal dos Estados Unidos do Brasil.

PATROCINIO DO MURIAHÉ

Fabrica de cerveja, distillações e aguas gazozas em geral

DE

Januario Laurindo Carneiro

PREÇOS:

Cerveja de 1ª qualidade, enfeitada, cevada pura, garrafa	500 e 560
Cognac em garrafa de litro, caixa	16$ e 18$000
Genebra em botijas, duzia	16$000
Aniz superior, duzia	9$000
Laranginha, o que ha de superior, duzia	9$000
Bitter, fórma especial como tonico por excellencia, duzia	10$000
1 / 10 de reino, igual ao melhor da Europa	30$000
Agua gazoza de gengibre, garrafa	350
Xaropes, garrafa, de 700 reis até	18$000
Licor especial de leite, garrafa	28$000
« ordinario, garrafa	700
Agua de seltrz, caixa de 24 garrafas	9$000
Wermouth fabricado de vinho especial, caixa de 12 garrafas de litro	30$000
Wermouth de vinho nacional, caixa de 12 garrafas de litro	18$000

Alem das bebidas supra citadas, fabrica-se outras quaesquer, ao gosto do freguez.

Todos os preparados são feitos com materiaes de 1ª qualidade e o fabricante prima em acceio, e capricho no engarrafamento.

Acceita-se dos freguezes os vidros apropriados para cerveja a 100 reis, e a 50 reis os apropriados para agua seltrz, não contendo não cheiro de especie alguma, nem oleos, devendo vir muito bem acondicionados afim de não se quebrarem na viagem.

Paga-se os engradados, caxões ou barricas.

Não se aceita garrafas em pagamento no fim do prazo concedido e sim dinheiro unicamente.

Brevemente terá uma machina americana para impressão de uma e mais cores, para os serviços typographicos da fabrica, podendo portanto aos seus amigos e freguezes em encommenda d'este genero como sejam: cartões de visitas, idem commerciaes, cartas de convite, facturas, memorandums, participações de casamento, etc, etc.

Grande Hotel Cachoeirano

EM FRENTE A ESTAÇÃO

Inauguração em 2 de Julho de 1891.

O proprietario do Grande Hotel Cachoeirano, participa ao respeitavel publico que neste bem montado estabelecimento encontrarão os Snrs. Cavalheiros e Exmas. familias, bons commodos, excellentes e variada meza com acceio e abundancia.

Junto ao Hotel, tem um bem sortido armazem de seccos, molhados e generos do Paiz, e tudo mais pertencente a este genero de negocio.

Grande variedade de Vinho de meza, e de outras qualidades engarrafados e de diversas marcas.

Para facilidade de transporte dos Snrs. hospedes terá bons animaes de sella para alugar.

PREÇOS RAZOAVEIS

O PROPRIETARIO

Josè Jacintho de Moura.

I. 5 – *O Rebate*, nº32, p.1 15 de outubro de 1893

O Rebate

Anno II

ASSIGNATURAS
POR DOZE MEZES
Para a cidade..... 8$000
Para fora..... 10$000

REDACTORES:—Drs Alves de Farias e Aníriso Fialho

Carangola, (Minas) 15 de Outubro de 1893

ASSIGNATURAS
POR SEIS MEZES
Para a cidade..... 5$000
Para fora..... 6$000

Num. 32

BIBLIOTECA PUBLICA

O REBATE

Manifesto politico

DO

DR. RUY BARBOSA.

Sr. director da *Nacion* — Forçado a ausentar-me do Rio de Janeiro, em consequencia dos ultimos acontecimentos, devo ao meu paiz, assim como áquelle a que vim buscar asylo, a exposição dos motivos que me trouxeram á estas plagas, longe do theatro das minhas obrigações politicas e sociaes, violentamente separado do Congresso brazileiro onde exerço um mandato da imprensa a que pertenço pela direcção de um jornal militante, da familia cuja ausencia, nunca até agora por mim soffrida me é a mais acerba e intoleravel das provações do deserto.

Nenhuma participação directa nem indirecta me cabe na actual revolução.

O emigrado não é, por conseguinte, o revolucionario, é o jornalista, o senador, o advogado, cuja attitude na imprensa, no parlamento, nos tribunaes, em defesa dos perseguidos politicos, os livrava dos ataques do governo dominante.

Profundamente preoccupado com as responsabilidades que me cabiam na organisação republicana do Brazil, cuja Constituição é principalmente obra minha e vendo-a desapparecer rápidamente em uma dictadura militar, cedi aos mais imperiosos reclames da minha consciencia, voltando á imprensa, onde me batera contra o governo pessoal do imperador, para defender ante o governo pessoal do presidente da Republica o pacto em 1891.

Com este proposito assumi em maio deste anno a direcção do *Jornal do Brazil* e, na redacção dessa folha, afastando-me de todos os circulos partidarios, lavantei o programma da legalidade constitucional, inflexivel, absoluta. O meu plano era submetter ao mais escrupuloso exame, ante as normas do novo regimen, os actos do poder assim como o procedimento de varios grupos politicos, apreciando-os com independencia, á luz da carta de 24 de fevereiro. Difficil era a missão, porém tenho a certeza de não havel-a atraiçoado.

A meu ver, era essa a bandeira conservadora por excellencia. A observancia da lei é o principio especifico da perseverança das instituições livres e, sobretudo, nas organisações democraticas não ha outra salvação possivel para as sociedades. D'esse criterio não me desviei uma linha; toda a minha opposição foi regida estrictamente por este criterio. Era com os textos legislativos nas mãos que eu argumentava contra os abusos, cuja multiplicação nos contristava. No meu entender, a consolidação da Republica no Brazil só dependia de uma propaganda tenaz e intelligente neste sentido.

A autonomia federativa dos Estados republicanizou o paiz mais depressa e mais seriamente do que se imagina. Em alguns d'elles a vida municipal se estabeleceu como por encanto, desenvolvendo-se com admiravel precocidade e notavel florescencia. A' inercia vegetativa das antigas provincias succedeu em geral a mais lisongeira prosperidade. O que atrophia agora a Republica Brazileira é a degeneração do governo nacional. O mal está nos centros organicos da União. E esse mal consiste na troca da soberania do povo pela soberania militar, na substituição da lei pela vontade de um homem. Foi contra esse flagello que abri uma campanha implacavel,

Os jornalisias officiaes no Brazil, sob este regimen, adoptando noções originaes em relação com essas idéas elementares, não tardaram, entretanto, em attribuir-se os titulos do principio conservador, desfigurando com a qualificação de anarchia a nossa propaganda legalista. No seu ponto de vista o governo é a lei, e portanto a opposição é a desordem. No nosso, a ordem reside na legalidade e a anarchia no arbitrio. Já se póde imaginar a que explorações se prestou esta interesseira confusão.

Aquelles a quem pediamos a inviolabilidade da lei nos impuzeram o mote de « desorganisadores ». Não faltou quem simplesmente por esse meu proceder, publico, franco, sem sombras, me attribuisse o papel tenebroso de cabeça de uma conjuração, espalhada pelo paiz inteiro, contra as instituições constitucionaes.

Essas calumnias, rebatidas sempre com o calor da evidencia, retrahiam-se para surgir em seguida com a audacia da irresponsabilidade.

Mais de uma vez, entretanto, tive occasião de mostrar as intenções conciliadoras que me animavam. Assim, na questão da Santa Sé, a proposito da provisão de algumas cadeiras episcopaes, fui dos que collaboraram para amainar os ventos perigosos que o radicalismo costuma manter. Na reforma bancaria, que, de todas as questões parlamentares, era a que mais seriamente empenhava a administração publica, os meus conselhos á opposição conciliaram-me esforçadamente a votar com a maioria. No voto da lei de meios, cuja approvação, nos ultimos momentos do Congresso, requeria da parte da minoria uma somma de indulgencia que importava quasi a renuncia de seus direitos de fiscalisação parlamentar, fiz todo o possivel para que se dessem ao poder executivo todos os meios de governo, evitando a dictadura.

Não se podiam dar maiores provas de espirito de conciliação, onde a transacção era legitima.

Onde eu a considerava, entretanto, absolutamente ilicita era no terreno da lei. E ahi, imprevistamente, se me abriu campo a uma luta, que acabou de denunciar-me aos habitos arbitrarios do governo como o peior dos seus inimigos. Aprisionado o *Jupiter*, instrumento da temeraria empreza do almirante Wandenkolk, a repressão, para fazer-se legalmente, devia processar immediatamente os accusados, entregando-os á justiça commum. Entretanto, não se procedeu assim.

Prenderam-se indistinctamente todos os individuos encontrados a bordo daquelle navio, alheios, em sua maior parte ao movimento, passageiros, tripolantes, estrangeiros muitos d'elles ao serviço do navio mercante tomado por assalto e tratou-se de submetel-os a todos os tribunaes militares, depois de detel-os por tempo indefinido incommunicaveis nos calabouços das fortalezas. Fizme advogado d'esses homens, porque foi sempre costume invariavel meu ser do partido das victimas, e, porque estas neste caso, representavam a lei, aggravada pela mais flagrante das violencias jámais commettida em minha terra contra a liberdade individual.

Comecei requerendo *habeas-corpus* ante o Supremo Tribunal Federal em favor de quarenta e oito d'aquelles presos O poder manifestou o seu despeito ante essa tentativa de reparação legal, negando a apresentação dos pacientes á justiça. Esta, não obstante, concedeu liberdade a todos. Pedi-a tambem ainda para outro e obtive-a. Ficaram apenas o almirante Wandelkolk e dois outsos officiaes, como aquelle, reformados. Sustentava eu que ,como reformados, estes officiaes não estavam sujeitos á jurisdicção militar e que esta excepção favorecia mais o almirante Wandenkolk, por força da immunidade parlamentar, nos termos em que a Constituição brazileira a define.

Consegui levar a questão debaixo d'esse aspecto ao Senado, onde, depois de largas e variadas peripecias, em uma sessão memoravel, obtive, com o apoio de uma fracção da mesma maioria e com o concurso até do relator das commissões, sr. Quintino Bocayuva, que se havia manifestado em sentido opposto, a declaração da competencia do fóro commum para o processo.

Era a mais desastrosa das derrotas para o governo, que, por todos os modos compromettera honra, poder e capricho em subtrahir aos tribunaes ordinarios o almirante Wandenkolk, sumettendo-o á severidade da magistratura militar, cuja incompetencia, aliás, fôra solemnemente reconhecida por um conselho de investigação composto de almirantes, que o governo havia formado especialmente para esse fim.

A consequencia desses triumphos judiciarios e parlamentares era logicamente o termo da prisão preventiva imposta ao almirante Wandenkolk e aos seus dois companheiros. Foi o que tratei de promover medante novo requerimento de *habeas-corpus*. Desta vez não tive o exito que esperava e escrevendo, como o faço, em um paiz estrangeiro, desgosta-me, em consideração ás instituições do meu paiz, dizer a razão porque.

Bastar-me-ha consignar, alludindo ao que a imprensa denunciou e ficou sem contestação por parte dos interessados, que houve, para esse resultado, a interposição de manejos officiaes cuja influencia tirou á justiça a sua liberdade moral.

Nós não reclamavamos como se vê, para o almirante Wandenkolk e seus companheiros, a irresponsabilidade. Pediamos simplesmente o seu processo no juizo *competente*, nos tribunaes ordinarios, que não são refugio de criminosos, ao passo que o governo insistia em dispor d'elles d'esse modo, entregando-os á mercê de uma magistratura em que elle directamente influe pela nomeação de juizes *ad hoc*.

Póde imaginar-se o grão de tensão a que chegaria a luta atravéz d'esses episodios successivos e o odio official a que devia achar-se condemnado o homem que tomára sobre os seus hombros a iniciativa de dar aos seus concidadãos esse exemplo pratico de resistencia juridica ao poder. No mais vivo da irritação incendida contra elle, por essa perseverança na reacção legal contra os excessos da força, foi que estalou a revolução de 6 de Setembro, verdadeira surpreza para mim, para o governo e para o paiz.

A desorganização da marinha parecia completa. O governo havia desligado do serviço ou alijado do paiz officiaes suspeitos, havia dispensado com elles os navios; havia posto varios desses na impossibilidade de combater; havia mandado forças de terra para estabelecimentos navaes; havia prendido um almirante n'uma fortaleza do exercito. Cessavam os rumores suspeitos. Nada fazia crer que d'aquelles restos esparsos e inanimados pudesse surgir um movimento de vida.

Continúa.

I. 6 – *O Rebate,* nº 32, p.2

Minotauro

O sr Floriano tem fome. O seu estomago de minotauro estorce-se em convulsões epilepticas e grita desordenadamente pela sua bocca, pedindo o pão saboroso de corpos de homens, de patriotas indefesos, de cidadãos republicanos.

A gana voraz que o move, que o impelle, como aos leões perdidos na solidão indefinida do Atlas, exige que os seus asseclas lancem mão da pá das revoluções e lhe atirem *pasadas* de homens a sua garganta faminta du Lucullo devasso.

Deshonrou a Republica, desvirginou a Constituição e agora, como o Falstaff nauseabundo da creação de um genio, atira-se sem peias á deglutição pesada de patriotas.

Inda bem.

Os cubiculos da Casa de Detenção, no Rio de Janeiro, são o armazem fartissimo do minotauro do Itamaraty.

E' a sua dispensa; amontôa alli prisioneiros e ceva-os alguns dias para o regalo de seu appetite de governo.

O *Correio da Tarde* de 10 de outubro, que temos aos olhos, traz em artigo de fundo o desenrolamento tetrico que Martinho Garcez faz da prisão a que foi sugeito e da sua reclusão na chefatura de policia da Capital Federal.

Mais abaixo Serpa Junior desenrola o quadro tristissimo do seu aprisionamento e mandado para á Casa de Correcção aonde encontrou no cubiculo 162, o dr. Raymundo Bandeira, deputado por Pernambuco, Sacramento Blocke, Barão de Drummond, dr. Hilario de Gouveia, Miguel Sant'Anna, dr. Castilho Lisboa, major Pedro Camara, visconde de S. Manoel, Alfredo Gonçalves, Eduardo Ramos e outros.

E são esses homens, esses typos genuinos do patriotismo á prova de fogo que o sr. Floriano ambiciona, que o sr. marechal traga victoriosamente, absorve vingativo.

Saiba o governo que eu ainda existo, que d'aqui de um canto de Minas fallarei pelas columnas do *Rebate*, amontoando os erros, sommando os crimes do governo actual e que só me calarei perante a lamina aguda de um punhal ou a bala de um rewolver apontado.

E' preciso que me mande prender.

E acredito que o snr. marechal ou alguem por elle, já o tenha pensado. E a prova está nos policias secretas que o trem vomitou, ha dias, na estação, e que sem pejo percorrem diariamente as ruas de Carangola, como enviados de um Poder infernal.

Cumpre que governo faça calar tudo e a todos, que nada grite, porque do contrario eu gritarei d'estas columnas que Santa Catharina está em poder dos revoltosos, que a Villegaignon adherio, que o *Republica* e *Pallas* estão na barra, que a esquadra se move, que a revolta triumpha.

O sr. marechal ha de expiar, quer queira, quer não, a sua vida criminosa de governo sob o punhal vingador da soldadesca ebria e desenfreiada.

E' prophecia do Padre Gervasio.

ALVES DE FARIAS.

Bric á Brac

Agora que tenho as costas quentes e que tenho certeza de que o partido moribundo Floriano é tão diminuto, como se não existisse, crio alma nova e posso francamente acompanhar as vozes d'estes milhares de creaturas que diariamente amaldiçoam o nome de Floriano Peixoto.

Não julguem que isto é valentia; eu cá sempre fui independente em meu modo de pensar; somente sou muito reservado em minhas manifestações, não só por principio de civilidade, mas tambem porque de vez em quando a gente se encontra com uns cavaignes que nos querem espanar as ventas, ou algum Camões que entende que devemos andar lado sul ou lado norte conforme está aproada a bussola da sua navegação.

Bem mostrais, carangolenses, que sois dignos filhos de Minas, d'este berço da liberdade; caminhais sempre na vanguarda da civilisação, sois respeitadores da auctoridade, mas sabeis repellir a violencia e o abuso do poder.

Mãos a obra, tereis de lutar com terriveis inimigos—o *florianismo* e o *sebastianismo*, esse cancro que róe o coração da patria.

JAMBONNET.

NOTICIAS LOCAES

Jury. — O tribunal do jury abre-se amanhã, havendo segundo nos consta por fonte limpa, numero regular de processos a serem julgados.

Estreiará por essa occasião o dr. promotor da justiça e nosso redactor, dr. Anfriso Fialho que Carangola irá ouvir surpreza e admirada pois conhecemos, ha muito, esse moço e sabemos dispor de grande talento oratorio.

Camara de S. Manuel. — Esteve ente nós esta distinctissima corporação que aqui veio decidir o pleito eleitoral de vereadores eleitos, reconhecendo-os.

Na vespera de sua partida, o Reis, o gerente do Grande Hotel, o homem mais entendido de festins que conhecemos, offereceu-lhe um opiparo banquete aonde entre uma côxa de peru *fazendêe* e um entrecosto de carneiro assado, foram servidos trechos fuzilantes de politica florianista e custodista, regados com magnifico Port wine, *au dessert*.

Bravos ao Reis e cumprimentos á Camara em questão.

Mais um.—No dia 11 á meia noute forçou e sahiu barra fóra o vapor da Companhia Frigorifica *Meteóro*.

As fortalezas de Santa Cruz, Lage e S. João sustentaram vivissimo fogo, porém debalde.

Visita honrosa. — Estiveram, entre nós, dous dos mais distinctos cavalheiros membros do Congresso Mineiro e candidatos na proxima eleição federal.

São o dr. Ildefonso Alvim e dr. Octavio Ottoni.

Fomos-lhes apresentados e no correr da palestra animada, tivemos occasião de reconhecer em cada um d'esses dignos cavalheiros um homem da tempera de aço preciso ao estado de cousas actual, perfeitamente orientado e levando para dentro do congresso federal a mais livre e a mais completa opinião sobre os negocios politicos do paiz.

São ambos candidatos e protestamos-lhe o nosso apoio pelas columnas d'esta folha sempre que a isso o seo appello nos chamar.

Cumprimentamol-os affectuosissimamente.

TINTA SARDINHA—Vende-se nesta typographia.

D. Delmira Rocha. — Falleceu esta senhora, filha do sr. Antonio Silverio e digna esposa do sr. Olintho Nogueira.

A desditosa sra. falleceu victima de molestia pertinaz que absorveo-lhe os dias de vida rapidamente e levou-a ao sepulcro tão cedo, na carreira desditosa da vida.

Pezames a exma, familia.

J. Ribeiro da Silva. — A penna treme-nos nas mãos ao traçar a noticia que segue.

Mão assassina ceifou o fio da vida, á semelhança da Athropos mythologica, a esse inditoso moço.

De 23 annos apenas, robusto, de constituição forte, activo, José Ribeiro abre um vacuo na sociedade carangolense, difficil de preencher.

A commoção embarga-nos a phrase. Dizemos apenas que aqui ficamos para a justiça humana.

Visitantes. — Estiveram comnosco, em visita intima, em palestra adoravel, os nossos amigos e correligionarios Basilio Camara, uma das victimas do governo actual, emigrado para longe sem familia e sem commodos e Miguel Bruno um partidario enragé e rapaz de uma orientação admiravel e franca.

A união que nos liga á esses moços estabelecendo um cordão sanitario entre nós, faz com que os abracemos d'aqui jubilosos, alegres e apertemos-lhe as mãos num movimento de cohesão e homogenidade deidoas.

Balduino Guimarães.—Acha-se entre nós este distincto cavalheiro, advogado residente na cidade de Leopoldina.

Cumprimentamol-o.

Manifesto politico. — Transcrevemos hoje em nossa primeira pagina, o manifesto politico que o eminente estadista dr. Ruy Barbosa publicou no jornal *La Nacion* de Buenos Ayres.

E' uma peça importantissima de grande alcance politico, embora o sr. Urbano Duarte quizesse desmerecêl-a.

Felizmente o illustre dr. Ruy Barboza é mais conhecido do que o sr. Urbano Duarte.

EXPEDIENTE

São nossos representantes em S. João do Matipôo, os srs. Nicoláu Pagano & Irmão, firma conceituadissima que brevemente ahi se abrirá.

Podem os nossos assignantes dirigirem-se á estes snrs., para suas reclamações, pedidos de assignaturas e qualquer negocio que tenham com esta redacção.

GOMMA DISSOLVIDA — Vende-se n'esta typographia.

A PEDIDO

Collegio Leal

AVISO

Por terem sido inauguradas as aulas deste estabelecimento de instrucção ha poucos mezes, o director, afim de não prejudicar a marcha dos estudos, resolveu não dar ferias no corrente anno.

Carangola 14 de Outubro de 1893.

Randolpho Gomes Leal.

LACRE SUPERIOR — Vende-se n'está typographia.

Agente do correio

O agente do correio pede toda a attenção ao pessoal d'esta cidade para a observação que faz.

Em virtude do prolongamento da revolução no Rio de Janeiro, faz sciente a todos que fica estipulado de ora em diante que se abrirá a mala que vem Rio, a toda e qualquer hora que chegue o expresso; porem a repartição dos correios nunca se abrirá antes das 7 horas da manhã, pois com o trabalho que tem á noute, alem de encommodos na familia, tem-se-lhe apresentado cidadãos que quasi lhe botam a porta abaixo de tanto bater e para que ninguem abuse, torna a affirmar que não abrirá a agencia antes das 7 horas. Quem tiver pressa de ler os jornaes que os procure á chegada do trem ou entre em conchavo com o carteiro.

Outrosim pede muito a todos os cidadãos que na hora do recebimento tenham mais moralidade, todo o silencio, porque dias tem havido em quasi suppõem algumas pessoas estarem no *Hotel democrata* o que é alem de muito feio, imprudente de mais.

Theatro S. Luzia.

São convidados os snrs. accionistas á uma reunião hoje ao meio dia.

Carangola, 15—10—93.

Innocencioessa

Director e presidente.

Mudança de nome

Manoel Alves de Souza, estabelecido em Manhuassú encontrando outro de igual nome e que tambem mantem transacções com a praça do Rio de Janeiro, causando-lhe essa coincidencia não pequenos embaraços, torna publico que de hoje em deante assignar-se-ha

Manoel Felicissimo de Souza.

Carangola, 11—10—93.

Circular

Aos negociantes e fazendeiros da matta

Carangola, 20—9—93.

A presente circular tem por motivo communicar-lhes que acabamos de abrir nesta cidade, em frente á Estação da Estrada de Ferro, e sob a razão commercial de

SANCHES & BRAGA

um armazem de **molhados, kerosene, mantimentos, fazendas, roupas grossas, tintas e ferragens,** para o qual chamamos a attenção de V. Sas.

As condições em que foram feitas as nossas compras e a longa pratica que temos desse ramo de commercio, nos levam a garantir-lhe que as ordens de que formos incumbidos serão executadas com esmero e presteza.

Encarregamo-nos mais de despachos de café, fumo e outros generos, mediante pequena commissão, como tambem de reclamar das Estradas de Ferro, gratis para aquelles que nos honrarem com a sua freguezia, as mercadorias que os mesmos tenham nellas extraviado. Acceitamos cargas á consignação.

Certos de que V. Sas. tomarão no devido apreço esta circular, firmamo-nos com toda a estima e consideração.

De V. Sas.

Amigos e obrigados.

Sanches de Magalhães.

Belmiro Braga.

Cachorro fugido

Fugiu um da casa do sr. Nunes, accôde ao nome de Bruto é vermelho claro, de raça atravessado cabeçudo, tem do lado esquerdo, e na barriga um signal de queimadura, por isso pede o sr. Nunes a pessoa que o tiver, ou d'elle der noticias a seu dono será bem gratificado.

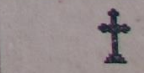
A' Praça

Sob a razão social de *Sanches & Braga* e para o commercio de **molhados, mantimentos e roupas grossas** temos organisado neste lugar uma sociedade commercial, da qual somos os unicos responsaveis.

Para os devidos effeitos, fazemos o presente annuncio.

Carangola, 4 de Setembro de 1893.

Sanches de Magalhães Filho.—Belmiro Braga.



JOSE' RIBEIRO DA SILVA

D. Guilhermina Ribeiro da Silva, Arnaldo Dietrich, sua mulher e filhos e Silverio Brant convidam aos parentes e amigos para acompanhar os restos mortaes de José Ribeiro da Silva, seu filho, irmão, tio, cunhado, hoje 15 do corrente ao meio dia, ao cemiterio desta cidade, saindo o corpo da casa do sr. Silverio Brant.

Desde já se confessam gratos.

Carangola, 15—10—93.

I .7 *O Rebate*, nº32, p.3

O REBATE 3

Alfaiataria

Os abaixo assignados fazem saber ao publico e a seus amigos e antigos freguezes, que abriram novamente a sua alfaiataria n'esta cidade á rua Marechal Deodoro, sob a firma Vidal & Filhos e com a denominação de *Thesoura brazileira*.

Acabam de receber um sortimento luxuoso de cazemiras e aviamentos do mais apurado bom gosto. Recebem igualmente figurinos de modas do melhor auctor, a escolha de seus freguezes. Garantem igualmente perfeito trabalho e preços modicos, não poupando esforços para bem servir os seus freguezes. Naocortam obras para ora.

Esperam a benevolencia do publico.

Carangola 19 de Setembro de 1893.

Vidal & Filhos.

ANNUNCIOS

ARROZ
Saco 25:000
10 litros 3:800
A DINHEIRO
EM CASA DE
Freitas Netto & C.

Dr. Afriso Filho
ADVOGADO
Encarrega-se de causas civeis e commerciaes em que não seja impedido.
RESIDENCIA RUA M. DEODORO

ADVOGADO
Dr. José Geraldo Bezerra de Menezes
Incumbe-se do patrocinio de causas civeis, commerciaes, crimes e orphanologicas neste e em outros foros —qualquer instancia—
Escriptorio permanente
PRAÇA DO BARÃO DO PIABANHA 12
PARAHYBA DO SUL

MATA CASPA
Tonico Americano de Camacam, unico que faz desapparecer a caspa e nascer o cabello aos mais calvos; unico deposito na rua do Theophilo Ottoni n. 11.

LETTRAS EM BRANCO
Vende-se na typ. d'*O Rebate*

COLLEGIO S. ANTONIO
Internato e externato para o sexo masculino
Curso primario e secundario sob a direcção de
RODOLPHO E. DE AMORIM
As aulas deste estabellecimento de instrucção começam a funccionar no dia 2 de outubro, estando desde já aberta a inscripção para a matricula dos cursos que constituem o seu programma de ensino.
Vigorará quanto aos preços a seguinte tabella:
POR TRIMESTRE
INTERNATO { Curso primario..... 120:000 / Curso secundario..... 135:000
EXTERNATO { Curso primario..... 30:000 / Curso secundario..... 45:000
Para mais esclarecimentos os interessados deverão entender-se com o director em a rua Tenente Leopoldino.
Santo Antonio do Muriahé, 17 de setembro de 1893.

Emporio da Barateza
LINDORF M. DE GODOY
Communica aos seus numerosos amigos e freguezes que acaba de receber, de importantes casas commerciaes do Rio de Janeiro, um completo sortimento de fazendas, armarinho, ferragens, roupa feita, chapéos de sol e de cabeça, molhados e mantimentos, tudo de superior qualidade. Fumos virgem, charutos e objectos para fumantes.
PREÇOS BARATISSIMOS!
CIDADE DO CARANGOLA

MANUEL ANTONIO FERREIRA
INTERESSADO E REPRESENTANTE DE
J. Lemos Junior
Successor de LEMOS JUNIOR & PINHEIRO
COMMISSARIO E CONSIGNATARIO DE CAFE' E MAIS
GENEROS DO PAIZ E ESTRANGEIROS
Encarrega-se de compras de encommendas e de mandal-as vir directamente da Europa e America do Norte a preços rasoaveis
112, RUA DE S. PERO, 112
Endereço Telegraphico "Calimerim"
Capital Federal

Engenho Central de Faria Lemos
PRETEXTATO JOSÉ DE ALMEIDA
tendo feito acquisição deste estabelecimento outr'ora pertencente aos srs. Ferreira, Novaes & Comp., acaba de fazer grande reforma no mesmo e com estes melhoramentos conta merecer a confiança dos srs. fazendeiros dando-lhe a preferencia para preparar os seus cafés, serviço este que faz por
Estação de Faria Lemos
Estrada de Ferro Leopoldina

SANCHES & BRAGA
ARMAZEM DE
sal, mantimentos, kerosene e cal. Roupa grossa, ferragens, tintas, armas de fogo, couros e fumo em rolo e desfiado.
PREÇOS EXESSIVAMENTE MODICOS
Recebem cargas á consignação e se encarregam de despachos de café, fumo etc. mediante pequena PORCENTAGEM
Para melhor facilitar as remessas de café de nossos freguezes temos deposito de saccos das seguintes casas commissarias do Rio:
Oliveira Carvalho & Comp., Mariani, Ramos & Comp., Leite & Comp., Banco Commissario Minas e Rio, Mesquita Borges & Comp., Custodio, Machado Guimarães & Comp., Abreu, Raul de Carvalho & Comp. e J. Lemos Junior.
Rua da Estação
JUNTO AO ENGENHO CENTRAL

Superior cal mineira
SACCO 3$500
NA CASA DE
SANCHES & BRAGA
RUA DA ESTAÇÃO

Albino Duarte, Costa & Salles
Successores de ALBINO DUARTE & COSTA
com casa de commissões de café, fumo, algodão
E MAIS GENEROS DO PAIZ E DO ESTRANGEIRO
87 RUA DE SÃO PEDRO 87
Rio de Janeiro
(26—20)

Bandeira, Soares & C.
COMMISSARIOS DE CAFÉ E OUTROS GENEROS DO PAIZ
189, Rua dos Ourivês, 189
CAIXA DO CORREIO N. 1084
RIO DE JANEIRO

TÁYUYÁ DO OLIVEIRA
OU
LICOR DEPURATIVO DE TÁYUYÁ
Oliveira, Filho & Baptista
Preparado e prescripto na
CIDADE DE S. JOÃO DA BARRA
Para cura radical das affecções syphilificas, herpeticas, bobaticas, escrofulosas, rheumatismo, morphea, e todas as molestias da impureza do sangue.
O LICOR DE TAYUYA' de Oliveira, Filho & Baptista, tem sido vantajosamente empregado nas molestias do utero, nos cancros, escrofulas, tumores, ulceras chronicas ou recentes, molestias de pelle e finalmente em todas as molestias provenientes do vicio ou impureza do sangue.
DEPOSITARIOS:
Em Patrocinio do Muriahé, o pharmaceutico Vicente Severino de Vasconcellos.
No Rio de Janeiro. Araujo, Freitas & C., rua dos Ourives n. 118.
A' venda em todas as pharmacias.

CUSTODIO MACHADO GUIMARÃES & COMP.
Commissarios de Café
173 RUA DOS OURIVES 173
Rio de Janeiro
Deposito de saccos em Faria Lemos, em casa do sr. José Joaquim d'Oliveira, rua Americo La Cerda.

M. CHAVES & COMP.
COMMISSARIOS
DE CAFÉ E MAIS GENEROS DO PAIZ
ARMAZEM DE CARNE SECCA E MANTIMENTOS
63, RUA DA PRAINHA, 63
RIO DE JANEIRO
REPRESENTANTE (16—7)
Raymundo Linhares de Souvêa
TOBMOS DO CARANGOLA. — MINAS

I.8 – *O Rebate*, nº32, p.4

COLLEGIO LEAL

Internato e externato para meninos e meninas

CURSO PRIMARIO E SECUNDARIO SOB A DIRECÇÃO DE

Randolpho Gomes Leal

As aulas deste estabelecimento de instrucção estão funccionando desde o dia 17 do mez de julho, estando desde já aberta a inscripção para a matricula nos cursos que constituem o seu programma de ensino.

Vigorará quanto aos preços a seguinte tabella:

POR TRIMESTRE

Externato	Curso primario.... 30$	Internato	Curso primario.... 150$
	Curso secundario.. 45$		Curso secundario.. 165$
Semi-internato	Curso primario.... 75$		
	Curso secundario.. 90$		

Para mais esclarecimentos os interessados se deverão entender-se com o director em sua residencia na rua 15 de Novembro.

Santa Luzia do Carangola, 11 de julho de 1893. 26—16

MARIANI, RAMOS & C.

COMMISSARIOS DE CAFÉ

12, RUA MUNICIPAL, 12

RIO DE JANEIRO

Os srs. committentes encontrarão saccos para a conducção de suas remessas em casa de Innocencio Bessa & C. 26—15

ROUPAS FEITAS POR ATACADO

Souza, Freitas, Almeida & C.

RUA THEOPHILO OTTONI, 37

RIO DE JANEIRO

26—22

Socios componentes: *Antonio da Silva Rocha*, *Julio Augusto de Souza*, *Joaquim Gomes de Freitas*, *Virgilio Vieira de Almeida*

ARTHUR COIMBRA

Proprietario de uma

bem montada officina de SAPATEIRO E SELLEIRO encarrega-se de aprómptar com perfeição e modicidade em preços, todo e qualquer trabalho concernente a sua profissão.

VER PARA CRÊR

ESTAÇÃO DE FARIA LEMOS

Estrada de Ferro Leopoldina 26—19

Dr. Manoel Francisco Tavares

Medico operador e parteiro

—HOJE—

Declara que acha-se do dia 30 em diante residindo em Faria Lemos, attendendo a chamados a qualquer hora do dia ou da noute para dentro ou fora da mesma localidade.

Colchoaria Eliz Lopes

O abaixo assignado previne aos seus innumeros freguezes que acaba de abrir a rua 15 de Novembro uma colchoaria, aonde se pode encontrar o mais completo sortimento de colchões, almofadas de paina magnificamente preparados e feitos.

Carangola, 13—julho—1893.

26—14 *Joaquim Eliz Lopes.*

MEDICO-OPERADOR

Dr. Nones Galvão

Antigo interno do Hospital de São João Baptista de Nitheroy, com pratica nos hospitaes do Rio de Janeiro e da Europa.

Reside na

Cidade de Itaperuna

E. F. CARANGOLA 12—1

Lopes Xavier & C.

COMMISSARIOS DE CAFE'

e mais generos do paiz

57-Rua V. de Inhaúma-57

RIO-DE-JANEIRO

O Snr. Antonio Candido de Souza fornecerá saccos ás pessoas que quizerem lhes dispensar os productos de su lavoura; residencia, Carangola.

ADVOGADO

Dr. Alberto Augusto Diniz

Aceita causas civeis e criminaes e defende perante o jury desta e das comarcas visinhas.

Cidade do Manhuassú

ARMAZENS DE SAL, CAL E KEROZENE

Fazendas, Modas, Roupas, Armarinho, Ferragens, Louça, Calçado e Chapéos

Innocencio Bessa & C.

Successores de Innocencio Coelho Bessa e Americo Machado & C.

Recebem Café para beneficiar, Cargas á consignação e fazem saques

SOBRE QUALQUER PRAÇA DA REPUBLICA

CIDADE DO CARANGOLA

E. F. LEOPOLDINA 26—16

Fabrica de Cigarros Carangolense

DEPOSITO DO ESPECIAL

FUMO CARANGOLA

Neste antigo e acreditado estabelecimento avia-se, com presteza e por preços resumidos, qualquer encommenda que lhe seja feita de fumos de todas as qualidades, desfiado em rolos, palhas nacionaes e estrangeiras, cigarros de palha e de papel de todas as marcas, charutos de Havana, de Hamburgo, da Bahia, etc., e tudo mais concernente ao negocio de sua especialidade.

Costa Guimarães & Comp.

RUA 15 DE NOVEMBRO

Santa Luzia do Carangola

ESTADO DE MINAS (52—29).

PADARIA FLOR DE MINAS

LARGO DA MATRIZ

Tem sempre roscas seccas e de barão. Variedade de biscoutos proprios para chá, bolachinhas americanas, etc. Encarrega-se de preparar doces para banquetes.

GRANDE DEPOSITO DE FARINHAS DE TRIGO

José Moreira Sabido

CARANGOLA (52—13)

Soares, Affonso, Vaccani & C.

—COM—

Armazem de Sal e cal por atacado

FABRICA a vapor de cal de concha em CABO - FRIO

RECEBEM CONSIGNAÇÕES

Escriptorio — Rua da Liberdade n. 7 — Sobrado

Macahé. --- Estado do Rio

(20—26)

TYPOGRAPHIA D'O REBATE

Esta typographia, uma das mais bem montadas no interior de Minas, acaba de passar por uma consideravel reforma de materiaes, machinas e mais utensilios indispensaveis a uma officina deste genero, facilitando por esse modo o bom desempenho nos seus trabalhos.

Recebeu uma enorme quantidade de cartões de visita, superiores ditos commerciaes o que pode haver de melhor, papel diplomata e á fantazia dito commercial bom, enveloppes para officio,

Participações de casamento, enveloppes commerciaes, livros de instrucção primaria e secundaria, lettras em branco, papeis de côres, livros em branco e muitos outros artigos.

Aprompta com brevidade, nitidez e perfeição todos os trabalhos concernentes á typographia, por preços admiravelmente reduzidos.

RUA QUINZE DE NOVEMBRO

CARANGOLA — MINAS

Ao Bazar Carangolense

Rua da Ponte, esquina do Largo da Matriz

O abaixo assignado tendo resolvido a estabelecer-se de novo nesta prodiga cidade acaba de chegar do Rio de Janeiro aonde fez um escolhido e completo sortimento de fazendas, modas, armarinhos, ferragens, louças, arreios, molhados, mantimentos e todos os generos que constituem um estabelecimento de primeira ordem, vem pedir aos seus amigos e antigos freguezes o especial obsequio de continuarem a honrar-lhe com sua valiosa proteção, garantindo-lhes bem servir por preços baratissimos e a dinheiro a vista.

Francisco Luiz de Souza Serpa

CIDADE DO CARANGOLA

(26—24